

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
Ana Laura Gonçalves Francisco

PRECONCEITOS VIVIDOS PELA MULHER DEPENDENTE
QUÍMICA

TAUBATÉ – SP
2019

Ana Laura Gonçalves Francisco

**PRECONCEITOS VIVIDOS PELA MULHER DEPENDENTE
QUÍMICA**

Trabalho de Graduação apresentado ao Departamento de Serviço Social da Universidade de Taubaté, sob orientação do Prof. Ma. Mônica Maria Nunes da Trindade Siqueira, como parte dos requisitos para obtenção do título de Assistente Social.

**TAUBATÉ – SP
2019**

Ana Laura Gonçalves Francisco
Preconceitos vividos pela mulher dependente química

Monografia apresentada para obtenção de diploma de Assistente Social no curso de graduação em Serviço Social da Universidade de Taubaté.

Data: _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Mônica Maria Nunes da Trindade Siqueira

Orientador

Elisa Maria Andrade Brisola

Professor Examinador

Andréa Miranda

Profissional Convidado

*Este trabalho é dedicado a todas as mulheres dependentes químicas vítimas de preconceitos e que carregam feridas dessa doença.
Eu acredito na recuperação de cada uma de vocês!*

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser muito presente em minha vida e nunca me deixar desacreditar de sua grandeza. Obrigada, meu Deus Pai, por jamais me desamparar e sempre fazer dos meus sonhos algo melhor do que eu peço e posso imaginar.

Ao meu pai, Augusto, que mesmo de forma insegura, acreditou em mim e na minha capacidade de correr atrás dos meus sonhos e alcançar os meus objetivos. Lembro-me como se fosse ontem todo choro e toda correria para me matricular na faculdade, e no último dia, de forma inacreditável, ter dado tudo certo. Obrigada pai, por ser o meu pai, meu amigo, meu professor da vida, e por fim, por esse voto de confiança que foi essencial na minha trajetória acadêmica e no meu crescimento pessoal, você terá muito do que se orgulhar ainda. Você é essencial do jeito que é. Te amo muito!

A minha mãe, por ser incrível como mãe e como amiga, por abrir mão de tantos outros sonhos pessoais para realizar os sonhos dos seus filhos. Mãe saiba que eu nunca me imaginei sem seus xingos e seus abraços mais acolhedores do mundo, eles também foram essenciais na minha trajetória acadêmica e ao meu crescimento pessoal, são eles que me dão vontade todos os dias de lutar pelos meus sonhos. Obrigada por ser minha mãe, minha amiga, meu porto seguro e por ser dona do meu amor. Você é essencial do jeito que é. Te amo muito!

Ao meu irmão, Junior, por ter cuidado de mim e do Willian quando éramos crianças, por sempre ter me incentivado nos estudos e nas decisões difíceis que a vida nos proporciona. Obrigada, Ju, por ter cuidado de mim como irmã/filha, pelas brigas, pelos conselhos, pelas viagens e pelos momentos que nos proporcionou juntos e, de forma grandiosa e de extrema importância, por tudo que você já fez por mim. "O essencial é invisível aos olhos". Te amo!

Ao meu irmão, Willian, por dar vida aos meus dias e me trazer alegrias simplesmente pelo fato de ter um irmão como você. Obrigada, irmão, por ter sido meu amigo desde a infância até hoje, por me incentivar na vida acadêmica, me defender (quando estou certa rs!), por ser um exemplo de vida para mim, e por fim,

por ter as piores piadas do mundo, mas por incrível que pareça, para mim, elas são as mais engraçadas. Te amo!

Ao meu sobrinho, Luís Augusto, por sempre me lembrar da inocência de uma criança e me ensinar o verdadeiro sentido do que é o amor. A Tia te ama muito e sempre vai estar com você, meu “piquituxo”!

Ao meu namorado, Ramon, por ter insistido no nosso namoro e ter me feito apaixonar de uma forma única. Obrigada, amor, por ter me ajudado de toda forma nesse período de graduação, por ter despertado o meu melhor lado, por ser muito paciente comigo em todos os momentos, por se dedicar tanto por nós dois e querer uma vida ao meu lado. Você é meu amor e eu te amo muito por isso!

A minha professora, Elisa, por ter sido minha mãe da faculdade e tão presente na vida dos alunos. Obrigada, Elisa, por ter me escutado quando eu precisava desabafar, por ter me dado ombro amigo e um abraço acolhedor quando eu precisei chorar, não só pelos problemas encontrados na faculdade, mas também pessoais, e por ser um dos maiores exemplos de profissional que eu poderia ter. Você é inspiração!

Em especial, professora e maravilhosa orientadora, Mônica, por ter tornado o momento mais delicado da minha graduação, no momento mais incrível e inesquecível, simplesmente pelo fato de ser você que estava ao meu lado. Obrigada, Moniquinha, por todos os puxões de orelhas que eu mereci, por ter me dado a chance de ser orientada por você (sem escolhas rs!), por ter feito o nosso trabalho de graduação ultrapassar todas as minhas expectativas, e por ser tão cuidadosa, paciente e grande mãezona com todos seus orientandos. Você é incrível!

A professora Juliana, pela amizade que tivemos não só dentro da sala de aula, mas também nos corredores da Pró Reitoria Estudantil nas caronas até a faculdade. Ju, sua motivação e positividade me ajudaram muito nos meus dias mais cansativos na universidade, obrigada pela disposição e companhia!

Aos demais professores da área presentes, Michele e Lindamar, pelo incrível e importante conhecimento compartilhado com a turma e por serem presentes e comprometidas pela qualidade e continuidade do curso de Serviço Social na UNITAU. Sem a luta de vocês tudo seria mais difícil, obrigada!

A minha supervisora de campo, Mariana, por ter me ensinado, de maneira positiva e de uma ética impecável, a importância do comprometimento profissional no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos e o cuidado e carinho com cada usuário do serviço. Mas, para além da instituição, ter me ensinado a sempre lutar pela garantia de direitos e pela igualdade social. Você é essencial para todo esse meu processo de graduação, sem você eu não teria aprendido tão bem o que é ser Assistente Social.

As minhas amigas de faculdade, Maria Eduarda, Marina, Nathália, Joelma, Melissa, Luma e Ketryn, por compartilharem de alegrias e tristezas esses quatro anos juntas, por sempre procurar, cada uma do seu jeito, ajudar e levantar a colega de sala. Cada uma tem uma trajetória de vida diferente, isso fez a diferença, mesmo que no final da graduação, para que nós ficássemos unidas e pudéssemos contribuir uma com a outra. Obrigada de coração por esses anos juntas, desejo a cada uma de vocês sucesso profissional.

Mas, em especial, não teria como não direcionar meus agradecimentos a duas grandes amigas que tiveram comigo e me apoiaram de forma única;

Maria Eduarda – Duda – por sigo minha primeira amiga de faculdade e desde então, nunca deixou com que eu passasse por momentos difíceis sozinhas, sempre me protegeu como uma boa amiga faz com a outra e, somente pelo fato de estar ao meu lado, me deu um dos maiores incentivos para eu estar onde estou hoje. Obrigada, amiga, por ter permitido que nossa amizade ajudasse tanto uma à outra, você foi luz nesses meus quatro anos, e que nossa amizade seja para sempre, assim como meu carinho, amor e orgulho por você!

Marina, por ser minha parceira e minha companheira todos os dias, por ter feito da nossa amizade algo tão especial e por ter compartilhado momentos e

segredos únicos. Obrigada, parceira, nós duas sabemos o quanto significamos uma para outra e o quanto nossa amizade é importante e para além dos muros da universidade. Você sempre será uma amiga e companheira de trabalho especial e essencial.

A todos meus amigos, que de uma forma ou outra, me incentivaram e me apoiaram no meu percurso acadêmico, em especial, Ana Laura, Julia, Guilherme e Maria Julia, por serem meus amigos mais antigos e saberem o quanto isso significa para mim.

A minha melhor amiga, Gabrielle, que sempre esteve comigo quando precisei e quando não precisei, quando o momento foi de alegria e quando o momento foi de choro também. Obrigada, miga, por sempre estar comigo e por todos os xingos e correções que mereci, eles foram essenciais. Nós duas juntas fortalecemos uma a outra. Eu te amo!

Ao meu melhor amigo, José, por ter despertado meu olhar crítico e ter grande contribuição na escolha do curso!

Aos meus colegas de van que tornaram minhas viagens menos cansativas e aos amigos que conquistei; Mauricio, Dener, Daniel, Carla, Rodrigo e João por terem sido mais que amigos nessa jornada de ida e vindas e por terem compartilhado momentos únicos com vocês. Vocês são especiais demais!

A minha família em geral que me deu incentivos e exemplos de vida para concluir minha graduação e procurar sempre pensar no próximo e em um mundo melhor e justo.

A minha Tia Sirlei e sua filha Talita, que além de despertarem meu lado profissional, se fazem muito presente em minha vida e me dão certeza de ter alguém com quem contar quando eu precisar, amo muito vocês!

A minha prima, Amanda, que foi minha companheira e amiga nos meus três primeiros anos de graduação e que se faz presente sempre que eu preciso.

Obrigada pelos momentos de risos que compartilhamos juntas, eles me deram forças para estar aqui!

A minha convidada para compor a banca examinadora, Andréa Miranda, por ter aceitado ao convite e por participar desse momento único em minha vida.

A todos os alunos do curso de Serviço Social pelos momentos e lutas que compartilhamos juntos, agradeço a vocês pelos incentivos e desejo que sejam excelentes profissionais! Vamos nos encontrar no campo de trabalho!

“Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor”

Paulo Freire

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo compreender como se dá o preconceito com a mulher dependente química envolvida com drogas. A relevância *acadêmica* desta pesquisa para o Serviço Social está tanto em estudar a questão da mulher implicado ao uso de drogas e a dependência química, como ampliar o conhecimento sobre os preconceitos sofridos por ela e a reprodução do machismo e conservadorismo nesta questão. Para os *profissionais* da área, a relevância dessa pesquisa está no âmbito do aprimoramento sobre o tema, onde traz como diferente o recorte de gênero feminino e as implicações da questão social nesse processo de dependência de drogas ilícitas. Em relação à *sociedade* a relevância deste estudo é permitir aos leitores criticarem e analisarem os fatores sociais que levaram a mulher dependente química ser vítima de um processo de criminalização social, partindo da desconstrução de pensamentos positivistas onde se evidencia a culpabilização do indivíduo. Para a realização dessa pesquisa foi utilizado a abordagem qualitativa e na coleta de dados, a entrevista semiestruturada. A população alvo foi constituída por três mulheres em processo de tratamento da dependência química na instituição Fazenda da Esperança Mãe Esperança no município de Guaratinguetá. A análise dos dados teve como base os seguintes objetivos específicos: compreender o que levou a mulher dependente química a se envolver com drogas, conhecer como é o convívio nas relações familiares e sociais da mulher que se envolve com drogas e conhecer os impactos do envolvimento com a droga na vida da mulher dependente química. As categorias da pesquisa que nortearam este estudo foram: Dependência Química, Mulher e Preconceito. Foram abordados, nesta investigação, o preconceito vivido pela mulher dependente química explorando um tema de relevância social atual, trazendo reflexões sobre os impactos sofridos pela mulher dependente química e aprofundando a temática da criminalidade e uso de drogas. Como resultados da pesquisa observou-se que a relação da mulher com o uso de drogas se deu, primeiramente, pela fragilidade dos vínculos familiares. Em seguida, é possível apontar, que o uso de drogas também se dá como forma de suprir uma necessidade emocional existente, como mais notado, a rejeição familiar e/ou social, o que faz com que as pessoas substituam essa dor pelo envolvimento com a droga. Os impactos causados na vida dessa mulher foram: submissões machistas, perda de emprego, perda de confiança familiar e social, entre outras. Conclui-se que, o preconceito com a mulher dependente química se dá por julgamentos de uma sociedade positivista e machista que exige da mulher regras e padrões culturais conservadores, o que vem a ser, para o Serviço Social, uma luta constante de ruptura com esses processos históricos que causam os diversos preconceitos.

Palavra-Chave: Dependência Química. Mulher. Preconceito.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
APRESENTAÇÃO DA PESQUISA	24
CAPITULO I – DEPENDÊNCIA QUÍMICA	30
1.1-As drogas como reflexo do sistema capitalista.	31
1.2- Políticas de saúde e drogas no Brasil.	34
1.3- Dependente químico e seus direitos.	39
CAPITULO II – MULHER E PRECONCEITO	45
2.1-Envolvimento da mulher com as drogas por um viés social.	46
2.2- Dependência química e o convívio familiar e social na vida das mulheres	50
2.3-Preconceito: ser mulher e dependente química.	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	66
BIBLIOGRAFIAS CONSULTADA	70
APÊNDICES	72
APÊNDICE A – Roteiro de questões para a entrevista	72
APÊNDICE B – Sistematização dos dados da entrevista	73
APÊNDICE C – Entrevista na íntegra com os participantes	82
ANEXOS	109
ANEXO A–Termo de Compromisso do Pesquisador Responsável	109
ANEXO B - Termo de Consentimento para realização de pesquisa na Instituição (Declaração de Infra-Estrutura)	110
ANEXO C– Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do participante	111
ANEXO D – Parecer de aprovação do Projeto de Pesquisa pelo Comitê de Ética	100

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Este trabalho cumpre a obrigatoriedade da grade curricular da graduação do curso em Serviço Social, mas também revela nosso interesse em aprofundar a temática da dependência química na vida da mulher e seus enfrentamentos ao preconceito sofrido.

O assunto escolhido para discutir e defender o Trabalho de Graduação é sobre a mulher dependente química e seus embates em uma sociedade conservadora e capitalista. A partir das entrevistas foram abordados conceitos sobre o tema onde foi discutido sobre o preconceito que a mulher sofre por ser dependente química.

Por meio dessa pesquisa discutimos sobre fenômenos, estruturas e relações sociais que dimensionam uma dada sociedade e que trazem como centro a problemática das drogas – partindo e encontrando-se no campo das ciências sociais.

A escolha deste tema se deu pelo fato da pesquisadora acompanhar vivências de dependência química e inserção dos mesmos no tráfico de drogas instigando, assim, compreender como se dá esta situação. No processo de crescimento e aprendizagem, se diz que só entra na “vida da dependência química aquele que quer”. Esta questão leva a reflexão que o envolvimento no mundo das drogas segue um contexto muito maior do que apenas o “querer”, e sim o de oportunidades e vivência do momento. A partir dessas reflexões aprendeu-se nestes quatro anos de estudo no curso de Serviço Social que julgar pela aparência e não pela essência de um problema é o maior erro de todos aqueles que rodeiam a situação.

Esta questão sobre a dependência química é vivenciado por muitos de forma muito próxima nestes últimos tempos, o que chama a atenção para a pesquisa sobre essa temática e aprofundamento sobre os preconceitos que são gerados pela sociedade contra a pessoa dependente química.

Posterior a decisão pelo tema a ser discutido neste estudo foi feito um levantamento na biblioteca do Departamento do curso de Serviço Social da Universidade de Taubaté e percebeu-se que já haviam trabalhos semelhantes, mas nenhum estava direcionado à mulher como foco da pesquisa. Assim, chamou a atenção da pesquisadora para tal recorte de gênero, pois ao comparar a realidade feminina e masculina poder-se-á entender que os enfrentamentos femininos diante da dependência química são mais complexos e causadoras de sofrimentos por questões que envolvem o conservadorismo e machismo. Tem-se como exemplo a responsabilidade dos serviços domésticos pelas mulheres imposta pelo machismo; o estigma da necessidade de se ter um provedor masculino ou ainda ser apontada como mulher de bandido. São questões diferentes dos enfrentamentos da realidade masculina.

No atual sistema capitalista em que vivemos, as drogas são vistas como mercadoria e fruto do capitalismo, e funcionam como um mercado que gera lucro, numa lógica que quanto mais pessoas tiverem consumindo a droga, mais dinheiro é circulado “nesse mercado”.

É entendido como drogas, substâncias naturais ou substâncias modificadas em laboratórios que introduzidas no organismo e na corrente sanguínea causam alterações fisiológicas e comportamentais. (FOGAÇA, 2019). As drogas que serão discutidas nesta investigação são chamadas de drogas ilícitas, mais conhecidas como: cocaína, *crack*, maconha, ecstasy, LSD, morfina, heroína entre outras, que agem diretamente no sistema nervoso.

Com o intuito de alimentar o sistema capitalista, o tráfico de drogas não ocorre somente com pessoas da classe trabalhadora, por mais que seja uma visão da sociedade em geral. Há também grande interesse da classe burguesa por trás desse contexto do mundo das drogas, onde Souza em seu artigo “A questão do ‘consumo de drogas’: contribuições para o debate”, nos traz um exemplo sobre tal interesse. Souza diz:

Importante assinalar que é na transição do feudalismo para o capitalismo – no processo que Marx descreve como *acumulação primitiva* – que temos o ‘gérmen’ do processo de ‘reificação’ das relações sociais. Neste período, estão consolidando-se as bases nas quais se ergueu o sistema capitalista e, exatamente neste momento, ocorrem as primeiras transformações na dinâmica social das drogas. À época, por exemplo, a invasão espanhola aos Andes determinou o uso da coca como parte da economia colonial, porquanto os espanhóis estimulavam o hábito de utilizar a coca, pois seria um produto a ser comercializado (gerando lucros) e o meio de sustentação da população explorada (SOMOZA, 1990 apud SOUZA, 2012, p.272).

Compreende-se então que as drogas fazem parte de contexto da sociedade além do interesse de consumo pelos usuários, mas também interesse do capitalismo pela droga como mercadoria e extrair o lucro que é gerado pelo tráfico. Então, quanto mais drogas circuladas, mais dinheiro é circulado.

Nesse contexto, é importante apontar a dependência química gerada nesse processo de uso de drogas e interesses do capital.

Segundo Fontes (2013, p.1)em seu artigo “O que é a Dependência Química? Tipos de drogas, efeitos e tratamentos” a dependência química é considerada uma doença crônica onde se caracteriza atitudes e comportamentos impulsivos que tem como hábito a utilização de determinada substância (licita ou ilícita) para alívio de ansiedades, medos, tensões e sensação de prazer e bem-estar. Fontes ainda comenta que:

Por causar uma sensação de bem-estar no indivíduo, o uso de drogas pode ser erroneamente associado ao alívio de tensões emocionais ou preocupações do indivíduo. Dessa forma, entende-se que a droga é capaz de propiciar um amortecimento da vivência dos problemas emocionais de um indivíduo, mantendo-o alheio das dificuldades que deveria enfrentar na vida cotidiana. Um exemplo possível, é o dos indivíduos que apresentam um quadro de intensa ansiedade, e que para minimizar as sensações dele providas, ingerem álcool todas as vezes que necessitam enfrentar uma situação social. Nesse caso, a dependência química pode se instalar progressivamente de maneira subjacente à ansiedade. (FONTES, 2013, p.3).

Além dos reflexos pessoais causados na vida da dependente, ou seja, em questão à sua saúde por ser dependente de uma droga, pode-se também explorar

sobre os reflexos familiares e sociais causados, onde muitas vezes não acaba ocorrendo à aceitação dos mesmos nesses vínculos

Grande parte desse processo de não aceitação é causada pelo preconceito e julgamentos contra usuários de drogas, acreditando que seja um problema pessoal do indivíduo, e não social, onde acaba acarretando, em muitas famílias, a vergonha por ter membros da família envolvidos com a criminalidade, e medo do convívio social por questões de surtos, roubos, ser reconhecido por má influência entre outros.

Usar-se-á como um dos aportes teóricos o Caderno do Conselho Federal de Serviço Social – CFESS –*Série, assistente social no combate ao preconceito*, “O que é o preconceito?” (2016). O CFESS é um órgão importante no âmbito da categoria do assistente social e que representa como classe trabalhadora e profissional. Nele é debatido como o assistente social deve-se orientar e se pautar em relação ao preconceito manifesto na sociedade.

Os cadernos lançados nessa edição “propõe-se a dialogar com os/as profissionais, problematizando o preconceito, suas origens e fundamentos teóricos” (CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL, 2016. p. 5). Traz como entendimento crítico conceitos sobre o que é o preconceito e reflexões gerais para lidar e combater a reprodução do mesmo, conforme exige nosso código de ética. De acordo com o documento:

O preconceito é expressão das relações conservadoras da sociabilidade burguesa e de seu individualismo, que por sua vez, remete à exploração, cada vez mais bárbara, do trabalho pelo capital. A banalização destes fundamentos representa um desvalor, que emerge nas mais diferentes formas da vida cotidiana, e o desafio do seu enfrentamento deve provocar, na categoria de assistentes sociais, processos de autoreflexão, com vistas a uma intervenção profissional marcada por ações emancipatórias, na perspectiva de outra ordem societária. (CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL, 2016, p. 5).

Acredita-se que esse processo do preconceito é ocasionado pelo ultraconservadorismo imposto a nós e a sociedade como um todo, ocorrendo alienação e pensamentos do senso comum sobre aquilo que é apresentado como

verdadeiro e generalizado como a única forma de pensamento, ou seja, aquilo que não é aceitável pela sociedade, gera o preconceito.

Fruto dos preconceitos existentes na sociedade pode-se também relacionar e conceituar os estigmas com essa temática. Se estigma é aquilo que não é digno e honrado, aquilo que não vem de um padrão social e cultural; falas, atitudes e julgamentos que fogem desse “padrão” imposto pela sociedade, interliga ao tema como decorrência dos preconceitos sofrido pela mulher dependente química. Schilling e Miyashiro dizem que:

Se o preconceito é algo que emerge nas falas dos entrevistados como algo que incomoda e provoca indignação, o estigma evidencia algo que extrapola uma atitude de pré-julgamento, como ‘sinal infamante, indigno e desonroso, mancha infamante na reputação de alguém’ pressupõe a contaminação, o contágio, a transmissão, tornando urgente e necessário o isolamento do agente contaminador. Essa ideia de contágio parte em alguma medida da crença de que algo foi herdado ou adquirido no convívio social. (SCHILLING; MIYASHIRO, 2008, p.248).

Como optou-se por tal recorte de gênero neste estudo, a temática da dependência química foi direcionada às mulheres, onde abordou-se sobre quais são os reflexos que esta doença traz para sua vida.

No texto *“Direitos humanos e violência contra as mulheres: uma luta contra a sociedade patriarcal-racista-capitalista”* Mirla Cisne traz questões desde a Revolução Francesa onde já é traçado um histórico de lutas pelas mulheres e seus direitos, e a divisão sexual do trabalho entre homens e mulheres. Também discute a desvalorização da mulher no mercado de trabalho e as diferenças em seus direitos, por meio da divisão hierárquica e desigual que ocorre mesmo a mulher exercendo as mesmas funções que o homem, estando no mesmo nível de produção e gerando os mesmos resultados. (CISNE, 2015, p. 139).

Por ser mulher, sabe-se que o preconceito passa além do uso de drogas, da pobreza e dos presentes estigmas que a sociedade prega, mas também pelo machismo imposto pela a sociedade as relações desiguais de gênero.

Quando se trata de tráfico de drogas, rapidamente a figura masculina prevalece em nossos pensamentos, mas diferente dessa visão, a atuação feminina vem crescendo nessa produção, onde além das expressões da questão social percebe-se a violação de direitos na vida dessa mulher e sua necessidade de sobrevivência. Silva afirma que:

Seja trabalhando nas misturas dos componentes das substâncias entorpecentes, na endolação e na venda da droga, ou mesmo satisfazendo sexualmente os traficantes, a presença feminina no tráfico de drogas é algo crescente e altera, mesmo que superficialmente, os estereótipos atravessados de machismo que estão associados a esta atividade marginal. (SILVA, 2017, p.180).

Por influência também do machismo, a vida feminina já tem seu marco de múltiplas jornadas de vida; cuidar da casa; cuidar dos filhos; cuidar do seu parceiro; cuidar de si para seguir um padrão de beleza, entre outros. O que fazem com que os preconceitos vivenciados pela mulher dependente química também sejam múltiplos por não estar cumprindo “suas obrigações”.

Mas, para além de uma visão positivista, estudar as razões pelas quais a mulher foi inserida na criminalidade percebe-se que muitas delas trazem o relato que necessitavam de uma renda para poder ser independente, criar seus filhos, acompanhar os fetiches do sistema capitalista e como forma de consolo e conforto de uma vida sofrida. (SILVA, 2017)

Como estudante e futura profissional do Serviço Social esta pesquisa é de extrema *relevância acadêmica* tanto em estudar a questão da mulher implicado ao uso de drogas e a dependência química como ampliar o conhecimento sobre os preconceitos sofridos por essa mulher e a reprodução do machismo e conservadorismo nesta questão.

Para os *profissionais* da área, acredita-se que a relevância dessa pesquisa está no âmbito do aprimoramento sobre o tema, onde traz como diferente o recorte de gênero feminino e as implicações da questão social nesse processo de dependência de drogas ilícitas.

Nesse sentido, acredita-se que este Trabalho de Graduação permitirá aos leitores e a *sociedade* criticarem e analisarem os fatores sociais que levaram a mulher dependente química ser vítima de um processo de criminalização social. Este olhar parte da desconstrução de pensamentos positivistas onde se evidencia a culpabilização do indivíduo. Souza a este respeito diz que:

De fato, é um tema de extrema relevância e que tem presença garantida em todas as espécies de debates. No âmbito político, em especial, constatamos um intenso movimento de discussões e elaborações estratégicas para o enfrentamento desta problemática. Há uma enorme variedade de políticas públicas, que se renovam a todo instante, visando, ao menos, minorar os efeitos desse fenômeno. Observa-se a mesma preocupação no campo científico. As Ciências Sociais se debruçam sobre o tema, descrevendo seus efeitos sociais, suas relações com outros problemas e avaliando as ações empreendidas. Nas Ciências Biológicas e da Saúde não param de surgir novas formas de tratamento farmacológico e de desintoxicação e o debate sobre como lidar com o usuário está aquecido. Enfim, não faltam teóricos interessados neste tema. (SOUZA, 2012, p.269).

A *contribuição* desta pesquisa para a sociedade foi prioritariamente proporcionar reflexão da visão conservadora da questão do envolvimento da mulher com a droga e se há reprodução do preconceito contra o dependente químico.

A proposta deste tema é explorar preconceitos vividos pela mulher dependente química, os fatores que as levaram a se envolver com as drogas e os impactos na sua vida pessoal, social e familiar. Assim, esse estudo pretende compreender como se dá o preconceito com a mulher dependente química envolvida com droga.

As hipóteses deste trabalho são: parte-se do pressuposto de que mulheres dependentes químicas são tratadas com discriminação, especialmente quando se tratam de mulheres pobres; supõe-se que a sociedade conservadora age com preconceito àqueles que se envolvem com drogas; supõe-se de que a sociedade parte da ideia que o uso de drogas é uma opção pessoal e não social, reproduzindo pensamentos positivistas.

O objetivo geral da pesquisa é: compreender como se dá o preconceito com a mulher dependente química envolvida com drogas. Já os objetivos específicos, sendo três, são: compreender o que levou a mulher dependente química a se envolver com drogas; conhecer como é o convívio nas relações familiares e sociais da mulher dependente química que se envolve com drogas; conhecer os impactos do envolvimento com a droga na vida da mulher dependente química.

A análise dos dados foi realizada ao longo dos capítulos, sendo analisados com base nos objetivos gerais e específicos da pesquisa, norteado pelas seguintes categorias: Dependência Química, Mulher e Preconceito.

Dependência Química

A dependência química é considerada uma doença crônica que causa dependência ao indivíduo de alguma droga, seja ela licita ou ilícita. Quando não há o uso de drogas o dependente começa a ter comportamentos impulsivos, ou seja, explosivos e agressivos – age de forma a não pensar nas consequências de suas atitudes. (FONTES, 2013).

É considerado dependente químico aquele que sente e necessidade constante do uso da droga, perdendo a noção da quantidade que está consumindo. Esse auto consumo causa fissura e desespero do indivíduo por cada vez usar mais drogas, o que acarreta de forma negativa suas demais atividades diárias.

A dependência química é uma doença que pode ser tratada, mas não é um processo fácil para o dependente. A vontade dele/dela de se recuperar é primordial, em seguida, o apoio familiar e dos amigos é fundamental para esse processo. O CAPS AD - Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas - é um sistema público de tratamento e pode ser encontrado no posto de saúde mais próximo do bairro.

O foco da dependência química na pesquisa é abordar o que essa doença causa nas relações familiares, sociais e na vida pessoal da mulher dependente.

Mulher

A temática mulher é um termo amplo de se tratar, mas nessa investigação o foco é conhecer o lugar da mulher no mundo atual.

Atualmente vivemos em uma sociedade conservadora e machista, onde a mulher ainda é vista como cuidadora da família e do lar. Sendo assim, a luta feminista por igualdade de gênero é um fator predominante no que se refere à mulher, pois além de terem múltiplas jornadas de vida, ainda são desvalorizadas no mercado de trabalho, onde sabemos que a capacidade de ambos os gêneros são iguais e não deveria existir essa grande diferença de direitos, dificultando ainda mais esta questão no que diz respeito a mulheres dependentes químicas.

Ousa-se dizer que o lugar da mulher é onde ela quiser estar, ocupando qualquer um dos lugares que se sinta bem, a luta feminista irá persistir até quando haja a valorização da mulher e igualdade de gênero.

O foco deste estudo é abordar a questão do preconceito que ela sofre por ser mulher e dependente química.

Preconceito

O preconceito é fruto de uma sociedade conservadora e capitalista que se enfrenta atualmente. A forma de pensar e agir em determinadas situações pode gerar o preconceito, o que muitas das vezes, são reproduções de pensamentos alienados e positivistas em relação àqueles que de alguma forma “fere” e foge de um padrão social que acredita-se ser o “certo”, generalizando nossas verdades como uma verdade absoluta.

O preconceito está presente nos pensamentos e atitudes que discriminam e ofendem pessoas contra suas formas de vida, suas diferenças e particularidades.

As causas que os preconceitos geram, podem por muitas vezes serem fatais, ou acarretarem grandes impactos emocionais na vida daquele que sofre ou sofreu algum tipo de preconceito, sendo preciso tratamentos psicológicos para superar trauma.

O foco do preconceito nessa pesquisa é abordar o que essa temática interfere na vida das mulheres dependentes químicas.

A lógica do trabalho foi estruturada por meio de dois capítulos, sendo eles: **Capítulo 1** – Dependência Química; **Capítulo 2** – Mulher e Preconceito. Nesses capítulos será abordada a dependência química como fruto da desigualdade social e o interesse do capitalismo no consumo de drogas, também a questão de gênero e os preconceitos vividos pelas mulheres dependentes químicas

APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

Como o objetivo geral dessa pesquisa é compreender como se dá o preconceito com a mulher dependente química, e os objetivos específicos; compreender o que levou a mulher dependente química a se envolver com drogas, conhecer como é o convívio nas relações familiares e sociais da mulher dependente química que se envolve com drogas, e, conhecer os impactos do envolvimento com a droga na vida da mulher dependente química, na apresentação da pesquisa será descrito os procedimentos metodológicos da pesquisa, como, cenário de estudo, população alvo, abordagem da pesquisa – tipo de dados trabalhados - instrumento/técnica utilizada na pesquisa, à seleção dos participantes, as ocorrências durante a pesquisa, e, como se deu o tratamento dos dados.

Cenário de estudo

A pesquisa foi realizada na Instituição Fazenda da Esperança Mãe da Esperança, localizada no município de Guaratinguetá. Esse Centro de Recuperação é reconhecido na região do Vale do Paraíba - SP e do Brasil, por princípios cristãos e também por ter um número significativo de dependentes químicos que conseguem abandonar as drogas e viverem em sociedade, tendo seus projetos e perspectivas de vida retomadas.(FAZENDA DA ESPERANÇA,2017, p. 1).

A escolha por um Centro de Recuperação de referência nacional para este estudo deve-se a sua importância na região do Vale do Paraíba – SP pelo tipo de tratamento que oferece e o fácil acesso para a realização das entrevistas por parte do pesquisador.

População Alvo

A população alvo foi constituída por três (03)mulheres em processo de tratamento da dependência química em uma comunidade terapêutica, mulheres em situação de vulnerabilidade social.

A escolha por mulheres em tratamento se deu por acreditar que as mesmas já se reconheceram como dependentes químicas, e procuram de alguma forma “ajuda” para deixar a dependência, o que contribui para desenvolvimento da investigação.

Coleta de dados

Para a realização dessa pesquisa foi utilizado a abordagem qualitativa, pois se entende que não importa a quantidade de participantes, mas suas experiências de vida as quais representam parte do coletivo. Segundo Minayo:

A abordagem qualitativa realiza uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objeto, uma vez que ambos são da mesma natureza: ela se volta com empatia aos motivos, às intenções, aos projetos dos atores, a partir dos quais as ações, as estruturas e as relações tornam-se significativas. (MINAYO, 1993.p. 239-262)

Para que este estudo possa trabalhar a dimensão humana de mulheres dependentes químicas, faz-se necessário que enquanto pesquisadora se tenha uma visão de totalidade, onde os indivíduos fazem parte de um contexto social. Para tanto foi escolhido o referencial teórico de Marx para subsidiar os as análises que envolverão esta investigação. No Serviço Social tal referencial é hegemônico, uma análise de totalidade acerca do fenômeno estudado. Segundo Prates:

Marx (1989) e os marxistas que interpretam o seu método, como Lefebvre (1991) ou Hobsbawm (1989), destacam que o método de investigação deve primar por uma pesquisa profunda e exaustiva da realidade, estabelecer categorias, grupos e relacioná-las, identificando contradições e conexões. (PRATES, 2002, p. 122).

Para a coleta de dados foi utilizado a entrevista semiestruturada com as mulheres dependentes químicas. Acredita-se que este instrumento permite às entrevistadas discorrer sobre suas vivências no mundo da criminalidade de forma aberta. Segundo Boni e Quaresma, entrevista semiestruturada:

Combina perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. (BONI; QUARESMA, 2005, p. 75).

A escolha das três (03) mulheres foi feito por indicação da responsável da instituição após a solicitação da aluna pesquisadora por mulheres que se encontram em situação de vulnerabilidade social. Como são profissionais que atuam no Centro de Recuperação, por sua vez já possuem conhecimento da história de vida das internas contribuindo assim com a escolha das participantes da pesquisa.

A amostra utilizada em nossa pesquisa foi intencional do tipo não probabilística. Portanto foram intencionalmente mulheres que vivenciam a situação da dependência química.

Cada participante, ao final da entrevistas, escolheram um nome fictício para se identificarem, como “Alegria”, “Superação” e “Coragem”.

O local em que foi realizada a entrevista com “Alegria”, a primeira das três, foi escolhido por ela um lugar reservado e separado no refeitório da instituição, lugar onde ela se sentiria confortável para ser entrevistada. Ao iniciar, Alegria se emocionou ao contar de sua trajetória no envolvimento com as drogas, pois ainda era um assunto recente. Em posições acanhadas durante quase todo período da entrevista, ela se culpava por não ter tido uma vida diferente ao lado de seus filhos e sua família, e se emocionava muito sempre ao falar dos mesmos, mas ao decorrer, se demonstrou forte para o tratamento. A escolha do nome “Alegria” é o maior sentimento da entrevista, segundo ela, por isso a escolha.

Na vez de “Superação”, ela escolheu um lugar mais ao ar livre, espaço que a instituição proporciona para lazer, e que se sentiria mais confortável para a entrevista. “Superação”, diferente das outras entrevistadas, não se emocionou durante suas falas, mas gesticulava muito com os braços e tinha falas indiretas, pois dava a entender que por mais que havia superado os acontecimentos, não gostava de ficar relembando e falando sobre.

Por última, “Coragem”, escolheu uma salinha que ficava na recepção dos quartos da instituição. No início da entrevista, “Coragem” se sentia muito segura em suas falas e bem comunicativa, mas ao mesmo tempo, se emocionou do início ao

fim em sua entrevista, pois o arrependimento com a vida em que levou com seus filhos e a vontade de fazer diferente predominava em seus pensamentos. Em sua posição acanhada, conta sua história de vida e seu envolvimento com as drogas, mas se sente corajosa por toda sua trajetória de vida e por sua recuperação, por isso a escolha do nome “Coragem”.

As entrevistas foram gravadas em um aparelho celular e serão mantidas em sigilo por um período de cinco (05) anos, conforme os critérios estabelecidos pelo Conselho da Ética em Pesquisa com Seres Humanos - resolução n.º 510/16do Conselho Nacional de Saúde. Antes da realização da entrevista será entregue para as participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) onde deverão assinar como uma autorização de realização da pesquisa. Após a realização da entrevista, foi entregue para as mulheres a entrevista por escrito de forma que conferiram seus depoimentos dando andamento da pesquisa.

Por ser uma instituição de tratamento de Dependência Química, foi feito o contato com a Fazenda Da Esperança para saber da possibilidade de aplicar as entrevistas com as internas e sobre a autorização da instituição, tendo como resultado positivo para efetivar a pesquisa.

Anterior à pesquisa, foi realizado o contato com cada participante explicando sobre o assunto e os objetivos gerais e específicos que seria abordado, sendo de concordância e com autorização escrita à mão por cada uma delas.

Essa pesquisa trouxe riscos mínimos para os participantes envolvidos. Caso seja necessário haverá um encaminhamento à rede sócio assistencial para o acompanhamento dos entrevistados envolvidos nesta investigação. Caso haja algum dano ao participante será garantido ao mesmo, procedimentos que visem à reparação e o direito à indenização.

A análise de dados foi feita por seleção dos depoimentos pelas respostas semelhantes e significativas de acordo com os três objetivos específicos, sendo organizado por um quadro de tabulação sobre cada depoimento que fosse

direcionado aos objetivos. As três categorias da pesquisa nortearam a análise dos dados, como “Preconceito, Mulher e Dependente Química.”

CAPÍTULO I - DEPENDÊNCIA QUÍMICA

CAPÍTULO I – DEPENDÊNCIA QUÍMICA

Antes de tratar-se sobre a dependência química em si, neste capítulo, também será discutido sobre as drogas como reflexo do sistema capitalista e seus interesses por de trás do tráfico de droga, sobre as políticas de saúde sobre as drogas e os direitos dos dependentes químicos.

1.1- As drogas como reflexo do sistema capitalista

Vivemos em um debate, atualmente, sobre a legalização de uma droga ilícita conhecida como “maconha”. Esse debate vem incomodando grande parte da sociedade conservadora que acreditam que a legalização pode agravar e incentivar ainda mais o uso de drogas.

Para além do lado conservador, também temos que explorar o lado de interesse do capitalismo por de trás do mercado de drogas, pois o debate é mais amplo e complexo do que apenas os princípios e valores que os mesmo são contra a legalização.

O tráfico de drogas é um grande negócio capitalista, organizado para obter o máximo de lucro e funcionando com engrenagens bem articuladas: de fato, não há nada mais exitoso do que um mercado no qual o consumidor torna-se dependente da mercadoria, haja vista que por mais que o indivíduo resista ao consumo desta, o seu corpo manifesta a necessidade de consumi-la. (SOUZA, 2012, p.272).

O que queremos dizer nessa lógica capitalista, é que quanto mais drogas são circuladas, mais dinheiro é circulado e mais lucro é gerado, ou seja, a droga passa a ser vista como mercadoria.

No Brasil, por conta do uso abusivo de drogas e por suas consequências como a violência, a perda de vínculo afetivo, a criminalidade e até mesmo a morte, faz com que esse assunto se torne um problema social para o Brasil.

Por esta e por outras questões que nos faz questionar o lugar do estado frente ao tráfico de drogas e devemos fazer essa reflexão sobre o verdadeiro “dono” do tráfico de drogas, sobre quem patrocina a criminalidade e para quem é conveniente que a droga continue sendo circula e criminalizada.

As drogas consideradas ilegais produzem uma cultura da exclusão, pois quem as consomem são marginalizados, mesmo com essa exclusão o Estado continua com o seu superlucro, pois se mostra contra as drogas ilícitas entretanto é o maior beneficiário. As drogas passam a ter um grande poder de comercialização e conquista um alto índice de lucro sendo cada vez mais elaborada para que torne o usuário como um dependente do sistema e assim aumente o lucro do capital. (BARCELOS; SIQUEIRA, 2017, p. 234).

Um dos cenários da dependência química também preocupante é quem são as pessoas que estão consumindo as drogas e contribuindo para esse mercado ilegal.

Em 2015 a Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PeNSE), segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) o consumo de drogas com bebidas alcoólicas e drogas ilícitas, pelos estudantes do 9º ano, entre 14 e 15 anos, subiu comparado ao ano de 2012;

Dos cerca de 2,6 milhões de estudantes que cursavam o 9º ano do ensino fundamental em 2015, 55,5% (1,5 milhão) já havia consumido uma dose de bebida alcoólica alguma vez, percentual superior ao observado em 2012 (50,3% ou 1,6 milhão). A proporção dos que já experimentaram drogas ilícitas subiu de 7,3% (230,2 mil) para 9,0% (236,8 mil) no mesmo período. Em relação ao consumo atual de álcool e drogas ilícitas, respectivamente, 23,8% (626,1 mil) e 4,2% (110,5 mil) dos estudantes tinham feito uso dessas substâncias nos últimos 30 dias antes da pesquisa. Já o percentual de estudantes que já haviam experimentado cigarro caiu de 19,6% em 2012 para 18,4% em 2015. Essas e outras informações estão disponíveis na Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) 2015. A maior parte dos estudantes (88,6%) tinha idade entre 13 e 15 anos, sendo que 51,0% tinham 14 anos. Os meninos representaram 48,7% (1,28 milhão) e as meninas, 51,3% (1,35 milhão) da amostra. A rede pública de ensino concentrou 85,5% (2,3 milhões) dos estudantes, enquanto 14,5% (380,4 mil) estudavam na rede privada. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2016, p. 01).

Além do quadro da dependência química já ser preocupante, devemos nos atentar ainda mais com as crianças e adolescentes que já estão tendo o contato com a droga de forma significativa e alarmante.

Se observarmos nos dados disponíveis pelo IBGE, quase 10% dos entrevistados já consumiram drogas, número crescente comparado a última entrevista realizada. Além disso, não podemos deixar de ressaltar a liderança das mulheres no consumo, comparado aos homens.

Em relação a adultos, pessoas com 18 anos ou mais, o uso de drogas também demonstra um número representativo, segundo o Lenad II - Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (II Lenad), realizado pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), onde foram entrevistados 4.607 pessoas em 149 municípios brasileiros, abrangendo a região Centro Oeste, Norte, Nordeste, Sudeste e Sul.

Do total da população adulta, 5,8% declarou já ter usado a substância alguma vez na vida – ou seja, 7,8 milhões de brasileiros adultos já usaram maconha pelo menos uma vez na vida.(...) Analisando o uso nos últimos 12 meses, 2,5% dos brasileiros adultos declaram ter usado(...)A prevalência uso da cocaína uma vez na vida pela população adulta observada é de 3,8%, representando cerca de 5 milhões de brasileiros com 18 anos ou mais, sendo que a Prevalência do uso de cocaína nos últimos 12 meses na população adulta observada é de 1,7% - representando mais de 2 milhões de brasileiros. (...)O estudo levantou ainda que 9,6% da população com 18 anos ou mais já utilizou pelo menos uma vez na vida tranquilizantes, observa-se que dentre as substâncias estudadas, o tranquilizante é o mais consumido entre a população adulta nos os últimos 12 meses, representando aproximadamente 8 milhões de usuários no último ano em todo país.(INSTITUTO NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA PARA POLÍTICAS PÚBLICAS DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS; UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO, 2012, p. 01).

Esta pesquisa foi realizada pela Universidade Federal de São Paulo, primeiramente, no ano de 2006 com o objetivo de investigar sobre o contexto relacionado ao consumo de bebidas alcoólicas por pessoas a partir dos 14 anos de idade. Após a continuidade da pesquisa, no ano de 2012, também foi analisado sobre o consumo da cocaína, tendo como análise que o consumo de drogas no Brasil é crescente em comparação aos anos anteriores, diferente do que apresentam outros países.

O que também chama atenção desta pesquisa é que os questionários da entrevista também abordavam sobre o contexto social que as pessoas enfrentavam e as vulnerabilidades existentes por de trás do mundo das drogas, como violências, pobreza, criminalidade, saúde etc...

Essas questões existentes também são de importância quando o assunto é dependência química, pois além de explorar as consequências da doença para saúde da pessoa, também devemos nos atentar das consequências sociais causadas pela doença, o que em alguns casos, explica o motivo pelo qual levou os mesmos a se envolverem com as drogas e seus comportamentos quando estão sob o efeito do uso.

Então, conforme a pesquisa apresentada pode dizer que milhares de adolescentes e adultos consumiram e/ou consomem drogas, o que chama atenção para o assunto, pois esse número vem crescendo nos últimos anos. Com uma visão global:

Em 2017, estima-se que 271 milhões de pessoas - ou 5,5% da população mundial entre 15 e 64 anos - usaram drogas no ano anterior. Embora essa estimativa seja semelhante à de 2016, uma visão de longo prazo revela que o número de pessoas que usam drogas aumentou 30% na comparação com 2009.(ESCRITÓRIO DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE DROGAS E CRIME, 2019, p. 01).

Demonstrada de uma forma estrutural,o uso de drogas e a dependência química é de obrigação do Estado políticas públicas para enfrentamento desta questão, de forma acolhedora e que garanta os direitos enquanto cidadãos.

1.2 - Políticas de saúde e drogas no Brasil

Com base na Constituição Federal, do art. 196 a 200:

Art. 196. A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e

igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação. (BRASIL, 1988, p. 32).

Sendo assim, a dependência química, uma vez considerada uma doença crônica, é dever e competência do Estado o tratamento e as políticas envolvidas nela visando à redução de risco de forma igualitária e universal.

Como a dependência química não é uma doença onde somente a medicina poderá intervir, mas também de forma geral profissionais da área da saúde – psicossocial – é de importância ressaltar o trabalho em equipe nesse processo de tratamento para que aconteça de forma eficaz.

A eficácia do direito fundamental social à saúde está condicionada à prestações positivas por parte do Estado, cite-se, como exemplo, aquilo que se faz imprescindível à garantia da realização do tratamento de dependentes químicos: a contratação de profissionais para atuar na área de saúde, notadamente de médicos, a construção de unidades básicas de saúde, de Centros de Atenção Psicossocial para Álcool e outras Drogas (CAPS ad), a aquisição do equipamento necessário aos Consultórios de Rua, o fornecimento de medicamentos, o custeio de leitos destinados ao internamento, seja em instituições privadas, públicas, como hospitais, ou, ainda, em instituições que recebam recursos públicos, como as Comunidades Terapêuticas, dentre outros; por isso, diz ser um direito de segunda dimensão. (VORONOSK, 2013,p. 62).

Buscando a dependência química na área da saúde, é importante ressaltar como era atribuída esse processo, ou seja, como era visto as causas e as consequências de tratamentos.

Temos como exemplo desse caso o documentário “O bicho de sete cabeças” que conta a história do livro “Canto dos Malditos”, escrito por Austregésio Carrano Bueno que vivencia a experiência em manicômios, tendo como elenco do filme Rodrigo Santoro (Netto).

Esse filme foi discutido por vários técnicos da área sobre as transparências vivenciadas em hospitais manicomiais e como essa atitude é desumana.

Este filme é duro, chocante, cruel. Duro porque apresenta a realidade dos hospícios manicomiais com uma transparência que parece de documentário e não de filme; chocante porque os espectadores no mini cinema de um shopping ficaram sofrendo o impacto "da

medicina manicomial", e cruel porque as cenas de violência desumana em nome de um tratamento psiquiátrico mostravam sem alegorias ou metáforas como o homem pode ser o lobo do homem. (BOCCALANDRO, 2011, p. 01).

No caso do filme/documentário, pessoas que eram usuários de drogas, ou até mesmo dependentes químicos eram tratados iguais a pessoas com diversos tipos de doenças mentais, assim, eram também submetidos à camisa de força, o eletrochoque e o “quarto forte” como forma de “pensar” nos comportamentos.

A Lei 10.216 de 2001, mais conhecida como a Lei de Reforma Psiquiátrica, tem como objetivo a ruptura com as atitudes agressivas e desumanas contra doentes mentais, trazendo novas alternativas de cuidados e respeito à dignidade humana. (BRITO, 2001)

Parágrafo único. São direitos da pessoa portadora de transtorno mental;

II - ser tratada com humanidade e respeito e no interesse exclusivo de beneficiar sua saúde, visando alcançar sua recuperação pela inserção na família, no trabalho e na comunidade;

II - ser protegida contra qualquer forma de abuso e exploração;
(BRASIL, 2001, p.01)

Esse “antigo” – entre aspas porque se fica a dúvida se ainda hoje os hospitais psiquiátricos e as clínicas de recuperação realmente mudaram as formas de abordagem – modelo de repressão nos faz repensar sobre as atuais formas de internações e como é o processo de tratamento.

O que mais nos chama atenção em relação ao tratamento e ao cuidado com o dependente químico é questão sobre os novos tipos estipulados de internação previstos em Lei: voluntário, involuntário/compulsório.

Segundo o Hospital Santa Monica, especializado em saúde mental é entendido sobre tais intenções;

A internação voluntária acontece quando o próprio dependente químico se entende quanto dependente e procura por internação para se tratar da doença. Ao

fazer a solicitação em uma clínica de preferência, ele deverá assinar uma ficha onde declara que escolheu pelo tratamento, e depois, será acompanhado por um médico que dará a autorização para o mesmo ser internado. Ele poderá pedir alta a qualquer momento, mas deverá ter autorização médica.

A interação involuntária acontece quando um membro da família do dependente, ou até mesmo uma terceira pessoa, entender que ele precisa de tratamento, fazendo a solicitação em uma clínica de recuperação. Caberá ao médico do local fazer uma avaliação do caso, e se for entendido como caso de internação, deverá ser comunicado ao Ministério Público Estadual. Neste caso, o interno não será responsável pela sua entrada e sua saída, e sim pelo seu responsável (aquele que solicitou a internação) ou pelo o médico que está acompanhando o caso.

A internação compulsória é feita, teoricamente, como última alternativa de tratamento do dependente químico, tendo que ter sido utilizado todos os recursos para realizar a internação de forma passiva. Essa internação acontece, pois médicos e profissionais da área da saúde entendem que a pessoa traz risco a sua própria saúde e a sociedade, sendo assim, será feito a solicitação e autorização por ordem judicial. A alta deverá ser feita também por ordem judicial e por laudos médicos que acompanham o caso. (HOSPITAL SANTA MÔNICA, 2019)

Analisando as atitudes e tomadas de decisões seguidas de uma linha teórica positivista da atual gestão nacional, Presidente Jair Messias Bolsonaro, não é possível analisar que esta decisão de internação compulsória seja para o bem do dependente químico e para a sociedade em que ele vive, e sim como uma forma de higienização social.

Essas medidas são inócuas e com a intencionalidade claramente higienista. Têm por objetivo limpar a cidade daqueles que são considerados indesejados e que enfeiam o logradouro público. A Constituição garante o Direito à saúde e à uma vida digna e é nesse sentido que precisamos pensar em Políticas Públicas. (BUSSINGER, 2017, p. 01)

A internação compulsória traz grandes riscos ao dependente químico e na sua recuperação por ter um caráter de punição, primeiramente, pela forma com que

o mesmo será abordado, muitas vezes violenta, em seguida, os cuidados na clínica e o tempo de duração, e o apoio da família frente à “recuperação”.

Para além desse sentido, também temos que pensar o dependente químico enquanto pessoa e fazer parte de uma sociedade. O excluindo de participar da sociedade, tira dele sua liberdade, convívio com outras pessoas, e o puni de seu direito de escolha.

É importante ressaltar como é trabalhado o pós internação e como o dependente químico irá “se comportar” na volta para a convivência social, no sentido em que os problemas que eram enfrentados e que o impulsionava a usar a drogas deveriam ter sido trabalhados também para a eficácia do tratamento.

Por ir contra o desejo da pessoa, muitas vezes ocorrendo via determinação judicial, a internação compulsória se torna uma violência, pois a isola do convívio social. Quando ela retorna para a casa, muitas vezes se reencontra com as questões que impulsionavam sua dependência e há grandes chances de recaída. Isso aumenta o sofrimento da pessoa, que se sente incapaz, e o da família, que se frustra. Por isso, é importante que o cuidado seja feito na rede de saúde do lugar que ela vive. (QUINTANILHA, 2017, p. 01)

A higienização é um termo usado como forma de nomear a intenção do Governo em relação aos moradores de ruas e dependentes químicos espalhados pelo Brasil, pois ao invés de ser um tratamento digno visando à recuperação, a intenção é deixar as cidades aparentemente de vistas agradáveis e atender aos pedidos da classe burguesa.

Como grande exemplo desse processo, podemos citar o ocorrido na Cracolândia (um dos maiores lugares de concentração de moradores de rua e usuários de drogas, localizada na cidade de São Paulo – BR) no ano de 2018, onde policiais e forças armadas invadiram o local usando bomba de gás lacrimogêneo e bala de borracha com intenção de remover as pessoas daquela região.

O Conselho Regional de Psicologia de São Paulo considerou a ação – que contou com 50 policiais civis e outros 450 policiais militares, incluindo a Tropa de Choque – “opressora e violenta”, em nota. “A operação utilizou-se de mecanismos de asilamento e encarceramento

realizando uma operação de higienização do território. Pessoas foram sitiadas, impedidas de circularem”. A entidade frisou que a Guarda Civil Municipal impediu que instituições públicas e organizações da sociedade civis acompanhassem a ação realizada pela prefeitura, “atestando mais uma vez a truculência da ação”. (FERNANDES, 2017, p. 01)

Rafael Custódio, coordenador do programa de Justiça da Conectas Direitos Humanos, comenta sobre o ocorrido:

A operação da prefeitura e governo do Estado de São Paulo é injustificada, desproporcional e, como ações similares do passado, está fadada ao fracasso. A militarização de um problema de saúde pública só agrava a situação de vulnerabilidade das pessoas que mais precisam da atenção do Estado, ainda mais quando coincide com o desmantelamento de projetos de acolhida e inclusão de dependentes. (FERNANDES, 2017, p. 01)

É possível analisar que especialistas sobre o assunto têm seu posicionamento contrário a esses tipos de conduta de punição e agressão contra pessoas em situação de vulnerabilidade, concluindo ainda que esse posicionamento só agrave o problema e fere os direitos humanos.

Por isso a importância das Políticas Públicas serem voltadas a proteção e ao cuidado com o usuário de drogas e como forma de garantia de direitos, não como forma de higienização e tirar das nossas vistas um problema que deve ser tratado pela raiz.

1.3- Dependente químico e seus direitos

Como base teórica para se abordar sobre políticas de drogas no Brasil, teremos como aporte teórico a Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006, o SISNAD – Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas, sendo uma lei regulamentada onde:

Art. 1º- Esta Lei institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas - Sisnad; prescreve medidas para prevenção do uso indevido, **atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas**; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas e define crimes. (BRASIL, 2006, p. 01)

Esse regulamento é de extrema relevância conforme a Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados, pois “dotou-a sociedade brasileira dos instrumentos legais de que precisa para vencer a luta contra uma das mais graves ameaças ao desenvolvimento socioeconômico das nações.” (2012) trazendo como uma garantia de direitos aos usuários de drogas e dependentes químicos. Segundo o Art. 5º, o Sisnad tem como objetivos:

Art. 5º O Sisnad tem os seguintes objetivos:

I - contribuir para a inclusão social do cidadão, visando a torná-lo menos vulnerável a assumir comportamentos de risco para o uso indevido de drogas, seu tráfico ilícito e outros comportamentos correlacionados;

II - promover a construção e a socialização do conhecimento sobre drogas no país;

III - promover a integração entre as políticas de prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas e de repressão à sua produção não autorizada e ao tráfico ilícito e as políticas públicas setoriais dos órgãos do Poder Executivo da União, Distrito Federal, Estados e Municípios;

IV - assegurar as condições para a coordenação, a integração e a articulação das atividades de que trata o art. 3º desta Lei. (BRASIL, 2006, p. 01)

Previsto no Art. 3º da Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006, os usuários de drogas e os dependentes químicos são garantidos por lei atenção e reinserção social por meio de atividades articuladas e coordenadas pelo Sistema.

Já no Art. 8º D onde aborda os objetivos do Plano Nacional de Políticas sobre Drogas, está previsto no parágrafo I:

Art. 8º-D. São objetivos do Plano Nacional de Políticas sobre Drogas, dentre outros:

I - promover a interdisciplinaridade e integração dos programas, ações, atividades e projetos dos órgãos e entidades públicas e privadas nas áreas de saúde, educação, trabalho, assistência social, previdência social, habitação, cultura, desporto e lazer, visando à prevenção do uso de drogas, atenção e reinserção social dos usuários ou dependentes de drogas. (BRASIL, 2006, p. 01).

Sobre acesso aos serviços públicos, Art. 8º, parágrafo V – “promover o acesso do usuário ou dependente de drogas a todos os serviços públicos.” Ainda no Art. 8º, sobre emprego

Art. 8º-D. São objetivos do Plano Nacional de Políticas sobre Drogas, dentre outros:

VIII - articular programas, ações e projetos de incentivo ao emprego, renda e capacitação para o trabalho, com objetivo de promover a inserção profissional da pessoa que haja cumprido o plano individual de atendimento nas fases de tratamento ou acolhimento. (BRASIL, 2006, p.01).

Sobre as diretrizes aos trabalhos de prevenção do uso de drogas como forma de observar princípios e diretrizes:

Art. 19. As atividades de prevenção do uso indevido de drogas devem observar os seguintes princípios e diretrizes:

I - o reconhecimento do uso indevido de drogas como fator de interferência na qualidade de vida do indivíduo e na sua relação com a comunidade à qual pertence;

II - a adoção de conceitos objetivos e de fundamentação científica como forma de orientar as ações dos serviços públicos comunitários e privados e de evitar preconceitos e estigmatização das pessoas e dos serviços que as atendam. (BRASIL, 2006, p. 01).

Sobre as disposições gerais, reinserção social do usuário e do dependente de drogas e respectivos familiares;

Art. 22. As atividades de atenção e as de reinserção social do usuário e do dependente de drogas e respectivos familiares devem observar os seguintes princípios e diretrizes:

I- respeito ao usuário e ao dependente de drogas, independentemente de quaisquer condições, observados os direitos fundamentais da pessoa humana, os princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde e da Política Nacional de Assistência Social;

II- a adoção de estratégias diferenciadas de atenção e reinserção social do usuário e do dependente de drogas e respectivos familiares que considerem as suas peculiaridades socioculturais;

III- definição de projeto terapêutico individualizado, orientado para a inclusão social e para a redução de riscos e de danos sociais e à saúde;

IV - atenção ao usuário ou dependente de drogas e aos respectivos familiares, sempre que possível, de forma multidisciplinar e por equipes multiprofissionais;

V - observância das orientações e normas emanadas do Conad;

VI - o alinhamento às diretrizes dos órgãos de controle social de políticas setoriais específicas.

VII - estímulo à capacitação técnica e profissional; (Incluído pela Lei nº 13.840, de 2019)

VIII - efetivação de políticas de reinserção social voltadas à educação continuada e ao trabalho;(Incluído pela Lei nº 13.840, de 2019)

IX - observância do plano individual de atendimento na forma do art. 23-B desta Lei; (Incluído pela Lei nº 13.840, de 2019)

X - orientação adequada ao usuário ou dependente de drogas quanto às consequências lesivas do uso de drogas, ainda que ocasional. (Incluído pela Lei nº 13.840, de 2019) (BRASIL, 2006, p. 01).

Em relação à educação:

Art. 22-A. As pessoas atendidas por órgãos integrantes do Sisnad terão atendimento nos programas de educação profissional e tecnológica, educação de jovens e adultos e alfabetização. (BRASIL, 2006, p. 01).

Incluído pela Lei nº 13.840, de 2019, o tratamento do usuário ou dependente de drogas:

Art. 23- As redes dos serviços de saúde da União, dos Estados, do Distrito Federal, dos Municípios desenvolverão programas de atenção ao usuário e ao dependente de drogas, respeitadas as diretrizes do Ministério da Saúde e os princípios explicitados no art. 22 desta Lei, obrigatória a previsão orçamentária adequada. (BRASIL, 2006, p. 01)

Sendo assim, e com base em toda Seção IV que diz respeito sobre o Tratamento do usuário ou dependente de drogas, é entendido que é protegido por lei de forma pública e eficaz visando a eficaz e a recuperação do indivíduo.

O que nos chama atenção sobre a última inclusão na Lei, é sobre as novas formas de internação: voluntária e involuntária:

Art. 23-A. O tratamento do usuário ou dependente de drogas deverá ser ordenado em uma rede de atenção à saúde, com prioridade para as modalidades de tratamento ambulatorial, incluindo excepcionalmente formas de internação em unidades de saúde e hospitais gerais nos termos de normas dispostas pela União e articuladas com os serviços de assistência social e em etapas que permitam

§ 3º - São considerados 2 (dois) tipos de internação: (Incluído pela Lei nº 13.840, de 2019)

I - internação voluntária: aquela que se dá com o consentimento do dependente de drogas; (Incluído pela Lei nº 13.840, de 2019)

II - internação involuntária: aquela que se dá, sem o consentimento do dependente, a pedido de familiar ou do responsável legal ou, na absoluta falta deste, de servidor público da área de saúde, da assistência social ou dos órgãos públicos integrantes do Sisnad, com exceção de servidores da área de segurança pública, que constate a existência de motivos que justifiquem a medida. (Incluído pela Lei nº 13.840, de 2019). (BRASIL, 2006, p. 01).

A forma involuntária de internação também é conhecida (por ser muito semelhante) a forma de internação compulsória, pois uma vez que não seja de consentimento ou escolha do dependente químico, será forçada do mesmo a internação. O que, abordado anteriormente, não é a maneira “certa” de acontecer.

Neste atual governo liberal, estamos nos deparando com algumas reformas em várias leis no âmbito social, e no Sisnad não está sendo diferente. Há pouco tempo houve alteração na lei e acabou gerando polêmicas sobre os novos regulamentos aonde não vão de encontro com uma política de reinserção e garantia de direitos.

Com base no Senado Federal, Senado Notícia 2019, foi aprovado projeto que altera política nacional sobre drogas.

As mudanças aconteceram:

Nas penas, como mínima de 5 a 8 anos ou a máxima de 15 anos de reclusão; perdimentos de bens, possibilitando a alienação de veículos e objetos; internação, de forma voluntária, o próprio indivíduo procurar por tratamento, e de forma involuntária, a família ou técnicos da área entender que o indivíduo precisa de tratamento; comunidades terapêutica com invés de “acolhimento” sem fins lucrativos; plano individual em qualquer caso do atendimento (PIA); reinserção social, reserva com 3% de vagas em licitações de obras públicas; imposto de renda; semana nacional, atividades direcionadas a prevenção do uso de drogas; informação e avaliação, como forma de maior acesso sobre as políticas de drogas; novos conselhos sobre políticas de drogas. (AGÊNCIA SENADO, 2019)

Essa alteração fere os princípios básicos de cuidado, reincersão social e atenção devida aos usuários de drogas e dependentes químicos, retirando do Estado a obrigação e o comprometimento e indo por um viés de culpabilização dos indivíduos.

Por isso, o cuidado e atenção com a dependência química, é em todos os sentidos, muito importante em relação a sociedade em que ele convive, e a obrigação do Estado frente as Políticas Públicas e a garantia de direito.

CAPÍTULO II - MULHER E PRECONCEITO

CAPÍTULO II – MULHER E PRECONCEITO

No primeiro capítulo, foi abordado o consumo de drogas como interesse capitalista e a droga vista como mercadoria, as políticas de saúde direcionadas ao uso de drogas e sua prevenção, e também aos direitos dos dependentes químicos.

Neste segundo capítulo, será abordada a questão de gênero e suas implicações na sociedade capitalista, e também sobre os preconceitos sofridos pelas mulheres dependentes químicas, que passa além do uso de drogas, mas também por serem mulheres.

2.1-Envolvimento da mulher com as drogas por um viés social

Ainda que a imagem masculina prevaleça quando o assunto é uso de drogas e a dependência química, neste capítulo iremos demonstrar a crescente trajetória da figura feminina neste contexto.

Ainda que o obscuro mundo do tráfico de drogas seja marcado em diversos aspectos pela atuação masculina, a participação das mulheres na produção, venda e consumo de drogas ilícitas tem sido desvendada e analisada por observadores das mais variadas esferas. No que diz respeito especificamente ao desempenho feminino na produção e venda de entorpecentes, obras como *Falcão – Mulheres e o Tráfico* (ATHAYDE & MV BILL, 2007) causam impactos justamente por apresentarem as várias nuances que envolvem a inclusão de mulheres em uma atividade marcadamente masculina. (SILVA, 2017, p.180)

Essa crescente presença da mulher no envolvimento com a criminalidade se dá, não somente pelo fato do uso da drogas, nas vendas ou no tráfico, mas também como interesse masculino por de trás do consumo abusivo.

Esse interesse se dá pelo fato de que a mulher, sob uso de drogas e a necessidade de mais consumo, se submeta a submissão masculina, como em entrevista relata o senador Wellington Dias:

O senador Wellington Dias relata que traficantes presos revelaram a ele, em Alvorada do Gurguéia (PI), que o objetivo é aumentar o consumo feminino de crack, porque, dependentes, elas se transformam em 'uma arma para aumentar a rede de clientes'. 'Eles organizavam festas, elas participavam e, pela necessidade, ofereciam o corpo em troca de o parceiro experimentar uma droga que rapidamente vicia', narrou o senador.(BRASIL, p.01) Senado Federal

Se identificando como "Alegria", nome fictício dado por uma das mulheres entrevistadas, foi dito:

Alegria-*"A gente tá numa roda de dependentes químicos, a mulher sempre vai ser a vagabunda, entende? 'Você pode usar a cocaína, mas você tem que 'dar' pra mim, entendeu?' Agora o homem não, o homem tem essa valoridade, cada droga que ele usa ele tem como se fosse o garanhão, agora a mulher não, a mulher é menosprezada, puta, ela é prostituta, ela é vagabunda, mesmo trabalhando ou não."*

É possível observar que a presença feminina no mundo das drogas e da dependência química, não "satisfaz" apenas os desejos da mulher, mas também do homem, contribuindo para o crescimento do uso de drogas. Mas além do lado de interesse de gêneros, também é importante ressaltar o viés social que implica e incentiva nessa questão.

Com base nas entrevistas realizadas o uso de drogas se deu, primeiramente, como formas de refúgio de problemas familiares, sociais ou até mesmo pessoais em que as internas estavam passando. A dificuldade de lidar com a situação às fazem procurar maneiras de amenizar ou até mesmo de tentar esquecer os problemas, acreditando que o contato com as drogas seja a solução. Conforme a entrevista realizada, "Alegria" relata:

Alegria-*"Daí aos meus 18 eu conheci a cocaína, porque foi através da separação dos meus pais né, abalou, me abalou muito, e pra eu me refugiar e esquecer essa dor, eu conheci algo mais forte da maconha que é a cocaína, e nesse fim, dos meus 18 anos até hoje eu usei ela."*

Já a “Coragem”, outro nome fictício, diz que:

Coragem-*“Foi a dificuldade de encarar os problemas, né.. A gente sempre tem curiosidade, né, mas a curiosidade você vai conseguindo levar porque o medo de, sei lá, de acontecer o que aconteceu te leva a não experimentar, mas daí a dificuldade de encarar os problemas de frente me fez ir pras drogas.”*

Há também o relato da “Superação” que diz se identificar no grupo de usuários de drogas, pois lá não precisava falar sobre suas vivências familiares:

Superação-*“Foi a falta de... Sabe, eu era adolescente e não consegui me identificar num grupo e aí e eu me senti, eu me identifiquei mais num grupo de usuários e aí a partir dali pra ficar igual, a gente pratica tudo que ta, né...Tudo o que as pessoas fazem naquele meio, eu me sentia bem naquele meio. A conversa era, eu me identificava mais com a conversa, enfim, eu me senti mais acolhida naquele meio e aí pra me tornar igual, eu comecei também a consumir drogas.”*

É possível acreditar que a forma de refúgio dos problemas a serem enfrentados seja o maior incentivo para o primeiro contato com a droga, não somente pelas mulheres. O refúgio é a maior necessidade do usuário de drogas. Por outro lado, mas não menos importante, também é de extrema relevância apontar a proximidade das drogas e sua disponibilidade no contato com as pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Para explicar melhor estes aspectos envolvidos na dependência química, é necessário compreender o contexto social no qual o indivíduo se encontra inserido. A realidade atual nos mostra que a disponibilidade da droga faz com que o álcool, o tabaco e até drogas mais pesadas, estejam muito próximas das crianças e adolescentes. O álcool é comercializado com pouco controle governamental, tornando-o uma das drogas de maior acesso pelos adolescentes. Além da disponibilidade, as camadas menos favorecidas tem carência de suporte social adequado, especialmente quanto a educação, saúde e ao emprego. Sabe-se que em muitas favelas o traficante pode exercer um papel manipulador, pois é ele quem

passa a oferecer subsídios importantes no lugar da família ou dos órgãos governamentais. (FONTES, 2013, p. 01)

Na vida da mulher, é possível compreender que as drogas também vem como formas de refúgio, sensação de prazer e o contexto social inserido, mas também é perceptível que a mulher carrega consigo marcas e vivências sociais completamente diferentes das dos homens, o que também contribui para o crescimento do uso de drogas.

As múltiplas jornadas na vida da mulher traz grande frustração quando não é possível dar conta de tudo o que é demandado, ainda mais que de forma geral, a maioria das vezes são feitos sem ajuda de seu companheiro.

Superação-*“Eu usava frequentemente, a hora que eu acordava eu usava pra sair pra trabalhar, eu usava a hora que eu chegava em casa que era pra continuar o trabalho de casa porque eu tava cansada. Então ela ia complementando e preenchendo aqueles espaços que a gente normalmente faz o uso de droga pra eles [aqueles espaços] né...”*

Vale ressaltar que todas as mulheres entrevistadas têm filhos e os pais nunca ajudaram na criação e no compromisso com os mesmo, fazendo com que as mulheres enfrentassem mais uma dessas situações sozinha.

Além da parte de enfrentamento e lidar com os problemas e situações cotidianos sozinhas, as críticas que a mulher recebe quando não está cumprindo com seu “papel de mulher” (conservadores), contribui para o processo de frustração e procura de refúgio.

Em questão a criminalização, não podemos deixar de destacar que mulheres negras envolvidas com drogas são absurdamente vítimas de maiores criminalização.

A maioria de mulheres presas (62%) está confinada pela tipificação de associação ou tráfico. Se pensarmos o tráfico como uma indústria, a estrutura reflete a do mercado formal de trabalho. Ou seja, cabe às mulheres posições mais vulneráveis e precarizadas, com diferenças salariais e de espaço de direção. Pensando o patriarcado, se

adicionarmos o quesito cor – lembrando a interseccionalidade citada anteriormente –, as mulheres negras sofrem dupla penalização, a qual muitas vezes terá o componente moral nas decisões dos juizes, tanto para o cárcere como para o afastamento familiar. (BORGES, 2019, p. 01).

Como discutido anteriormente, o fato de ser mulher faz com que os estigmas sejam mais aparecidos na vida e no cotidiano das mulheres negras ainda é preciso lidar com a criminalização no mundo das drogas e pela cor de sua pele.

Em decorrência ao crescente número de mulheres no uso de drogas e na dependência química, o Plano Nacional de Políticas para as Mulheres procurou estratégias para conter e trabalhar na reinserção desse número, mas o objetivo não foi alcançado.

O Plano Nacional de Políticas para as Mulheres entre 2013-2015⁽⁴⁾ incorpora o compromisso de inserção de mulheres usuárias de substâncias psicoativas (SP) na rede de serviços de saúde, a cargo de medidas tomadas pelo Ministério da Saúde. Apesar do avanço com a definição da Política Nacional de Drogas - PND de 2010⁽⁵⁾, o país não avançou na devida atenção às necessidades de mulheres usuárias de drogas em suas especificidades, não estabelecendo diretrizes quanto à captação e retenção dessa clientela nos espaços de tratamento. (ALBUQUERQUE; NOBREGA, 2015, p.01).

Então, o uso de drogas e a dependência química na vida das mulheres se expressa de diversas maneiras, não pelo simples contato com a droga, mas pelos problemas enfrentados em uma sociedade conservadora e capitalista que culpabiliza e criminaliza a mulher.

2.2-Dependência química e o convívio familiar e social na vida das mulheres

Ser mulher e consigo ter padrões para seguir, não é tarefa fácil. No cotidiano da vida das mulheres dependentes químicas esse contexto não muda, ou é até mesmo mais exigente. Não entrando no mérito do preconceito, mas o convívio em suas relações familiares e sociais há diferença depois do envolvimento com a droga.

Quando o envolvimento com as drogas é descoberto pela família, sempre é esperada a reação de uma forma negativa pela família. No convívio familiar das entrevistadas não foram diferentes, mesmo que não houve rejeição do núcleo familiar, as reações não foram as mais agradáveis. A família núcleo de “Alegria” é composta apenas por sua mãe, ela e seus dois filhos. Sendo assim, a reação de sua mãe foi:

Alegria-*“Pra ela foi um arraso porque eu trabalhava, eu ajudava, eu estudava, mas tava no vício, e não foi eu que falei pra ela, foi uma tia minha, ela não acreditou, ela passou por cima de todos falando que tavam mentindo, até ela perguntar pra mim e eu falar pra ela a verdade, ela chorou muito, muito, ela falou que eu decepcionei ela porque eu era a única pessoa que ela podia confiar, entende?”*

Já “Superação” não era próxima de sua mãe, mas tem o irmão como a pessoa que pode contar, por mais que sua família era composta por ela, seu marido (antes de ser preso) e suas duas filhas (uma ainda criança) o seu maior vínculo para essas questões era com seu irmão.

Superação-*“Minha mãe já ta bem de idade, falei com meu irmão e falei pra ele, pedi pra ele sabe “eu quero falar sobre isso só com você, sabe, não queria que você espalhasse” (...) E assim, é... ai meu irmão foi bem. Me apoiou. (...) Porque antes ela criticava muito, sabe, a gente teve uma relação muito difícil, diálogo, não tinha diálogo, tudo..é aquela coisa mesmo, a mãe acha que o filho ta andando errado e querer falar e não saber a forma certa de falar. E assim, a minha natureza também era de não aceitar a crítica, não que ela tivesse errada, era a forma que nós duas que ela falava e eu recebia o que ela falava é que não tinha uma boa, né..não era bom nem pra mim nem pra ela. Cheia de conflito e assim, dessa vez meu irmão falou que ia me ajudar, então não veio com, com aquela, como é que fala... aquele monte de acusação “você, você, você” sabe? Ele viu já com outro ponto de vista “não, vamos ajudar” e foi importante.”*

A família de “Superação” só soube do seu envolvimento com as drogas quando começou a fumar crack, o que chama atenção para seu depoimento, pois antes disso, “superação” conseguia manter o controle e a convivência sem que percebessem que estava sob o efeito da cocaína. *“Eu acreditava que eu dominava tudo aquilo e assim, eu não deixava transparecer pra família, tanto que a família não percebia”*(**Superação**). Foi depois do uso do crack, como aventura de experimentar algo mais forte que sua família percebeu que havia algo de errado *“então quando eu fui experimentar o crack eu pensei que eu ia ter também aquele comportamento, e aí eu descobri que não, aí realmente eu entrei numa decadência assim é...com uma velocidade muito grande.”*(**Superação**)

Já no caso de “Coragem” sua família núcleo são seus pais e seus filhos, seu ex-marido se encontra atualmente preso por homicídio, um dos motivos que a levou a usar drogas. A reação de sua família foi:

Coragem-*“Minha mãe ficou muito decepcionada e meu pai também... que sempre... eu vim de uma família humilde, mas se esforçaram pra mim estudar, e tipo eles achavam que eu tinha casa, que eu tinha carro, que eu tinha emprego, então eles achavam que tava tudo bem, e quando eles me viram tão no fundo do poço eles ficaram muito decepcionado e todo mundo queria saber o que eles tinham feito dar errado, entendeu? Minha mãe “ah onde que eu errei” meu pai “onde que eu errei que eu poderia ter feito diferente” eu também tenho filhos e os meus filhos ficaram... que são adultos já sabe, 21 anos 19... eles ficavam perguntando o que que me levou a ficar assim tão, sabe, no fundo do poço e o que que eles tinham feito para colaborar com isso, eles ficaram muito decepcionado, chateado...”*

Por mais que nem todas as realidades sejam iguais, nos casos de “Alegria, Superação e Coragem” as famílias quando souberam, mesmo que, primeiramente, houve a decepção, procurou apoiá-las e ajudá-las no tratamento da dependência. Fator muito importante para a recuperação, quando há o apoio familiar.

Estudos empíricos sustentam a idéia de que as abordagens de família são, de uma forma geral, mais bem sucedidas do que outras, para engajar clientes relutantes, sobretudo na retenção dos sujeitos no tratamento de abuso de drogas ³⁷. As pesquisas oferecem algum suporte de confiança na terapia de família para adultos adictos, além de corroborarem seu uso para tratamento de adolescentes. Outrossim, revelam que a terapia de família produz resultados significativamente melhores do que o aconselhamento individual, a terapia de grupo de amigos, e várias outras formas de tratamento individuais e grupais. (MINAYO; SCHENKER, 2003, p. 01)

Antes do processo da internação, diferente do caso de “Superação” que já foi internada logo após comunicar a família, “Alegria e Coragem” no convívio familiar durante o uso de drogas, relataram que a família nunca as rejeitaram, pelo contrário, como relatou Alegria *“Até hoje, nunca largaram de mim, assim, de acreditar em mim sabe? Isso até hoje. Essa ajuda, isso, até hoje elas nunca desistiram”* **Alegria**. E “Coragem tem o mesmo depoimento *“só quem não afastou de mim foi meu pai, minha mãe e meus filhos”* **Coragem**.

Já, em relação ao convívio social, todas as entrevistadas falaram que teve total rompimento de vínculo. O que nos traz de positivo quanto à família, nos traz de negativo em relação ao convívio social.

Alegria-*“Às vezes te evitam, quando você precisa de um ombro amigo não tem mais quando saberem, sabe, ‘antes de você saber que eu usava droga você era minha melhor amiga e me ajudava e fazia o que fosse, quando você descobriu você nem na minha cara você olha mais’ (...) Porque lá fora eu tinha muita amiga, muita amiga, porque eu tinha dinheiro, trabalhava, eu podia ser dependente, mas o que as meninas precisavam eu ajudava, mas quando eu fui entrando no fundo do poço foi cada uma indo pra um lado, as vezes me via e fingia que não via, sabe? É bem triste isso”*

Superação-*“Ahhhh, afasta na hora, afasta, e assim, o pior de tudo é a gente perceber que assim, isso respinga nos filhos porque uma mãe usuária, automaticamente, as outras mães ficam sabendo afasta até as filhas(...) que é tudo que a gente rompe lá fora né, o convívio social, desestrutura no trabalho, usuário de droga dificilmente tem metas de trabalho.”*

Coragem-*“Todo mundo se afastou de mim na realidade por que muitas pessoas acharam que... A maioria das pessoas acha que é sem vergonha, e a gente assim, que a mulher mais julgada ainda, sabe... Porque “ai que sem vergonha” porque é uma péssima mãe, porque aí sabe aí você era ruim tudo. Que eu era uma ótima funcionária aí do nada quando souber que usava droga, aí pronto, acabou todas as minhas qualidades e eu só era drogada, sabe, só quem não afastou de mim foi meu pai, minha mãe e meus filhos, porque meus amigos todos se afastaram de mim.”*

Como é possível perceber, não só na vida das entrevistadas, mas na maioria dos casos de uso de drogas e dependência química, há o isolamento da sociedade perante a essa pessoa, isso se dá por conta dos estigmas e os preconceitos que sofrem por ser dependentes químicos.

O processo avaliativo evidenciou que a sociedade percebe o usuário de *crack* a partir imagem virtual desse usuário, desconsiderando sua imagem real, ou seja, não o vê enquanto pessoa singular, que tem uma história de vida, sentimentos, desejos, aprendizados, perdas e ganhos. Predomina uma identidade estigmatizante de marginal, vagabundo e violento, gerando a ideia de pessoa não cidadã, sem direito a um lugar social, aquele que deve ser excluído. (ANTUNES; BARD; OLSCHOWSKY; PINHO; ROOS, 2015, p. 01).

Seja o apoio da família como um dos meios mais eficazes para o tratamento da dependência química, não podemos deixar de ressaltar a importância da sociedade neste mesmo tratamento.

Por mais que os dependentes químicos se recuperem do uso abusivo de drogas, vale lembrar que o motivo que o fez usar a droga também deve ser mudado, e esses principais motivos foram encontrados dentro dos vínculos familiares e sociais.

O tratamento eficiente da dependência química é muito maior que uma clínica de reabilitação, a sociedade em que eles vivem também precisa ser reabilitada e acolhedora para que não haja a recaída no mundo das drogas.

2.3 – Preconceito: ser mulher e dependente química

A questão de gênero e as imposições de papéis conservadores na vida da mulher no contexto pessoal, familiar e social sabe-se que são difíceis e vai exigir grande responsabilidade nas diversas jornadas destinadas às mulheres. Quando cita-se o termo “diversas jornadas” é um exemplo de compromisso da mulher em ser adequada ao padrão de beleza; cuidar dos afazeres domiciliar; criar e educar os filhos; se impor no local de trabalho, entre outras questões.

Ser mulher e dependente química neste estudo aborda sobre dois temas, o primeiro, ser mulher, mas não apenas ser mulher, é ser mulher em sociedade conservadora e capitalista, o que traz vários desafios.

É por esta questão que a luta feminista tem se posicionado sobre o empoderamento feminino e sobre a luta pela igualdade e liberdade da mulher.

Quando as mulheres afirmam o corpo como primeiro território, colocam a luta pela autodeterminação e liberdade como uma disputa permanente. Nessa disputa, precisamos ter a capacidade de articular uma visão completa sobre o nosso corpo. Isso requer refletir sobre nosso corpo na relação com as dinâmicas capitalistas, racistas e patriarcais que impõem ritmos, expectativas e exploração. Mas também fortalecer as nossas resistências e a capacidade que as mulheres têm de juntas recuperar o controle sobre suas vidas, comportamentos e desejos. A luta feminista pela liberdade e a autonomia sobre o corpo carrega esse sentido integral, que se articula essencialmente com a luta por igualdade e com a transformação na organização do cotidiano, do trabalho e da vida. (FARIA; MORENO; VITÓRIA, 2016, p. 01)

O segundo tema é ser dependente química, o que faz que os estigmas e preconceitos sejam apontados diariamente de forma significativa na vida das usuárias de drogas.

Assim, entende-se o preconceito como um julgamento prematuro e inadequado sobre o uso e abuso de drogas. Ou seja, é quando se define algo ou alguém, construindo-se uma ideia sem prévios conhecimentos. O preconceito é a valoração negativa que se atribui às características da alteridade; implica a negação do outro diferente e, no mesmo movimento, a afirmação da própria identidade como superior/dominante. O estigma, por outro lado, evidencia algo que

extrapola uma atitude de prejulgamento, como sinal infamante, indigno e desonroso, uma mancha na reputação de alguém, e que pressupõe a contaminação, o contágio, a transmissão, tornando urgente e necessário o isolamento do agente contaminador.(ANTUNES; BARD; OLSCHOWSKY; PINHO; ROOS, 2015, p. 01).

Então, o foco aqui a ser abordado nessa questão é como ser mulher e dependente química em uma sociedade conservadora e julgadora com seus próprios princípios e conceitos, partindo de preconceitos e da criminalização da mulher.

Uma das perguntas do questionário da entrevista direcionava essa questão conservadora, por ser mulher e se há diferença no relacionamento com as pessoas em geral. Foi perguntado para as entrevistadas “O fato de você ser mulher há diferença de tratamento no sentido de relacionamento, NÃO no sentido do tratamento da doença, quando você fazia uso de drogas? Coragem responde da seguinte forma:

Coragem-*“Com certeza, homem usa drogas pra desaparecer, mulher usa droga porque não presta, sempre é assim, porque sabe, porque não presta, não foi uma boa esposa, porque não foi uma boa mãe. Tudo é mais fácil de justificar pro homem, pra eles, eles estavam lá porque a mulher dele era ruim, a gente é porque não presta mesmo. (...) Pra mulher é muito mais difícil porque ela é muito mais julgada do que... ela é muito mais assim, ela é mais sei lá... elas se sente mais humilhada pelos comentários porque muitas pessoas fazem comentários muitos e muito pesados.”*

É importante analisar que a forma de tratamento e relacionamento é diferenciado entre homens e mulheres mesmo que ambos pratiquem as mesmas atividades no mundo das drogas. Também por esse motivo observa-se o interesse dos homens com a mulher no envolvimento com as drogas, como apresentado anteriormente. São conceitos estruturais que partem do meio em que as pessoas convivem ver a mulher como inferior e objeto do capitalismo.

Entre outros preconceitos vivenciados pela mulher, o menosprezo, como falta de atenção é um deles. Isso se dá como forma das pessoas não se sentirem culpadas por situações sociais que acontecem. Menosprezar a situação/pessoa não a faz se sentir na obrigação de ajudar a enfrentar o problema. Questionadas por quais preconceitos consideram ter sofrido por ser dependente química, “Alegria”, diz:

Alegria-*“Você ser menosprezada, você se sente um lixo na sociedade, porque querendo ou não as pessoas que não usam drogas, elas tem esse preconceito. ELAS passam esse preconceito para nós, ou as vezes nós mesmos criamos em nossa cabeça esse preconceito ‘eu não posso ficar junta porque se não vão pensar que eu sou uma prostituta ou uma bandida, nóia, que eu vou chegar e vou roubar’ esses preconceitos são os piores, não consigo vir em mente mais, mas os piores são esses de puta, sem caráter, lixo.”*

O mais significativo dos preconceitos que uma mulher pode sofrer, segundo “Alegria, Superação e Coragem” é por serem mãe e os preconceitos atingirem diretamente os seus filhos.

Quando foi questionado sobre a maternidade para “Superação”, logo foi dito: *“lógico, ai é o ponto mais frágil, realmente, em relação a maternidade é muito delicado, a gente é apontada (...)”*. Esses apontamentos, não foram somente na trajetória de “Superação”, mas também de “Alegria e Coragem”

Alegria-*“São mais, são mais porque além da gente ta sendo a nóia, estão tendo preconceito, estão mexendo com a nossa criança porque a criança não tem culpa do vicio, entende? “você não tem vergonha nessa cara, você está esperando um filho, sua criança não tem culpa de você usar a droga. Para por ele (...)O seu filho vai nascer deficiente” “vai nascer com problema ou na rua” as pessoas verem a balançarem a cabeça “não tem jeito, essa ai não tem jeito” “não tem mais jeito, só a morte” já escutei muito isso da minha mãe “pra você é só a morte..pra você nem pro seu filho você faz isso, você tenta*

parar” (...)Sempre sou a excluída, na gravidez você sempre vai ser a excluída, sempre vai ser o neném o foco.”

Coragem traz a mesma vivencia:

Coragem-*“Ah, com certeza, com certeza. Nossa é muito comentário tipo “ao invés de tá olhando os filhos dela tá usando droga” a um mau exemplo “se os filhos for desse jeito a culpa dela” o pai não tem nada a ver se ele é o pai, pai é sempre bom... ainda mais que eu tenho filhas né, aí se elas usaram droga porque teve o exemplo da mãe, é porque é igual a mãe, é porque se a mãe fez ela também vai fazer... então esses comentários era sempre que eu escutava “isso é o que você quer para seus filhos?” é claro que não, não é isso que eu quero nem para mim, mas é isso que eles falavam.”*

Mesmo que o lado paterno também esteja na criminalidade, esse quesito de julgamento é relacionado diretamente à mãe, a figura feminina, como se a responsabilidade da criação fosse somente materna.

O que mais traz indignação é a diferença no tratamento em relação a ser mulher e ser homem. O lado feminino carrega consigo, não somente no âmbito das drogas, mas em todos os quesitos, a diferença e inferioridade de gênero. Para mulheres negras, o preconceito e a criminalização ainda é maior, aponta estudos.

O Brasil é o 4º país que mais encarcera mulheres no mundo. Cerca de 50% das mulheres encarceradas têm entre 18 e 29 anos e 67% são negras, mostrando que o foco punitivo é a juventude negra. Segundo Angela Davis, os sistemas punitivos têm sido marcados pela masculinidade porque refletem a estrutura legal, política e econômica negada às mulheres. O que significa dizer que, sendo o espaço doméstico e privado sua determinação de vida, as punições das mulheres ocorriam neste domínio. Estupros foram utilizados, exponencialmente, como medida punitiva contra mulheres negras escravizadas. Ainda vemos relatos de “estupros corretivos”, que são a ideia de que pela punição e pelo sofrimento se alcançaria alguma “salvação.”(BORGES, 2019, p. 01).

É perceptível que os preconceitos gerados são mais relacionados ao fato de ser mulher e não cumprir com os padrões impostos a ela, do que pelo lado da doença, da dependência química, em si. Por esse motivo a ideia de que o uso de drogas pelo homem não é julgado da mesma forma.

Ocorrente a dependência química e aos preconceitos vivenciados nesse processo, as mulheres de forma geral sofrem mudanças que geram consequência para o resto da vida.

Os impactos gerados na vida dessas mulheres depois do consumo de drogas trazem situações de decadência, baixa autoestima, perda de emprego, submissões, dificuldade em relacionamentos com outras pessoas, agressividade entre outros.

Sendo questionadas sobre o que havia mudado em suas vidas depois do uso de drogas, com a intenção de explorar os impactos, cada uma trouxe um lado diferente.

“Alegria” vê como mudança em tudo, sentindo mais pelo lado do emprego, pois era independente e sempre ajudava sua mãe, e acredita que não foi somente por ser dependente química, mas também por ter engravidado. Em segundo, sentiu a confiança que havia perdido com a família.

Alegria-*“TUDO! Tudo mudou, meu jeito de falar mudou, meu jeito de agir mudou porque fiquei mais agressiva, fiquei com meu coração mais frio e pensava só em mim, não pensava em mais ninguém, perdi meu emprego e não conseguia mais arrumar serviço em lugar nenhum. Depois dos meus 20 anos, depois da minha primeira gravidez que eu tive eu não consegui mais serviço. Eu perdi tudo, perdi a confiança da minha família, perdi a minha confiança, perdi a confiança da sociedade. A gente perde tudo que a gente fica dependente, vira um bicho mesmo, essa é a verdade.”*

“Coragem” sente mais pelo lado do convívio social e pela necessidade de o consumo “enganar” as pessoas de que tinha um convívio social:

Coragem- *“Ai na verdade tudo diferente, sabe, tudo ficou diferente, ou eu tava economizando para sobrar dinheiro para mim usar drogas, ou eu tava fazendo alguma besteira para arrumar dinheiro para mim usar drogas, sabe... Tudo ficou diferente. (...) Tipo enganar as pessoas para conseguir dinheiro e sei lá, vender coisas minha, da minha casa sabe, eu cheguei até a roubar para falar a verdade sabe.”*

“Superação” sentiu mais para o lado espiritual:

Superação-*“(...) Bom, no todo né.. A cocaína nesse tempo que eu consumia eu não, eu num... a minha parte espiritual eu não conseguia trabalhar de jeito nenhum. As vezes eu ia até numa missa num dia de Domingo, mas aii... parece que assim, a droga ela torna as palavras do Padre uma coisa tão bagunçada na cabeça, não entra nada daquilo, então eu não conseguia ter um relacionamento espiritual.”*

Mesmo que de forma diferenciada na fala, “Alegria, “Coragem” e Superação” trazem relatos de que as mudanças foram negativas e que as fizeram se sentir abandonadas pelo que aconteceu em suas vidas é o caso mais considerável.

São essas questões que fazem com que a mulher encontre dificuldades em procurar ajuda para o tratamento da dependência química, uma vez que a melhor atitude que a sociedade poderia ter é de acolhimento, mas acontece inversamente, a atitude é de exclusão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa estudou como se dá o preconceito com a mulher dependente química envolvida com droga. O causador dessa situação é o conservadorismo predominante na sociedade, revelando-se por meio, primordialmente, pela questão de gênero e machismo também existentes na dependência química.

Para se chegar a essa conclusão, partiu-se de três objetivos específicos, sendo eles: compreender o que levou a mulher dependente química a se envolver com drogas; conhecer como é o convívio nas relações familiares e sociais da mulher que se envolve com drogas, e, conhecer os impactos do envolvimento com a droga na vida da mulher dependente química.

O que levou a mulher dependente química a se envolver com as drogas, tem-se que a trajetória de vida das dependentes químicas foram marcadas pelas expressões da questão social, ou seja, as desigualdades, pobreza e vulnerabilidades sociais. São essas situações que fazem com que as mulheres se envolvam com as drogas como forma de refúgio e busquem se identificar com grupos de pessoas onde possa partilhar dessa mesma situação de vulnerabilidade social.

O convívio nas relações familiares e sociais, a questão de gênero se faz presente assim como em qualquer situação, mas o fato da mulher ser dependente química faz com que essa questão de gênero e os padrões conservadores sejam mais presentes na sociedade e de maneira intensa. Assim, o preconceito existente contra a dependente química traz nas relações familiares, conflitos relacionados diretamente por ser mulher e a tese da romantização da maternidade. Em relação ao convívio social, a argumentação não se difere, o isolamento da mulher na sociedade é mais presente.

Em relação aos impactos do envolvimento com a droga dentro da lógica capitalista, onde o que é visado é o lucro e a droga como mercadoria, a mulher dependente química também se encontra nessa lógica desigual. São as desigualdades sociais que trazem os impactos do envolvimento com a droga na vida

desta mulher, tal como, a negligência do Estado frente a saúde populacional, a falta ou falha de políticas públicas direcionadas a mulher usuária de drogas e dependente química, a questão de gênero ao enfrentar a criminalidade e a reinserção no mercado de trabalho.

As principais reflexões que fazem chegar como conclusão deste trabalho é que a droga, gerador da dependência química, é uma mercadoria que sustenta o capitalismo e a desigualdade social, por isso a negligência do Estado frente à situação. Não menos importante, a questão de gênero também se faz presente nessa expressão da questão social, trazendo à reflexão do o que é ser mulher na sociedade capitalista.

A contribuição que este trabalho trouxe enquanto pesquisadora e aluna de Serviço Social é a relação da vulnerabilidade social com o tráfico de drogas. Por mais que o uso de drogas e a dependência química seja relativo em relação a condição financeira, o tráfico de drogas é vivenciado, na maior parte, em lugares periféricos e em situação de vulnerabilidade. São esses lugares em que ocorre as maiores violações de direitos na vida das pessoas, em especial, na vida das mulheres que são, exclusivamente, culpabilizadas pela educação de seus filhos e pela situação de seu companheiro que provavelmente também está inserido no mundo das drogas.

Aos profissionais da área, a contribuição desta pesquisa é para despertar a reflexão de quais métodos e teorias são utilizados com as mulheres dependentes químicas que procuram o CAPS-AD e outros serviços e programas das diversas áreas de atuação, procurando não somente trabalhar a doença, mas também a questão de gênero presente na vida das usuárias de drogas.

O que se propõe como alternativa para se enfrentar o preconceito contra a mulher dependente química, que se tem como base a questão de gênero, é trabalhar frente ao machismo e a diferença de gênero por meio de debates, grupos, reuniões e dinâmicas, em locais como escolas que é o maior espaço que promove o senso crítico, em CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) e CREAS (Centro de Referência Especializado de Assistência Social), em locais da área de

saúde, em espaços culturais etc.. Acredita-se que só se pode mudar promovendo a reflexão sobre a questão de gênero, o machismo e os padrões impostos pela sociedade capitalista.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

- Agência Senado. **Senado aprova projeto que altera política nacional sobre drogas**. Publicado em 15/05/2019. Disponível em: <(https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/05/15/senado-aprova-projeto-que-altera-politica-nacional-sobre-drogas)> Acesso em: 15 de novembro 2019.
- ALBUQUERQUE, Caroline de Souza; NOBREGA, Maria do Perpétuo Socorro Sousa. **Barreiras e facilidades encontradas por mulheres usuárias de substâncias psicoativas na busca por tratamento especializado**. Nov. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762016000100004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 22 de Novembro de 2019. Acesso em: 15 de novembro 2019.
- ANTUNES, Beatriz; BARD, Nathália Duarte; OLSCHOWSKY, Agnes; PINHO, Leandro Barbosa de; ROOS, Cristine Moraes. **Estigma e preconceito: vivência dos usuários de crack. Julho. 2015**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v24/pt_0104-1169-rlae-0852-2680.pdf> Acesso em: 22 de Novembro de 2019. Acesso em: 15 de novembro 2019.
- BARCELLOS, Warllon de Souza; SIQUEIRA, Yasmin de Araujo Carvalho Cardim. O IMPACTO DAS DROGAS NO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA: a importância da prevenção sobre drogas para os adolescentes. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, Juiz de Fora, n. 25 (2017), p.234. Disponível em: <file:///C:/Documents%20and%20Settings/Sandra/Meus%20documentos/Downloads/17445-Texto%20do%20artigo-73632-1-10-20180314.pdf> Acesso em: 10 de novembro 2019.
- BOCCALANDRO, Efraim Rojas. **Resenha de Filme: "O Bicho de Sete Cabeças" Dirigido por Laís Bodansky**. Clínica Psicológica Ana Maria Poppovic. Boletim Clínico – n.11. nov./2019. Disponível em: <https://www.pucsp.br/clinica/boletim-clinico/boletim_11/boletim_11_11.html>. Acesso em: 13 nov.2019.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Silva Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**: Universidade de Santa Catarina, Santa Catarina, Vol. 2, n. 1, p. 68-80, janeiro-julho/2005. Disponível em: <https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1255603/mod_resource/content/0/Aprendendo_a_entrevistar.pdf>. Acesso em: 21 maio 2019.
- BORGES, Juliana. **Mulheres negras na mira: Guerra às drogas e cárcere como política de extermínio**. Julho. 2019. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2019/07/13/mulheres-negras-na-mira-guerra-as-drogas-e-carcere-como-politica-de-exterminio-por-juliana-borges/> Acesso em: 21 de Novembro de 2019. Acesso em: 15 de novembro 2019.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível <

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> . Acesso: 10 de novembro 2019.

BRASIL. Lei nº 10.216 de 06 de abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Oficial da União. Brasília, Distrito Federal, 09 de abril de 2001.

Disponível em:

http://conselho.saude.gov.br/web_sus20anos/20anossus/legislacao/constituicaofederal.pdf> Acesso em: 12 de novembro 2019.

BRASIL. Lei nº 11.343, de 23 de agosto 2006. Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas - Sisnad; prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas; define crimes e dá outras providências. Oficial da União. Brasília, Distrito Federal, 09 de abril de 2001. Disponível em: <

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11343.htm> Acesso em: 15 de novembro 2019.

BRITO, Emanuelle Seicenti. Saúde e direito sem fronteiras. **Lei 10.216 de 2001: Reforma Psiquiátrica e os Direitos das Pessoas com Transtornos Mentais no Brasil.** Publicado em: 26/05/2014. Disponível em: <<https://saudedireito.org/2014/05/26/lei-10-216-de-2001-reforma-psiquiatica-e-os-direitos-das-pessoas-com-transtornos-mentais-no-brasil/>> Acesso em: 15 de novembro 2019.

BUSSINGER, Elda. Internação compulsória: Solução ou mais problema?.Gazeta online. Publicado em 11/06/2017. Disponível em: <<https://www.gazetaonline.com.br/noticias/cidades/2017/06/internacao-compulsoria-solucao-ou-mais-problema-1014065021.html>> Acesso em: 15 de novembro 2019.

CISNE, Mirla. Direitos humanos e violência contra as mulheres: uma luta contra a sociedade patriarcal-racista-capitalita. **Serviço Social em Revista:** UEL, Londrina, v.18, n.1, p.138-157, jul. /dez.2015.Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/ssrevista/article/view/23588/17726>>.Acesso em: 21 maio 2019.

CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL. **O que é preconceito?** Brasília, 2016. (Série Assistente Social no Combate ao Preconceito,Caderno 1).Disponível em:<<http://www.cfess.org.br/arquivos/CFESS-Caderno01-OqueEPreconceito-Site.pdf>>.Acesso em: 12 abr. 2019.

ESCRITÓRIO DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE DROGAS E CRIME (UNODC). 2019. **Viena, 26 de junho de 2019. Disponível em:** <https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/frontpage/2019/06/relatrio-mundial-sobre-drogas-2019_-35-milhes-de-pessoas-em-todo-o-mundo-sofrem-de-transtornos-por-uso-de-drogas--enquanto-

apenas-1-em-cada-7-pessoas-recebe-tratamento.html>Acesso em: 12 de novembro 2019.

FARIA, Nalu; MORENO, Tico; VITÓRIA, Carla. **Reação patriarcal contra a vida das mulheres**: debates feministas sobre conservadorismo, corpo e trabalho. Dez. 2016. Disponível em: <<https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/centrocultural/Cartilha-Sof.pdf>> Acesso em: 23 de Novembro de 2019.

FAZENDA DA ESPERANÇA. **Fazenda da Esperança**. Quem somos, p. 1, 2017. Disponível em: <http://www.fazenda.org.br/institucional/quem_somos.php>. Acesso em: 5 abr. 2019.

FERNANDES, Sarah. Sindicato Dos Bancários E Financieiros De São Paulo, Osasco e Região. Psicólogos veem 'higienização' em ação na Cracolândia. Publicado em 22/05/2017. Disponível em: <<https://spbancarios.com.br/05/2017/psicologos-veem-higienizacao-em-acao-na-cracolandia>>. Acesso em: 15 nov. 2019.

FOGAÇA, Jennifer Rocha Vargas. "O que são drogas?"; **Brasil Escola**. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/quimica/o-que-sao-drogas.htm>>. Acesso em 29 maio 2019.

FONTES, Maria Alice. **“O que é a Dependência Química? Tipos de drogas, efeitos e tratamentos.”**out. 2013. Disponível em: <http://www.cemp.com.br/arquivos/98752_66.pdf>. Acesso em: 21 maio 2019.

Hospital Santa Monica. Disponível em: <<https://hospitalsantamonica.com.br/entenda-como-funciona-a-internacao-para-dependentes-quimicos/>> Acesso em: 15 de novembro 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) - 2012. Rio de Janeiro: IBGE; 2016. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/9501-pense-2015-55-5-dos-estudantes-ja-consumiram-bebida-alcoolica-e-9-0-experimentaram-drogas-ilicitas>> Acesso em: 11 nov. 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA PARA POLÍTICAS PÚBLICAS DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS; UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO.II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD) – 2012. Ronaldo Laranjeira (Supervisão) [et al.], São Paulo, 2014. Disponível em: <<https://inpad.org.br/wp-content/uploads/2014/03/Lenad-II-Relat%C3%B3rio.pdf>> Acesso em: 11 nov. 2019.

MINAYO, Maria Cecilia de S.; SANCHES, Odécio. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul. /set., 1993. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v9n3/02.pdf>>. Acesso em: 21 maio 2019.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza; SCHENKER, Miriam. **A importância da família no tratamento do uso abusivo de drogas: uma revisão da literatura**. Dez. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2004000300002>. Acesso em: 22 de Novembro de 2019.

PRATES, Jane Cruz. O método marxiano de investigação e o enfoque misto na pesquisa social: uma relação necessária. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 116-128, jan./jul. 2012. Disponível em: <http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/7985/2/O_metodo_marxiano_de_investigacao_e_o_enfoque_misto_na_pesquisa_social_uma_relacao_necessaria.pdf>. 22 maio 2019.

QUINTANILHA, Bruna. Internação compulsória: Solução ou mais problema?. *Gazeta online*. Publicado em 11/06/2017. Disponível em: <<https://www.gazetaonline.com.br/noticias/cidades/2017/06/internacao-compulsoria-solucao-ou-mais-problema-1014065021.html>> Acesso em: 15 de novembro 2019.

SCHILLING, Flávia; MIYASHIRO, Sandra Regina Galdino. Como incluir? O debate sobre o preconceito e o estigma na atualidade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.34, n.2, p. 243-254, maio/ago. 2008.

Senado Federal. **Consumo Feminino de drogas**. Em discussão. Praça dos Três Poderes – Brasília DF. Disponível em: <<https://www.senado.gov.br/noticias/Jornal/emdiscussao/dependencia-quimica/aumento-do-consumo-de-drogas/consumo-feminino-de-drogas.aspx>> Acesso em: 20 de Novembro de 2019.

SILVA, Janine Targino da. **Interfaces entre gênero e dependência química: trajetória feminina**. mar. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/download/8650126/16529>> Acesso em: 29 maio 2019.

SOUZA, Diego de Oliveira Souza. A QUESTÃO DO “Consumo de drogas”: contribuições para o debate. **Serviço Social & Saúde**: UNICAMP, Campinas, v. 11, n. 2, p. 269-286, jul. / dez. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/sss/article/view/8635213/3019>>. Acesso em: 22 maio 2019.

VORONOSK, Caroline. O direito a saúde e os deveres do Estado para com o tratamento de dependentes químicos. *Revista da Academia Brasileira de Direito Constitucional*. Curitiba, 2013, vol. 5, n. 8, Jan.-Jun. p. 62. Disponível em: <<http://www.abdconst.com.br/revista9/direitoCaroline.pdf>> Acesso em: 12 de novembro 2019.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Câmara dos Deputados Centro de Documentação e Informação – Cedi
Coordenação Edições Câmara – Coedi Anexo II – 2ª edição. Praça dos Três
Poderes Brasília (DF) – Brasília | 2012. Disponível em:
<file:///C:/Documents%20and%20Settings/Sandra/Meus%20documentos/Downloads/
politicass_drogas_sisnad_2ed.pdf> Acesso em: 15 de novembro 2019.

CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL. **O estigma do uso de drogas**.
Brasília, 2016. (Série Assistente Social no Combate ao Preconceito, Caderno 2).
Disponível em: <[http://www.cfess.org.br/arquivos/CFESS-Caderno02-
OEstigmaDrogas-Site.pdf](http://www.cfess.org.br/arquivos/CFESS-Caderno02-OEstigmaDrogas-Site.pdf)>. Acesso em: 12 abr. 2019.

LAGES, Patrícia; BRASIL, Thomas Nelson. **Lugar de mulher é onde ela quiser**.
Disponível em: <[https://www.saraiva.com.br/lugar-de-mulher-e-onde-ela-quiser-
9390104.html](https://www.saraiva.com.br/lugar-de-mulher-e-onde-ela-quiser-9390104.html)>. Acesso em: 17 abr. 2019.

LAZARINI, Thaís Valéria Jardim. **Dependência Química: tratamento e pós alta**.
2016. 113f. Trabalho de Graduação (graduação) – Departamento de Serviço Social,
Universidade de Taubaté, Taubaté, 2016.

LIMA, Maria Alice Dias da Silva; ALMEIDA, Maria Cecília Puntel de; LIMA, Cristiane
Cauduro. A utilização da observação participante e de entrevista semiestruturada na
pesquisa em enfermagem. **Revista Gaúcha de Enfermagem: Universidade
Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 20, n.
esp., p. 130-142, 1999. Disponível
em: <[https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/23461/000265980.pdf?seque
nce=1&isAllowed=y](https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/23461/000265980.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em: 15 abr. 2019.

RICHARDSON, Jarry Roberto. et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed.
São Paulo: Atlas, 2010.

SOARES, Pamela Cantelmo. **Dependência Química: uso de crack por adolescente**.
2011. 81f. Trabalho de Graduação (graduação) – Departamento de Serviço Social,
Universidade de Taubaté, Taubaté, 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Roteiro de questões para a entrevista ou questionário

- 1-O que fez com que você usasse droga pela primeira vez?
- 2-Como você se sentiu depois de ter usado a droga?
- 3-Como você percebeu que estava sendo dependente da droga?
- 4- Como sua família reagiu quando soube que você estava usando droga?
- 5- Como foi o seu convívio com as pessoas ao seu redor quando souberam que você era dependente química?
- 6- O fato de você ser mulher há diferença de tratamento (no sentido de relacionamento, NÃO é no sentido do tratamento da doença) quando você fazia uso de drogas?
- 7- Quais preconceitos você considera que sofreu ou sofre por ter sido mulher e dependente química?
- 8- O que mudou em sua vida depois que você começou com o uso de drogas?
- 9- Como você se sente nessa instituição de tratamento da dependência química?

APÊNDICE B

Sistematização dos dados da entrevista

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	ALEGRIA	SUPERAÇÃO	CORAGEM
<p>OBJETIVO 1</p> <p>Compreender o que levou a mulher dependente química a se envolver com drogas</p>	<p>“Eu tinha 13 anos quando eu experimentei a maconha, mas a minha primeira droga mesmo foi o cigarro por curiosidade, por ver né a minha mãe fumando, minha mãe sempre fumou”</p> <p>“na curiosidade da vida eu experimentei e gostei”</p> <p>“daí aos meus 18 eu conheci a cocaína, porque, foi através da separação dos meus pais né, abalou, me abalou muito, e pra eu me refugiar e esquecer essa dor eu conheci algo mais forte da maconha que é a cocaína, e nesse fim, dos meu 18 anos até hoje eu usei ela, eu estraguei a minha vida, muito.”</p> <p>“Porque eu preferia substituir essa dor, sabe? Eu deixei... só tive ele por ter, dei ele pra minha mãe e fui viver a vida porque eu queria esquecer tudo que</p>	<p>“Foi a falta de... Sabe, eu era adolescente e não consegui me identificar num grupo e aí e eu me senti, eu me identifiquei mais num grupo de usuários e aí a partir dali pra ficar igual a gente pratica tudo que ta, né...”</p> <p>“eu me senti mais acolhida naquele meio e aí pra me tornar igual eu comecei também a consumir drogas”</p> <p>“aí já vem toda uma desestrutura familiar, eu tinha um problema assim, porque a minha mãe tinha sido prostituta e aquilo me causava vergonha”</p> <p>“eu sofria abuso, abuso físico, abuso de exploração de trabalho, né”</p> <p>“deu aquele choque de convivência e aí eu fui levando isso pro meu meio.. meio social, sabe, eu tinha aquele bloqueio, e aí naquele grupo de dependentes parece que eu tinha mais... parece que eu ficava mais a vontade . Então uma coisa foi desencadeando a outra.”</p> <p>“eu deveria ter uns 10 anos quando fui conviver com ela, aconteceu aquele conflito entre a gente, eu passo a usar droga, com 15 anos ela me internou aqui”</p> <p>“porque aquela vida bagunçada, bem confusa”</p>	<p>“daí a dificuldade de encarar os problemas de frente me fiz ir pras drogas.”</p> <p>“a falta de Deus também na vida da gente faz... leva a gente pras drogas”</p> <p>“principal motivo que as pessoas vão pras drogas é o vazio que você”</p> <p>“a vida sem Deus ela é muito difícil, e aí esse vazio que eu tinha que me levou as drogas”</p> <p>“e aí muitas pessoas vão para as drogas porque acho que, que trabalha e procura sei lá, a ter uma vida estável”</p> <p>“as pessoas achavam, se eu fosse fazer um favor para alguém já era porque eu queria alguma coisa em troca de droga”</p> <p>“todas as atitudes que eu tomava todo mundo achava que era baseado no fato de eu ser uma usuária de droga entendeu”</p>

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	ALEGRIA	SUPERAÇÃO	CORAGEM
<p>Continuação</p> <p>OBJETIVO 1</p> <p>Compreender o que levou a mulher dependente química a se envolver com drogas</p>	<p>“passei, sabe, esquecer tudo o que a minha passou.”</p> <p>“e eu devido ao a um relacionamento que eu tive eu conheci mais o álcool, eu já conhecia a bebida só que eu não tava tão dependente como eu estava ficando ultimamente”</p> <p>“porque eu sabia que quando acabasse eu iria me arrepender novamente, então eu queria usar toda hora pra não poder sentir essa dor do arrependimento, sabe? De viver a realidade, de ter que arcar com o que eu procurei, daí eu ficava na rua..... e deixava meu filho”</p> <p>“Eu não sei o porque desse vazio, sabe, de eu querer preencher com a droga, acho que foi por causa de um pai mesmo presente, sabe, porque tudo tem um porque, a gente tem que saber das nossas misérias porque a droga só foi um refugio pra mim poder usar, não sei do porque posso te dizer do porque usei a droga, foi de curiosidade, mas tem um motivo dessa curiosidade, sabe?”</p> <p>“Porque todo mundo usa droga por um motivo e nós precisamos descobrir o porque do motivo. Eu tenho certeza que o meu foi por causa da ausência do meu pai mesmo, meu pai mesmo, pai mesmo, sabe... meu padrasto não era meu pai, temde..ele vivia trabalhando, trabalhava a noite e minha mãe de dia, eu ficava mais sozinha tendeu.. minha mãe sempre trabalhou, nunca</p>	<p>“com 7 anos que eu já estava casada não tava dando muito certo, eu me separei eu tinha dois filhos, aí eu comecei com os conflitos sabe? Trabalhar muito, não ter tempo de lazer, não ter... não ter estrutura, decepção (...) e apoio familiar assim não tinha, eu minha mãe sempre teve um afastamento muito grande de dialogo de tudo, de convivência. Aí eu voltei, aí comecei a beber cerveja pra relaxar, depois começo a usar droga toda semana pra dar uma euforia, isso foi fofoi ficando freqüente, aí passei os 20 anos me drogando “</p> <p>“Então ela ia complementando e preenchendo aqueles espaços que a gente normalmente faz o uso de droga pra eles né”</p>	

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	ALEGRIA	SUPERAÇÃO	CORAGEM
<p>Continuação</p> <p>OBJETIVO 1</p> <p>Compreender o que levou a mulher dependente química a se envolver com drogas</p>	<p>teve tempo pra ficar junto comigo, sabe, sou muito carente ainda em relação a isso”</p> <p>“então eu queria usar toda hora pra não poder sentir essa dor do arrependimento , sabe? De viver a realidade, de ter que arcar com o que eu procurei, daí eu ficava na rua..... e deixava meu filho”</p> <p>“Eu não sei o porque desse vazio, sabe, de eu querer preencher com a droga, acho que foi por causa de um pai mesmo presente, sabe, porque tudo tem um porque, a gente tem que saber das nossas misérias porque a droga só foi um refugio pra mim poder usar, não sei do porque posso te dizer do porque usei a droga, foi de curiosidade, mas tem um motivo dessa curiosidade, sabe?”</p> <p>“Porque todo mundo usa droga por um motivo e nós precisamos descobrir o porque do motivo. Eu tenho certeza que o meu foi por causa da ausência do meu pai mesmo, meu pai mesmo, pai mesmo, sabe... meu padrasto não era meu pai, tende..ele vivia trabalhando, trabalhava a noite e minha mãe de dia, eu ficava mais sozinha tendeu.. minha mãe sempre trabalhou, nunca teve tempo pra ficar junto comigo, sabe, sou muito carente ainda em relação a isso”</p>		

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	ALEGRIA	SUPERAÇÃO	CORAGEM
<p>OBJETIVO 2 Conhecer como é o convívio nas relações familiares e sociais da mulher dependente química que se envolve com drogas</p>	<p>“Eu deixei... só tive ele por ter, dei ele pra minha mãe e fui viver a vida porque eu queria esquecer tudo que passei, sabe”</p> <p>“mora com a minha mãe e o meu caçula também, tenho mais um de 1 ano e 5 meses, de um outro relacionamento meu, que também está com a minha mãe. Devido a droga eu tive que dar o termo de responsabilidade a eles”</p> <p>“Minha mãe foi um arraso pra ela”</p> <p>“pra ela foi um arraso porque eu trabalhava, eu ajudava, eu estudava mas tava no vício, e não foi eu que falei pra ela, foi uma tia minha, ela não acreditou ela passou por cima de todos falando que tavam mentindo, até ela perguntar pra mim e eu falar pra ela a verdade, ela chorou muito, muito, ela falou que eu decepcionei ela porque eu era a única pessoa que ela podia confiar, entende? “</p> <p>“Como na primeira dos 9 meses e essa, ele está sempre presente, ele está sendo pai, agora eu posso dizer que ele está sendo um pai, mas é só nessas partes só porque quando eu tava lá fora precisando da ajuda dele ele não estava presente comigo”</p>	<p>“que é tudo que a gente rompe lá fora né, o convívio social, desestrutura no trabalho, usuário de droga dificilmente tem metas de trabalho”</p> <p>“eu conseguia usar a cocaína e conversar, e fechar o negocio, em fechar vendas, porque a pessoa não conseguia perceber em mim que eu tava alterada”</p> <p>“na realidade eles nem tem ciência que eu já tava consumindo a tanto tempo, mas não justificando porque eu não tava feliz, mas eu tava... eu controlava isso”</p> <p>“então a família falava “você ta bebendo muito” e ai eu ficava muito brava”</p> <p>“a gente é apontada como negligente”</p> <p>ai todo mundo já falava né que eu tava usando, tal (...) pra imagem da gente isso é horrível.</p> <p>“é porque assim, ele ta preso e o pessoal vai preso e encontra com ele lá dentro “sua mulher ta comprando craque” e ele começa a falar pra família, e né “Ela ta consumindo craque” e eu ainda continuava negando “maginaa” e eu me desconfigurando fisicamente”</p> <p>“minha mãe já ta bem de idade, falei com meu irmão e falei pra ele, pedi pra ele sabe “eu quero falar sobre isso só com você, sabe, não queria que você espalhasse””</p>	<p>“Minha mãe ficou muito decepcionada e meu pai também”</p> <p>“eles achavam que eu tinha casa, que eu tinha carro, que eu tinha emprego, então eles achavam que tava tudo bem”</p> <p>“eles ficavam perguntando o que que me levou a ficar assim tão, sabe, no fundo do poço e o que que eles tinham feito para colaborar com isso, eles ficaram muito decepcionado, chateado...”</p> <p>“Todo mundo se afastou de mim na realidade por que muitas pessoas acharam que... a maioria das pessoas acha que é sem vergonha, e a gente assim, que a mulher mais julgada ainda, sabe”</p> <p>“só quem não afastou de mim foi meu pai, minha mãe e meus filhos, porque meus amigos todos se afastaram de mim.”</p> <p>“então todas aquelas minhas qualidades acabaram no momento que eu virei dependente química, aí era só aquilo que eu era, eu não era mais nada”</p>

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	ALEGRIA	SUPERAÇÃO	CORAGEM
<p>Continuação OBJETIVO 2 Conhecer como é o convívio nas relações familiares e sociais da mulher dependente química que se envolve com drogas</p>	<p>“até hoje, até hoje, nunca largaram de mim assim de acreditar em mim sabe?. Isso até hoje. Essa ajuda, isso até hoje elas nunca desistiram, porque tem muitas famílias que desistem né, essa parte eu já não posso dizer porque eu já tenha ajuda dele, mas assim como era toda família quando descobriram, era toda família que queria me ajudar, mas conforme o tempo eu que não estava mais querendo ajuda aí foram se destacando , mas as únicas presenciais que estão comigo até hoje são minha tia e minha mãe que não desistem de mim mesma”</p> <p>“Não vou te falar pra você que a minha família não teve preconceito, que tiveram sabe”</p> <p>“Agora outras, primas, meus tios, não tão nem aí, tem a vida deles né, falam que as vezes é culpa da minha mãe, culpam a minha mãe por isso, mas não é.”</p> <p>“Tem um preconceito, porque de cara vão falar, vão te olhar de forma diferente, vão falar com você de forma diferente. É como se você tivesse uma doença, tende? As vezes te evitam, quando você precisa de um ombro amigo não tem mais quando saberem, sabe, antes de você saber que eu usava droga você era minha melhor amiga e me ajudava e fazia o que fosse, quando você descobriu você nem na minha cara você olha mais”</p>	<p>“Porque antes ela criticava muito, sabe, a gente teve uma relação muito difícil, dialogo não tinha dialogo, tudo”</p> <p>“minha natureza também era de não aceitar a critica, não que ela tivesse errada, era a forma que nós duas que ela falava e eu recebia o que ela falava é que não tinha uma boa, né.. não era bom nem pra mim nem pra ela”</p> <p>“Ele viu já com outro ponto de vista “não, vamos ajudar” e foi importante”</p> <p>“Ahhhh, afasta na hora, afasta, e assim, o pior de tudo é a gente perceber que assim, isso respinga nos filhos porque uma mãe usuária”</p> <p>“as outras mães ficam sabendo afasta até as filhas, a gente sente é sutil, mas que a criança não é mais convidada pra ir num aniversário, ou pra ta indo nas casas, nas casas dos amiguinhos”</p> <p>“só que como a droga é uma.. é discriminada né, e fica muito desfigurada a pessoa que é apontada como usuária,”</p> <p>“mas ai com o crack eu me desconfigurei tanto que bani todo mundo no meu convívio por vergonha”</p> <p>“ele chegou ele sentou e conversou, a hora que viu assim ele falou “ah ta, eu vou te levar pra Fazenda da Esperança, tal..”</p>	<p>“que às vezes eu não ia para o trabalho, não era porque eu tava drogada, era porque me incomodava o jeito que as pessoas me olharam sabe, os comentários que eles faziam”</p> <p>“e agora eu tô aqui pelo meu trabalho, que foi o pessoal do meu trabalho que me ajudou a vir pra cá, sabe, pra mim não perder o trabalho de novo”</p> <p>“a palavra tem muito poder, e as pessoas te julgar e você ficar ouvindo que você não consegue mesmo que era isso, que era só isso que eles esperavam de você mesmo, aí você fica muito abaixo sabe”</p> <p>“o que fez recair foi exatamente isso foi que as pessoas esperar tanto que eu caia, que o recaísse”</p> <p>“é só que quer tirar teus filhos, quer te julgar, querem te condenar sabe, então eu sofri muito preconceito, sabe...”</p> <p>“vai fazer oito meses que eu não vi a minha mãe aí na última visita ela veio.. que a gente fica longe só sabe, é difícil porque... é difícil financeiramente também porque daí a minha familia é de longe e não pode vir todos daí as vezes vem um..”</p> <p>“todas as visitas sempre alguém vem sabe, três ou quatro, para mim saber que eles estão comigo e é isso que me dá força”</p>

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	ALEGRIA	SUPERAÇÃO	CORAGEM
<p>Continuação</p> <p>OBJETIVO 2</p> <p>Conhecer como é o convívio nas relações familiares e sociais da mulher dependente química que se envolve com drogas</p>	<p>“mas quando eu fui entrando no fundo do poço foi cada uma indo pra um lado, as vezes me via e fingia que não via, sabe? É bem triste isso”</p> <p>“Ficavam com medo de me levarem na casa pensando que eu ia pegar alguma coisa pra eu usar, sabe?”</p> <p>“foram se afastando, cada vez mais”</p> <p>“Você ser menosprezada, você se sente um lixo na sociedade, porque querendo ou não as pessoas que não usam drogas elas tem esse preconceito”</p> <p>“as pessoas verem a balançarem a cabeça “não tem jeito, essa ai não tem jeito” “não tem mais jeito, só a morte” já escutei muito isso da minha mãe “pra você é só a morte.. pra você nem pro seu filho você faz isso, você tenta parar””</p>	<p>“realmente, em relação a maternidade é muito delicado, a gente é apontado como alguém que..”</p> <p>“assim, eu não via no meu meio de trabalho alguém chegar e se preocupar em me ajudar, a verdade é que as pessoas criticam muito, falam muito pelas costas mas num.. num vem oferecer ajuda”</p> <p>“então se você é consumidor você não presta, você que escolheu, a opção foi sua, ninguém se preocupa, pela correria acho que nunca se preocupa”</p> <p>“As pessoas de modo geral não param mais pra se preocupar onde que ta essa dor, o que é que ta causando, então assim, o preconceito ele é geral mesmo..é social mesmo”</p> <p>“como ele era traficante também acontecia um afastamento das pessoas, ai numa dessas vezes que ele foi preso eu fui presa também, ai... eu precisei deixar minha filha morar na Itália, essa de 18 anos”</p>	<p>“saber que meus filhos me amam e que dependente de tudo que eu fiz que eles não foram por esse caminho, graças a Deus”</p> <p>“aí eles eles vem aqui me ver para falar que eles estão comigo e ver a diferença que tá fazendo né, na minha vida e o tanto que eu tô mudando....”</p> <p>“mas meus filhos, minha mãe, meu pai e meus irmãos acreditam que eu vou fazer diferente dessa vez”</p> <p>“tinha assim coisas na família e eu não participava porque eu ou eu tava chapada ou eu tava constrangida de ir e saber que todo mundo, a família inteira já tava sabendo das situações que eu tinha causado né”</p> <p>“tudo mudou, convívio familiar, convívio no trabalho, de colega de trabalho convívio de amigo, de vizinho tudo fica diferente”</p> <p>“perdi muitos amigos”</p> <p>“o convívio da família já não tinha mais porque eu não ia na casa da minha mãe porque ela ficava falando, falava a verdade ficava brava comigo, que não era aquele que ela queria para mim, o que que ela tinha feito de errado e aquilo me incomodava”</p> <p>“aí eu ia na casa do meu pai e era a mesma coisa, que meus pais são separados, aí eu se eu ia na minha mãe eu ela falava, se eu ia no meu pai ele falava, e meus irmãos sempre falando”</p>

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	ALEGRIA	SUPERAÇÃO	CORAGEM
<p>OBJETIVO 3 Conhecer os impactos do envolvimento com a droga na vida da mulher dependente química</p>	<p>“porque você está procurando isso pra sua vida, sabe? Ai vem a vontade de querer se matar, vontade de sumir no mundo, de morar na rua e largar tudo. É horrível!!!”</p> <p>“Eu pensava só em mim, eu achava que era só eu que estava sofrendo, mas não. Várias vezes eu já deixei o meu filho me chamando pra mim usar droga”</p> <p>“Pra você ver onde eu estava chegando, tava dormindo as vezes na rua, virando a noite, suja (...) não, não ia embora, eu não tinha essa vontade de ir embora, porque eu sabia que quando acabasse eu iria me arrepender novamente”</p> <p>“Não ele me ajudou um pouco a ir pro fundo do poço, a única coisa de bom que ele me deu foi o meu filho, porque eu apanhava todo dia dele, eu não podia ver a minha mãe, eu não podia ver o meu filho mais velho”</p> <p>“eutava nessa parte de beber pinga pura, meu organismo já necessitava, eu ficava tremendo assim (gesticula) era todos os dias de manha, meu copo</p>	<p>“apesar que eu fui uma usuária que assim, eu usava droga pra dar continuidade no trabalho”</p> <p>“19 anos eu usava a cocaína pra ficar em alerta, e ai eu fazia esse ciclo de trabalhar e me drogar, trabalhar e me drogar, me drogar para continuar em alerta e continuar trabalhando”</p> <p>“19 anos eu usava a cocaína pra ficar em alerta, e ai eu fazia esse ciclo de trabalhar e me drogar, trabalhar e me drogar, me drogar para continuar em alerta e continuar trabalhando”</p> <p>“eu fui fazer uma aventura de experimentar o craque porque como eu tava num ciclo muito regular, eu acreditava que eu dominava tudo aquilo”</p> <p>“ai eu justificava que tava com depressão porque nessa mesma época o meu marido foi preso porque ele era traficante, mas ele já tinha sido preso varias outras vezes”</p> <p>“ai eu já estava me afastando do trabalho, da responsabilidade”</p> <p>“nossa...eu desconfigurei”</p> <p>“eu mandava outras pessoas comprarem porque eu tinha vergonha né, mas ai eu comecei a tomar tanto prejuízo de pedir pras pessoas ir comprar que eu passei a ir comprar, ai foi ficando evidente”</p>	<p>“Fraca, deprimida, angustiada... sempre depois do uso da droga sempre vem o arrependimento né, a tristeza”</p> <p>“me sentia deprimida e ai sem força pra sair daquele buraco que eu tinha me enfiado”</p> <p>“acabou todas as minhas qualidades e eu só era drogada”</p> <p>“como você se deixou descer sabe, tão baixo a ponto de perder teu emprego, tua dignidade, tua vontade de lutar, sabe..”</p> <p>“a ponto de perder a autoestima e perder tudo... que é o que a droga faz com a gente”</p> <p>“tudo diferente, sabe, tudo ficou diferente, ou eu tava economizando para sobrar dinheiro para mim usar drogas, ou eu tava fazendo alguma besteira para arrumar dinheiro para mim usar drogas, sabe... Tudo ficou diferente.”</p> <p>“vender coisas minha, da minha casa sabe, eu cheguei até a roubar para falar a verdade sabe,”</p> <p>“Ai as pessoas ficavam comentando eu me afastava delas, elas se afastaram de mim, o preconceito fez muita se afastarem de mim então se ela se afastavam de mim eu não me aproximava mais”</p>

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	ALEGRIA	SUPERAÇÃO	CORAGEM
<p>Continuação</p> <p>OBJETIVO 3</p> <p>Conhecer os impactos do envolvimento com a droga na vida da mulher dependente química</p>	<p>de café de manha era uma pinga, não era um café com leite como aqui”</p> <p>“porque até tentar me matar na frente dele eu já tentei, sabe, já tentei de tirar essa dor, porque ele chorava muito e pedia pra mim “mãe, fica comigo, não vai pra rua, fica comigo, dorme comigo” não filho, a mãe vai mais a mãe volta... e não voltava. E eu cansada dessa vez tentei me matar, fiquei 3 dias dopada, ele que ficava comigo, ele que cuidava de mim”</p> <p>“e eu já estava nesse ponto de vender as minhas próprias coisas, entende? De vender as coisas do meu filho pra poder usar a droga. Vender o sapatinho dele, vender a roupinha dele pra poder usar a droga”</p> <p>“nós mesma as vezes acaba se afastando da sociedade pra viver num mundo da droga. Acaba se afastando de tudo, não tem mais vida pra ir no cinema, as vezes acaba se afastando de tudo, de um churrasco, de um cinema, as vezes tem colega que querem te levantar, tirar você do vicio mas você mesma não quer, entende?”</p>	<p>“e depois que eu usei o craque assim ai eu senti que toda a imagem que eu criei em torno de mim foi por água a baixo, que era de ser mãe, que eu nunca quis ser vista com uma mãe negligente, e uma pessoa, uma mulher que consome droga ela.”</p> <p>“eu já não cumpria mais meus compromissos, eu deixava, eu marcava com o fornecedor e ele ficava esperando, é... atrasava o pagamento, eu chegava.. eu não levantava mais cedo pra ir trabalhar, só chegava pra trabalhar meio”</p> <p>“eu andava de madrugada, eu ia em lugares assim, que... se olhar, quem olha assim sóbrio”</p> <p>“você tem que entrar nuns lugares muito perigosos”</p> <p>“ai pronto, ai destrói mais ainda a auto estima, aí que a gente não vai mais em lugar nenhum, eu não ia mais... no shopping, almoçar fora”</p> <p>“da a impressão que tá todo mundo te olhando e comentando porque desenvolve uma umauma... sensação de perseguição... isso já é um fator”</p> <p>“eu já me sentia estranha, e ai no.. eu passei a me esconder muito”</p> <p>“a minha filha ela não tinha a minha presença”</p>	<p>“eu me afastei de todo mundo, então tudo ficou tão diferente e quando eu me dei conta eu tava sozinha no mundo, sozinha, só eu lá na minha casa.”</p>

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	ALEGRIA	SUPERAÇÃO	CORAGEM
<p>Continuação</p> <p>OBJETIVO 3</p> <p>Conhecer os impactos do envolvimento com a droga na vida da mulher dependente química</p>	<p>“porque a gente ta numa roda de dependentes químicos a mulher sempre vai ser a vagabunda, entende? Você pode usar a cocaína, mas você tem que “dar” pra mim, entendeu? Agora o homem não, o homem tem essa valoridade, cada droga que ele usa ele tem como se fosse o garanhão, agora a mulher não, a mulher é menosprezada, puta, ela é prostituta, ela é vagabunda, mesmo trabalhando ou não”</p> <p>“que o olhar das pessoas é como se a gente fosse prostituta”</p> <p>“eu estava fazendo isso, tava me trocando por causa da droga”</p> <p>“A droga acaba com a gente, acaba com o nosso caráter, nossa dignidade, nossa personalidade. A gente vira um bicho, um objeto pra poder ser dependente da droga”</p> <p>“meu jeito de agir mudou porque fiquei mais agressiva, fiquei com meu coração mais frio e pensava só em mim”</p> <p>“perdi meu emprego e não conseguia mais arrumar serviço em lugar nenhum”</p> <p>“Eu perdi tudo, perdi a confiança da minha família, perdi a minha confiança, perdi a confiança da sociedade. A gente perde tudo que a gente fica dependente, vira um bicho mesmo, essa é a verdade”</p>	<p>“porque eu fui me excluindo, eu fui me escondendo sabe? Uma: eu tinha muito mais prazer com a droga, eu tava muito melhor acompanhada ali, eu queria ta ali me drogando. E depois também eu já não conseguia mais me arrumar pra disfarçar né,”</p> <p>“ai ele pegou a minha filha, levou pra casa da minha mãe e eu fiquei sozinha”</p> <p>“eles me deram sedativo e me levou pra uma clinica psiquiátrica, ai eu fiquei lá 40 dias”</p> <p>“a minha parte espiritual eu não conseguia trabalhar de jeito nenhum.”</p> <p>“depois com o crack foi devastador né, porque pelo menos o pouco que eu tinha que era manter aquele nível de socialismo, caiu totalmente”</p> <p>“porque nesse período eu fui presa e eu autorizei minha filha ir pra Itália, ela tava com 14 aninhos, morar com o pai (...).eu não queria deixar, eu não queria deixar né, a minha filha ir morar pra longe”</p>	

APÊNDICE C

Entrevistada: ALEGRIA

1 - O que fez com que você usasse droga pela primeira vez?

Bom, eu era muito nova né, eu tinha 13 anos quando eu experimentei a maconha, mas a minha primeira droga mesmo foi o cigarro por curiosidade, por ver né a minha mãe fumando, minha mãe sempre fumou e tenho bronquite, rinite e eu odiava o cheiro, mas na fase da escola, da adolescência, na curiosidade da vida eu experimentei e gostei.

1.2 - Do cigarro?

Sim, do cigarro e da maconha, ai logo em seguida eu experimentei a maconha, com 13 anos..daí aos meus 18 eu conheci a cocaína, porque, foi através da separação dos meus pais né, abalou, me abalou muito, e pra eu me refugiar e esquecer essa dor eu conheci algo mais forte da maconha que é a cocaína, e nesse fim, dos meu 18 anos até hoje eu usei ela, eu estraguei a minha vida, muito..

1.3 - Você começou 13 anos a fumar cigarro?

13 anos o cigarro e a maconha, com 18 a cocaína.

1.4 - Que foi com a separação dos seus pais?

Isso...

1.5 - Vocês moravam juntos?

Sim, assim... nunca morei com o meu pai mesmo, foi com o meu padrasto, porque minha mãe conheceu o meu padrasto eu tinha 1 ano e 8 meses, e aos meus 18 anos eles se separaram, entende?..É como se fosse o meu pai mesmo porque é ele quem me criou, e me abalou muito porque descobri muitas coisas que ele fazia com a minha mãe, ele batia na minha mãe, ele separou da minha mãe e ela tava com câncer, minha mãe pegou depressão, minha mãe perdeu um filho, e ele não quis saber de nada, simplesmente foi embora e largou a gente nesse auge da vida!?

1.6 - A gente é só você e sua mãe?

Aos meus 18, sim.

1.7 - Você tem irmão?

Não, tenho por parte de pai, mas eu não tenho contato com meus irmão não, eu tenho uma irmã de 16 anos e um irmão de 25, eu sou a mais velha dos 3 por parte de pai, agora por parte de padrasto eu não tenho vinculo nenhum com ele, parentesco nenhum (entendi, ai era só você e sua mãe nessa caminhada...) sim, até meus 21 anos que foi quando eu engravidei, engravidei do meu mais velho né, hoje ele tem 6 anos, mas larguei ele pra ficar na droga. Porque eu preferia substituir essa dor, sabe? Eu deixei... só tive ele por ter, dei ele pra minha mãe e fui viver a vida porque eu queria esquecer tudo que passei, sabe, esquecer tudo o que a minha passou. Eu não aceitava, ai eu mesmo me machucada e ai pensava só em mim, não pensava nela, nele, sabe pra mim era só zueira e não sabia o perigo que estava tendo, até o fundo do poço (mas com 21 anos também é muito nova,né?) sim, muito

nova, eu era muito baladeira, saia demais, engravidei do meu primo, entende? (risos) foi horrível!! Mas não me arrepende porque é minha benção hoje.

1.8 - Ele mora com a sua mãe ainda?

Mora com a minha mãe e o meu caçula também, tenho mais um de 1 ano e 5 meses, de um outro relacionamento meu, que também está com a minha mãe. Devido a droga eu tive que dar o termo de responsabilidade a eles.

1.9 - A sua mãe também usava drogas?

Não, ela fuma cigarro, mas bebe de vez em quando, tende? Final de semana é o dia que ela tira pra tomar a cervejinha dela, o que não deixa de ser uma droga porque ela não come, ela só bebe e no final da noite ela acaba arrumando confusão, porque está com o estomago fazia porque não come nada e acaba subindo mais rápido, ela não tem mais aquela estrutura pra beber socialmente.

2 - Como você se sentiu depois de ter usado drogas?

A sensação? Ou (esticulou como forma de entender o pós uso de drogas) (pode me dizer os dois, por favor?) Bom, a sensação é maravilhosa, você esquece de tudo, você esquece de tudo (começa a chorar novamente) você se sente como se tivesse um peito de aço, como se ninguém pudesse falar nada pra você, é tudo do seu jeito, do jeito que você quer, da sua forma e pronto, ai quando acaba o efeito da droga, bate a depressão, você se pergunta do porque você fez isso, porque mais uma vez você tá se arrependendo, porque você está procurando isso pra sua vida, sabe? Ai vem a vontade de querer se matar, vontade de sumir no mundo, de morar na rua e largar tudo. É horrível!!! (essa sensação que te dá depois?) é a pior sensação do mundo, do mundo, ainda mais agora que eu vejo o que os meus filhos (chora novamente) sentem, sabe? porque antes eu não pensava neles, entende? Eu pensava só em mim, eu achava que era só eu que estava sofrendo, mas não. Várias vezes eu já deixei o meu filho me chamando pra mim usar droga (você fazia isso pra suprir uma dependência) Sim, é horrível, horrível, horrível... (eu aconselhei dizendo sobre não se sentir culpa explicando sobre toda a dependência que a droga trás e ela complementa) sim, fica dependendo né, porque o nosso organismo acaba acostumando com a química, sabe? E as vezes mesmo você não querendo usar a droga, o nosso organismo pede, entende? Muitas vezes eu já usei a droga sem eu querer

2.1 - Usou mais como uma dependência? Mais como uma forma de suprir aquela necessidade?

Uhum (balançando a cabeça como afirmativo) agora o cigarro, o cigarro eu sofro ainda com isso, sabe? Com essa vontade de usar, porque foi muito tempo, desde o meus 13 eu nunca parei de fumar e só parei aqui nesses três meses que eu tenho da minha caminhada, foi a primeira vez que parei de fumar porque dos meus 13 até meus 27 eu nunca mais parei, nunca mais larguei

2. 2- Mesmo com asma, mesmo com todos seus problemas de saúde?

Mesmo! Eu fumava mal, com uma bronquite atacada eu fumava e tossia, tossia, tossia, mas estava fumando..... Eu fumava de dois a três massos por dia (com o tom

de voz baixinho) por causa que eu sempre usava a cocaína e a cocaína da vontade de fumar, da vontade de beber, entende?

2.3 - E você também bebia bebida alcólicas?

Eu comecei a perceber que eu estava dependendo do álcool há dois anos atrás, porque eu já tava largando uma droga pela outra, eu estava substituindo a cocaína pelo álcool, sabe? Já não conseguia, todos os dias eu tinha que beber e se eu não bebesse eu tremia, e eu não gostava, não suportava o álcool e eu devido ao a um relacionamento que eu tive eu conheci mais o álcool, eu já conhecia a bebida só que eu não tava tão dependente como eu estava ficando ultimamente (silêncio...)

2.4 - Entendi, e como que você sustentava esse vício?

Ahhh, Eu mentia muito pra minha mãe, muito muito muito muito, sempre falava pra ela que tava devendo pra alguém que não existia, sabe? Imaginava uma pessoa pra falar pra ela que eu tava devendo pra mim poder comprar ou a droga ou o álcool, ou as vezes chegava nela mesmo e falava...porque depois de um tempo eu não tinha mais como mentir, entende?. Essa é minha segunda internação praticamente, porque, assim, segunda internação no mundo, porque pra mim mesma a minha primeira internação que eu fiquei, eu fiquei 9 meses limpa só que era na base de remédio e podia fumar, então eu não estava limpa mesmo como estou agora, entende? Sem dependência de remédio, sem dependência do cigarro, sem a dependência de nada (a primeira foi na sua cidade?) na minha cidade não, foi em Limeira, São Paulo também (você é de São Paulo?) Sou de São Paulo, moro em Jandira. Daí eu fiquei 9 meses ali da droga, mas dependente de outra droga que era o remédio. Aí na rua eu fiquei mais uns 2 anos e 10 meses sem usar a droga, mais na base do remédio (e você não quis mais ficar lá?) Não porque eu completei o tempo né, o tempo era de 6 meses (ah, então lá tinha tempo ainda?) sim, entendeu? Era só de 6 meses, não é igual aqui 1 ano ou o tempo que você desejar, tende?. Você podia sair qualquer hora lá (diferente, né?) sim, bem diferente, só que era em base de remédio e aí querendo ou não eu nunca sai desse mundo da droga porque o remédio é uma droga também (e você quis sair completamente de tudo) sim!!

2.5 - Você acha que seus filhos que te deram esse despertar?

Sim, aqui, aqui!! Porque lá fora eu já pedia muito “mãe, eu preciso me internar, eu to, to acabando com a minha vida, to me acabando de novo mãe, to me acabando e preciso me internar” e ela “filha eu vou te internar onde? “eu não sei, em qualquer lugar” eu já estava pedindo ajuda, sabe? Foi quando apareceu a fazenda pra mim poder vir, daí quando me falaram que era pra mexer mais com o lado espiritual eu não pensei duas vezes, porque eu já nem estava nem mais acreditando em Deus

E você já tinha esse lado espiritual antes disso? Já tinha suas crenças?

Sim, eu era evangélica , eu acreditava em Deus mas conforme o tempo eu parei de ir na Igreja, parei de ir em tudo e não estava nem mais acreditando em deus, eu duvidava dEle, sabe? Pra você ver onde eu estava chegando, tava dormindo as vezes na rua, virando a noite, suja (e não ia embora?) não, não ia embora, eu não tinha essa vontade de ir embora , porque eu sabia que quando acabasse eu iria me arrepender novamente, então eu queria usar toda hora pra não poder sentir essa dor do arrependimento , sabe? De viver a realidade, de ter que arcar com o que eu procurei, daí eu ficava na rua..... e deixava meu filho (choro) (aconselhei sobre seu filho, sobre o sentimento dela com seu filho) com certeza porque ele é muito inteligente e dei graças a Deus porque na gravidez dele eu usei muita droga

também, muita muita muita muita, ele até os 4 meses dele depois que ele nasceu ele ficou com abstinência, ele demorou a crescer, ele balançava a cabeça, ele virava os olhos, ele se tremia porque ele ficou dependente um pouco da droga NE, daí eu tive que parar de dar o peito pra ele porque se não o medico disse que eu poderia matar ele (muito choro) (perguntei se o pai dele era presente nesse processo) não porque ele ta preso ainda (mas ele já estava antes do filho dele nascer?) não, meu filho nasceu e quando ele tinha 6 meses, ele foi preso (pai do seu mais velho que é o seu primo?) isso, pai do meu mais velho que é o meu primo, do mais velho, agora do meu caçula, eu não sei se estou com ele, se não estou porque quando me internei eu tava com ele, sabe, só que querendo ou não ele me ajudou um pouco a ir pro fundo do poço, a única coisa de bom que ele me deu foi o meu filho, porque eu apanhava todo dia dele, eu não podia ver a minha mãe, eu não podia ver o meu filho mais velho (que absurdo, você vivia em um relacionamento abusivo) sim, entendeu, eu não tinha mais amor por ele, eu só ficava com ele mesmo com medo dele tirar meu filho (isso não tem como, pode ficar tranqüila) mas eu morria de medo né, essa parte eu sei bastante porque graças a Deus a minha mãe sempre me ajudou, sabe? Ela mesmo me falou “filha, da suas criança pra mim por enquanto antes do fulano fazer alguma coisa porque, ou era eu ou era ele, um dos dois poderia acabar morrendo, porque a gente sempre se pegava

2.6 - Ele é dependente também?

Ele é dependente também. Ele bebe demais, por isso que falo que conheci o álcool mais depois que conheci ele porque ele bebe muito e pinga pura, e eu tava nessa parte de beber pinga pura, meu organismo já necessitava, eu ficava tremendo assim (gesticula) era todos os dias de manha, meu copo de café de manha era uma pinga, não era um café com leite como aqui.

2.7 - E o pai do seu primeiro filho?

ta preso (mas ele conhece o pai) não, não conhece, só quando era bebezinho que foi até os 6 meses dele, depois não porque ele nunca mais saiu da cadeia (ele sabe que o pai dele ta preso?) não, não sabe, assim ele sabe que ele tem um pai só que ele não sabe onde o pai está, entende? Minha mãe nega pra ele, porque ele nega muito pra minha mãe “vó, eu não tenho pai da terra? Eu só tenho pai do céu? E minha mãe fala que é, que ele só tem o pai do céu, e eu falo “não filho, você tem um pai da terra sim” porque eu sei que quando o meu filho crescer vai acabar abalando ele (vai sim, mas ele também tem o direito de saber) ele tem o direito de saber, com certeza) mas a minha mãe não aceita isso, entende, eu tenho muito medo disso mexer com ele quando ele estiver mais velho, ele se revoltar, sabe? Esse é o meu maior medo (chora) ou até mesmo quando ele (o pai) quiser ir lá visitar meu filho e ele perguntar “quem é você? Você não é meu pai, eu não tenho pai” eu descobri mesmo sabe, porque.... (vocês não acham que seriam um processo mais fácil contar pra ele?) sim, eu acho, só que a minha mãe não (ele ta com quantos anos?) 6 anos, só que a minha mãe não aceita, né, e ele que cria meu filho (agora mais do que nunca, né) (muito choro) (conselhos sobre o direito da criança e o que pode acontecer) com certeza, porque até tentar me matar na frente dele eu já tentei, sabe, já tentei de tirar essa dor, porque ele chorava muito e pedia pra mim “mãe, fica comigo, não vai pra rua, fica comigo, dorme comigo” não filho, a mãe vai mais a mãe volta... e não voltava. E eu cansada dessa vez tentei me matar, fiquei 3 dias dopada, ele que ficava comigo, ele que cuidava de mim (muito choro) (criança, né. É o amor mesmo que ele sente por você) e eu ficava no quarto e minha mãe falava que ele ia

toda hora lá, fazia carinho, perguntava que horas eu ia acordar, se eu tava bem, as vezes chegava perto de mim pra saber se eu estava respirando, sabe? Eu não lembro disso porque eu praticamente vi a morte, tentei me matar (você tentou se matar usando muita droga) sim, e tomei remédio, me dopei muito em remédio, muito muito muito, e era só, como eu tomava remédio na minha primeira internação sobrou muito e todos os que tinham sobrado eu tomei tentando me matar (qual foi esse sentimento? O que você pensou na hora de querer se matar?) queria acabar com essa dor, de acabar com essa dor, esse sofrimento da minha família, de mim mesma, dos meus filhos. Meu caçula nenenzinho, meu caçula tinha 10 meses e eu tentei fazer isso (você também usou drogas na gravidez do seu segundo filho) usei drogas na gravidez do meu segundo filho só que não usei tanto quanto do outro filho entende? (sim, entendo)

3- Como você percebeu que estava sendo dependente da droga?

Quando eu comecei a tirar as minhas coisas pra vender, tende? Porque até o ponto disso a gente começa, a tirar as coisas “ah, vou tirar essa roupa aqui porque não vai fazer falta mesmo, vou vender pra uma colega minha” e eu já estava nesse ponto de vender as minhas próprias coisas, entende? De vender as coisas do meu filho pra poder usar a droga. Vender o sapatinho dele, vender a roupinha dele pra poder usar a droga (e foi ai que você percebeu que estava) saindo do meu limite (silencio)

4- Como sua família reagiu quando soube que você estava usando droga?

A primeira vez? Minha mãe foi um arraso pra ela, foi um arraso porque eu não mostrava pra minha mãe que eu usava droga, a cocaína, porque a maconha nunca desconfiou, ela nunca desconfiou porque eu fui livre e aberta com ela com 18 anos que foi quando eu já fumava a maconha e conheci a cocaína e já tava na cocaína, pra ela foi um arraso porque eu trabalhava, eu ajudava, eu estudava mas tava no vicio, e não foi eu que falei pra ela, foi uma tia minha, ela não acreditou ela passou por cima de todos falando que tavam mentindo, até ela perguntar pra mim e eu falar pra ela a verdade, ela chorou muito, muito, ela falou que eu decepcionei ela porque eu era a única pessoa que ela podia confiar, entende? (com quantos anos sua mãe se separou mesmo?) eu tinha 18 anos, fez 10 anos de separação do meu padrasto, agora do meu pai tem 28 (risos) desde quando nasci, mas assim, eu não tinha contato com o meu pai, mas nas minhas internações ele sempre foi presente, sabe? Como na primeira dos 9 meses e essa, ele esta sempre presente, ele está sendo pai, agora eu posso dizer que ele está sendo um pai, mas é só nessas partes só porque quando eu tava lá fora precisando da ajuda dele ele não estava presente comigo

4.1 - A sua família você entende que é só você e sua mãe?

Só eu, minha mãe, minha avó e meus dois filhos

4.2 - Mas nesse processo de consciência sua, de apoio era mais você e sua mãe?

sim, mais eu, minha mãe e minha tia.

4.3 - Quando sua tia soube qual foi a reação dela com você?

Terrível também, ela chorou muito também, porque ela me criou também entende? Não acreditava, não conseguia acreditar (as duas continuam com você?) sim, até hoje, até hoje, nunca largaram de mim assim de acreditar em mim sabe?. Isso até

hoje. Essa ajuda, isso até hoje elas nunca desistiram, porque tem muitas famílias que desistem né, essa parte eu já não posso dizer porque eu já tenha ajuda dele, mas assim como era toda família quando descobriram, era toda família que queria me ajudar, mas conforme o tempo eu que não estava mais querendo ajuda ai foram se destacando, mas as únicas presenciais que estão comigo até hoje são minha tia e minha mãe que não desistem de mim mesma (e em momento algum elas pensaram em desistir...) nunca, nunca!! (sempre te apoiaram...) sempre, sempre!! (comentei da importância desse apoio) Não vou te falar pra você que a minha família não teve preconceito, que tiveram sabe, até mesmo a minha tia se assustou, ficou um pouco sentida e chorou, mas ela nessa parte nunca desistiu, sabe? Ela me deu uma esfriada durante um tempo, mas depois ela voltou novamente e me acolheu e até hoje nunca desistiu. Agora outras, primas, meus tios, não tão nem aí, tem a vida deles né, falam que as vezes é culpa da minha mãe, culpam a minha mãe por isso, mas não é. Eu não sei o porque desse vazio, sabe, de eu querer preencher com a droga, acho que foi por causa de um pai mesmo presente, sabe, porque tudo tem um porque, a gente tem que saber das nossas misérias porque a droga só foi um refugio pra mim poder usar, não sei do porque posso te dizer do porque usei a droga, foi de curiosidade, mas tem um motivo dessa curiosidade, sabe?

5 - Como foi o seu convívio com as pessoas ao seu redor quando souberam que você era dependente química?

Bem estranho, né..você se sente como se fosse um bicho do mato, sabe. Tem um preconceito, porque de cara vão falar, vão te olhar de forma diferente, vão falar com você de forma diferente. É como se você tivesse uma doença, tende? As vezes te evitam, quando você precisa de um ombro amigo não tem mais quando saberem, sabe, antes de você saber que eu usava droga você era minha melhor amiga e me ajudava e fazia o que fosse, quando você descobriu você nem na minha cara você olha mais (e você teve esses tipos de amizade?) sim, sim, por isso que hoje eu falo que a minha única amiga é a minha mãe, tende, porque lá fora eu tinha muita amiga, muita amiga, porque eu tinha dinheiro, trabalhava, eu podia se dependente mas o que as meninas precisavam eu ajudava, mas quando eu fui entrando no fundo do poço foi cada uma indo pra um lado, as vezes me via e fingia que não via, sabe? É bem triste isso, e a única pessoa que continuou comigo foi a minha mãe e por isso que eu falo que ela é a minha amiga de verdade. Sempre tem essas perguntinhas, essas brincadeiras “você não tem vergonha na sua cara? Você tem tudo na vida porque vai usar drogas?” (você ouvia isso?) sim, ouvia, muitas vezes, muitas vezes. Ficavam com medo de me levarem na casa pensando que eu ia pegar alguma coisa pra eu usar, sabe? (e ai a cada tempo foi cada uma se afastando?) foram se afastando, cada vez mais, ou quando a gente se via, passavam 10 mais 5 anos era totalmente estranho, se a gente tivesse se vendo pela primeira vez.

5.1 - Tudo isso quando souberem que você estava usando drogas?

Quando souberam que eu estava usando drogas (choro) (como você se sentia com isso?) durante o começo eu me sentia triste, mal, depois eu me acostumei porque a gente vai se esfriando vai ficando uma pessoa seca, uma pessoa fria, nós mesma às vezes acaba se afastando da sociedade pra viver num mundo da droga. Acaba se afastando de tudo, não tem mais vida pra ir no cinema, as vezes acaba se afastando de tudo, de um churrasco, de um cinema, as vezes tem colega que querem te levantar, tirar você do vicio mas você mesma não quer, entende? “a não, hoje não,

to suave” tendo dinheiro no bolso ao invés de preferir ao pro mcdonalds, vai pra biqueira, entende? Nós mesma temos esse preconceito com nós mesmas, sabe?

5.2 - E você desde nova trabalhava?

Sim, eu comecei a trabalhar com 14 anos (isso é uma coisa que quebra muito o preconceito quando falam que o uso de drogas são por pessoas “vagabundas que não querem trabalhar”) não!! (você já ouviu isso?) sim, várias vezes (e com essa sua fala a gente quebra completamente isso) com certeza, comecei a trabalhar com 14 anos (esse vício era mais uma coisa sentimental do que algo de dinheiro) sim!! (falei da minha experiência familiar e dos paradigmas que a realidade dela quebra, da culpabilização da família e do indivio. E por isso motivo quis fazer essa pesquisa e da importância das falas dela, falei do atual contexto social e do governo liberalista e conservador com esse assunto) porque a droga é só uma cereja do bolo, entende? As nossas drogas mesmo estão aqui dentro mesmo, do coração, entende? Porque todo mundo usa droga por um motivo e nós precisamos descobrir o porque do motivo. Eu tenho certeza que o meu foi por causa da ausência do meu pai mesmo, meu pai mesmo, pai mesmo, sabe... meu padrasto não era meu pai, tende..ele vivia trabalhando, trabalhava a noite e minha mãe de dia, eu ficava mais sozinha tendeu.. minha mãe sempre trabalhou, nunca teve tempo pra ficar junto comigo, sabe, sou muito carente ainda em relação a isso (e seu refugio foi a droga) foi sair pra rua rápido, ser muita presa quando era pequena e quando ela deu asas para mim eu quis voar de uma vez tendeu..

6- O fato de você ser mulher há diferença de tratamento (no sentido de relacionamento, NÃO é no sentido do tratamento da doença) quando você fazia uso de drogas?

Claro, com certeza, porque a gente ta numa roda de dependentes químicos a mulher sempre vai ser a vagabunda, entende? Você pode usar a cocaína, mas você tem que “dar” pra mim, entendeu? Agora o homem não, o homem tem essa valoridade, cada droga que ele usa ele tem como se fosse o garanhão, agora a mulher não, a mulher é menosprezada, puta, ela é prostituta, ela é vagabunda, mesmo trabalhando ou não

6.1 - Então você sentia muita essa diferença? Até mesmo com seu convívio na rua, como você disse?

Com certeza, que o olhar das pessoas é como se a gente fosse prostituta “ah, vou dar a droga pra ela mas ela vai ter que dá algo em troca” mesmo trabalhando, mesmo indo lá com o dinheiro (igual o homem) é! Mesmo você com o dinheiro na mão “ah, eu te dou a mais mas você vai ter que fazer isso” “não, lógico que não, eu to com o meu dinheiro porque eu não vou poder pagar?

6.2 - Você já chegou a se submeter a essas escolhas?

Durante um tempo sim (em voz baixa e tristeza) eu estava fazendo isso, tava me trocando por causa da droga até eu chegar num ponto que “meu Deus o que eu to fazendo com a minha vida? Nunca precisei disso” A droga acaba com a gente, acaba com o nosso caráter, nossa dignidade, nossa personalidade. A gente vira um bicho, um objeto pra poder ser dependente da droga

6.3 - E você então sentia isso quando ia nas biqueiras, usar a droga, essa diferença? Sim, claro, com certeza... as vezes os homens davam até de graça “e ai

parceira, toma ai pra você (só por você ser mulher?) sim, por isso (falei o porque do recorte de gênero na minha pesquisa) Mas é mesmo, até mesmo o homem dependente mesmo, ele pode até estar no fundo do poço, mas se ele tiver um pouquinho a mais que a mulher, ele vai tirar a mulher (como assim tirar a mulher? Não entendi) Vai tirar do caráter dela, tende, eu posso ter também, como ele pode ter também, eu sempre vou estar inferior a ele, vou estar menos que ele.. (falei do machismo imposto na sociedade em geral e da superioridade)

7- Quais preconceitos você considera que sofreu ou sofre por ter sido mulher edependente química?

Você ser menosprezada, você se sente um lixo na sociedade, porque querendo ou não as pessoas que não usam drogas elas tem esse preconceito. ELAS passam esse preconceito para nós, ou as vezes nós mesmo criamos em nossa cabeça esse preconceito “eu não posso ficar junta porque se não vão pensarem que eu sou uma prostituta ou uma bandida, nóia, que eu vou chegar e vou roubar” esses preconceitos são os piores, não consigo vir em mente mais, mas os piores são esses de puta, sem caráter, lixo...

7.1- E quando você engravidou, continuou a mesma coisa ou você acha que de alguma forma mudou, os preconceitos foram mais elevados?

São mais, são mais porque além da gente ta sendo a nóia, estão tendo preconceito, estão mexendo com a nossa criança porque a criança não tem culpa do vicio, entende? “você não tem vergonha nessa cara, você está esperando um filho, sua criança não tem culpa de você usar a droga. Para por ele” e você não querer isso, não aceitar “você não tem vergonha? O seu filho vai nascer deficiente” “vai nascer com problema ou na rua” as pessoas verem a balançarem a cabeça “não tem jeito, essa ai não tem jeito” “não tem mais jeito, só a morte” já escutei muito isso da minha mãe “pra você é só a morte..pra você nem pro seu filho você faz isso, você tenta parar” (isso é algo que eu tenho certeza que o pai da criança não ouviu) ah não, pode ter certeza que não (risos) porque quem carrega sou eu, né, quem tava carregando o nenenzinho na barriga era eu. Porque eles não tem culpa, meus filhos não tem culpa do meu vicio, da minha dependência, mas tem esses preconceitos sim “para com isso, você vai acabar com a sua vida, você não esta pensando no seu filho?” “você é louca? Você é doente? (ninguém também parou pra escutar “eu não estou pensando no meu filho, mas quem está pensando em mim”?) verdade! Sempre sou a excluída, na gravidez você sempre vai ser a excluída, sempre vai ser o neném o foco. Eu não tive razão, porque o meu filho não teve culpa do meu grau de doença (choro). As vezes eu mesma tinha preconceito com a minha doença (risos)

8- O que mudou em sua vida depois que você começou com o uso de drogas?

TUDO!Tudo mudou, meu jeito de falar mudou, meu jeito de agir mudou porque fiquei mais agressiva, fiquei com meu coração mais frio e pensava só em mim, não pensava em mais ninguém, perdi meu emprego e não conseguia mais arrumar serviço em lugar nenhum. Depois dos meus 20 anos, depois da minha primeira gravidez que eu tive eu não consegui mais serviço. Eu perdi tudo, perdi a confiança da minha família, perdi a minha confiança, perdi a confiança da sociedade. A gente perde tudo que a gente fica dependente, vira um bicho mesmo, essa é a verdade (o que te ajuda a usar mais a droga) sim, porque a gente ta a procura de um serviço e pela forma de você falar, pela forma de você agir, você as vezes não consegue

arrumar, porque você perde a postura feminina, fica que nem uma pessoa das cavernas mesmo, entende?

9- Como você se sente nessa instituição de tratamento da dependência química?

Ótima, eu gosto daqui porque aqui eu voltei a ter esse amor próprio, sabe? Esse amor por mim, a minha essência, esse meu carinho, eu voltei a ter de novo essa minha paciência, entende? A postura ainda não porque eu acabo (risadas..) mas aos poucos... minha forma de pensar porque eu não penso só mais em mim, penso em mim, mas o meu foco é pensar nos filhos, então a recuperação, eu preciso dessa minha recuperação pra poder me manter limpar pra manter uma vida digna com meus filhos, entende? Porque não é só pra mim, eu sofri demais na dependência química. eu quero ser feliz porque tristeza eu já tive muito e aqui a gente passa isso, afinidade com Deus novamente, esse amor com Deus... to numa parte muito boa na minha vida, to tendo a minha fé, o que eu não tava tendo mais eu to aprendendo a ter novamente. Quero conversar com Deus, o amor pelo próximo, eu sempre amei lá fora mas eu não conseguia enxergar porque eu era tão cega pela dependência que eu não conseguia ver o tanto de amor que eu conseguia fazer para o próximo como eu faço aqui dentro, sabe sempre amei muito, ajudar, a me lançar pra poder fazer algo útil e não deixar alguém pra baixo é muito bom.

9.1- Você acha que o princípio daqui é o amor?

Com certeza, o amor é tudo , se a gente não tiver o amor por si próprio a gente não consegue ter o amor ao próximo, e é uma coisa que eu descobri, eu tenho que ter amor ao por mim pra mim poder amar o meu próximo, e eu to me amando aos poucos, as vezes bate as crises, mas é normal porque foram muitos anos de vida na droga né, e só três meses eu não consigo falar que eu já to pronta porque foram 15 anos de drogadição e só três meses eu falar que to pronta? To auto me enganando, entendeu?.... Tudo é na permissão de Deus.

Entrevistada: SUPERAÇÃO

1- O que fez com que você usasse droga pela primeira vez?

O que fez eu usar droga pela primeira vez? Deixa eu ver..Foi a falta de... Sabe, eu era adolescente e não consegui me identificar num grupo e aí e eu me senti, eu me identifiquei mais num grupo de usuários e aí a partir dali pra ficar igual a gente pratica tudo que ta, né...Tudo o que as pessoas fazem naquele meio, eu me sentia bem naquele meio. A conversa era, eu me identificava mais com a conversa, enfim, eu me senti mais acolhida naquele meio e aí pra me tornar igual eu comecei também a consumir drogas.

1.2- O outro meio era de outros amigos que você não se identificava?

Não, eu não me identificava e aí já vem toda uma desestrutura familiar, eu tinha um problema assim, porque a minha mãe tinha sido prostituta e aquilo me causava vergonha, então é eu não conseguia, eu não queria falar sobre isso, então por exemplo aquele grupo de amigos que tinha uma vida normal (gesticulou o aspas na palavra normal) eu sentia que eu tinha um bloqueio, eu não tinha o que falar, aquilo me bloqueava porque minha mãe tinha tido uma vida errada... deixa eu ver... aí em casa também era um convívio que eu tava na fase de adolescência e eu não morava com a minha mãe, e fui morar com ela quando eu tinha... uns 11 anos... Então eu cheguei pra morar com ela e me decepcionei porque ela não era aquela pessoa que eu imaginava e ela também não conseguia me entender, aconteceu um estranhamento entre a gente.

1.3- Antes disso você morava com quem?

Eu vivia com a minha avó, aí a minha avó morreu, aí fiquei na casa de uma pessoa aqui uma pessoa ali... e eu sofria abuso, abuso físico, abuso de exploração de trabalho, né, aí a hora que a minha mãe apareceu falando que tinha estruturado a vida dela, eu não reconhecia ela também porque ela não era aquela pessoa que eu imaginava e provavelmente também eu não fui a filha que ela via, que ela imaginava e assim deu aquele choque de convivência e aí eu fui levando isso pro meu meio..meio social, sabe, eu tinha aquele bloqueio, e aí naquele grupo de dependentes parece que eu tinha mais... parece que eu ficava mais a vontade . Então uma coisa foi desencadeando a outra. Ai sim, complementando, aí na adolescência comecei a usar droga tal, quando eu tinha 15 anos, é... a minha mãe me internou aqui, eu deveria ter uns 10 anos quando fui conviver com ela, aconteceu aquele conflito entre a gente, eu passo a usar droga, com 15 anos ela me internou aqui na Fazenda da Esperança, 30 anos atrás, tenho 45 agora, aí, eu.. fiz o meu tratamento aqui, fui.. foi onde me reestruturou espiritualmente, porque eu não tive uma base nem espiritual porque aquela vida bagunçada, bem confusa, então aqui eu tive esse resgate espiritual, fiz primeira comunhão, a crisma, ouvia a palavra de Deus, então deu aquela estabilizada, sabe, naquele conflito todo que eu tinha. Aí 15 anos eu achei que tava pronta e queria fazer novas descobertas, aí fui embora.. Aqui também não tinha uma estrutura ainda pra assistir a pessoa depois do tratamento como tem agora né, aí tem a opção de continuar... na época até teve o convite “não, fica aqui” mas eu não queria ficar, queria ir embora porque não tinha tudo isso aqui, não existia isso aqui, quando cheguei era só um sobrado, depois que construiu uma casa que foi a casa do pingo de ouro, então era tudo assim, tava tudo construindo e começando então não tinha ainda uma definição e minha cabeça também queria

outras descobertas. Aí, eu fui embora, morei mais dois anos naquela comunidade de Pindamonhangaba dos Hare Krishna, que também me deu, foi onde me deu mais suporte, sabe? Essa base espiritual que eu recebi aqui eu levei comigo, deu aquela preenchida, ai eu soube dessa comunidade Hare Krishna, eu fui, interessei, fiquei lá, e aquilo assim, me preencheu bastante espiritualmente, aí casei..já tinha 19 anos quando eu me casei, ai eu me casei, engravidei, eu fiquei 10 anos sem usar a droga com base na minha recuperação aqui, só que ai depois desses 10 anos, ai meu casamento num... com 7 anos que eu já estava casada não tava dando muito certo, eu me separei eu tinha dois filhos, aí eu comecei com os conflitos sabe? Trabalhar muito, não ter tempo de lazer, não ter... não ter estrutura, decepção porque aquela família que eu tinha idealizado não foi pra frente, ai eu queria alguma coisa que preenchesse, espiritualidade não tinha mais força de ir atrás, enfim... e apoio familiar assim não tinha, eu minha mãe sempre teve um afastamento muito grande de dialogo de tudo, de convivência. Aí eu voltei, ai comecei a beber cerveja pra relaxar, depois começo a usar droga toda semana pra dar uma euforia, isso foi fofoi ficando freqüente, ai passei os 20 anos me drogando... agora to aqui de novo fazendo a recuperação... E assim, ai chegando aqui eu vi que o que aconteceu comigo foi justamente ah... esse rompimento espiritual. Foi ele que me destruiu de novo, sabe? Aqui não tem medicação pra curar o usuário, tem a espiritualidade, a ocupação e o convívio que a gente pratica a palavra pra tornar ele o possível, que é tudo que a gente rompe lá fora né, o convívio social, desestrutura no trabalho, usuário de droga dificilmente tem metas de trabalho, apesar que eu fui uma usuária que assim, eu usava droga pra dar continuidade no trabalho, então diferente da experiência comum que a gente ouve que é “eu abandonei tudo e ficava só me drogando” eu fiquei, vamos colocar em datas, 19 anos eu usava a cocaína pra ficar em alerta, e ai eu fazia esse ciclo de trabalhar e me drogar, trabalhar e me drogar, me drogar para continuar em alerta e continuar trabalhando. Então eu tinha um, um giro financeiro e o ritmo de trabalho apesar do desgaste físico eu conseguia dormir porque eu me descrevo assim, eu tinha um domínio com essa droga, não que eu tivesse feliz, mas eu conseguia dominar ela assim, de forma que eu interrompia e me alimentava, interrompia e dormia, mas é..eu usava freqüentemente, a hora que eu acordava eu usava pra sair pra trabalhar, eu usava a hora que eu chegava em casa que era pra continuar o trabalho de casa porque eu tava cansada. Então ela ia complementando e preenchendo aqueles espaços que a gente normalmente faz o uso de droga pra eles né, enfim..aí de 1 ano pra cá, eu fui fazer uma aventura de experimentar o craque porque como eu tava num ciclo muito regular, eu acreditava que eu dominava tudo aquilo e assim, eu não deixava transparecer pra família, tanto que a família não percebia. De manha eu tava bem, eu conseguia me arrumar, arrumar o cabelo, fazer a maquiagem, trabalhar, conversar, eu conseguia usar a cocaína e conversar, e fechar o negocio, em fechar vendas, porque a pessoa não conseguia perceber em mim que eu tava alterada, eu já tinha criado aquele domínio, eu já tinha exercitado o sorriso, eu exercitava a expressão facial e a pessoa então não percebia aquilo né, então quando eu fui experimentar o craque eu pensei que eu ia ter também aquele comportamento, e ai eu descobri que não, ai realmente eu entrei numa decadência assim é... com uma velocidade muito grande que ai a família olhou e falou “maass?...” porque eu tinha um porte físico como eu tenho agora mesmo usando a cocaína, ninguém via nada, ninguém percebia nada. Aí eu comecei a emagrecer, ai eu justificava que tava com depressão porque nessa mesma época o meu marido foi preso porque ele era traficante, mas ele já tinha sido preso varias outras vezes, mas dessa vez eu justificava que eu tava com depressão,

então durante assim..uns 7 meses eu fui emagrecendo emagrecendo emagrecendo emagrecendo, e eu conseguia falar pra todo mundo que.. começaram a perguntar né o que tava acontecendo que eu tava emagrecendo tanto e eu falando que era depressão, mas ai o que acontecia, ai eu já estava me afastando do trabalho, da responsabilidade, ai tudo que eu não tinha feito antes ai começou aparecer aquele comportamento estranho, assim, a ponto das pessoas olharem e levarem um susto (pausamos porque tinha muita policia passando no local) a ponto das pessoas olharem e levarem um susto assim com a minha fisionomia (comentamos sobre a quantidade de policia) ai bom, ai com o craque, nossa...eu desconfigurei, ai quando eu vi que nossa, eu tava realmente descontrolada e que eu disfarçada pra comprar, eu mandava outras pessoas comprarem porque eu tinha vergonha né, mas ai eu comecei a tomar tanto prejuízo de pedir pras pessoas ir comprar que eu passei a ir comprar, ai foi ficando evidente “Nossa, ela ta indo comparar” então automaticamente as pessoas que eram clientes do meu marido passaram a falar pra ele “nossa sua mulher ta comprando craque” ai ele começou a falar pra minha família “não, ela ta usando o craque” ai chegou num ponto que assim, já tava tão ruim que eu admiti que precisava mesmo de ajuda, que eu precisava de ajuda, foi onde meu irmão decidiu me trazer pra cá de novo e ele se atentou a isso “você ficou bem quando você ficou lá” eu vou te levar pra lá de novo, mas assim, na realidade eles nem tem ciência que eu já tava consumindo a tanto tempo, mas não justificando porque eu não tava feliz, mas eu tava... eu controlava isso. Eu já precisava de ajuda muito antes só que eu negava pra mim mesma, então de certa forma essa decadência minha ela foi rápida e até necessária, foi uma providencia mesmo, sabe? Que foi assim, talvez foi a forma que Deus encontrou de me....

2- Como você se sentiu depois de ter usado drogas?

Você fala do craque? Porque a droga eu já venho usando igual te falei, assim.. Ai sim eu percebi minha fragilidade, que eu não tenho controle da situação do do consumo, porque eu sempre me auto firmei muito sobre a questão de auto controle né, então teve uma época que eu consumia muita cocaína e muita cerveja, e a cerveja ficava evidente, então a família falava “você ta bebendo muito” e ai eu ficava muito brava “mas eu só tomo...” bebendo muito assim, não é que eu bebia (menina interrompe pra pegar uma chave) bebendo muito assim, de ter um comportamento ruim, é por exemplo: eu saia do trabalho comprava 4 latinhas, 6 latinhas, 8 latinhas e ia pra casa e arrumava janta, mas isso todos os dias eu não via que tava me prejudicando e eu afirmava que não tava me prejudicando, eu não tava cumprindo tudo que tem que ser feito?... colocava a menina pra fazer a lição de casa, eu fazia janta, eu organizava as coisas. Qual o problema de eu ter um pouco de lazer? Mas era um pouco de lazer todos os dias, então assim, pra mim era uma autoafirmação e eu não aceitava que alguém fizesse alguma critica a mim sobre isso, e depois que eu usei o craque assim ai eu senti que toda a imagem que eu criei em torno de mim foi por água a baixo, que era de ser mãe, que eu nunca quis ser vista com uma mãe negligente, e uma pessoa, uma mulher que consome droga ela... por mais que eu tenha tido todo o cuidado de não negligenciar, mesmo quando eu tava usando o craque, os meus filhos, mas a gente é apontada como negligente. Então assim, não que tenha acontecido, sabe? Esse apontamento, mas eu, por mim mesma, eu me senti... fracassada, né?(segurou o choro)

2.1- Depois do uso você se sentiu fracassada?

Não, mesmo durante, mesmo durante, porque assim, eu comecei a ir comprar né, e as pessoas começaram a ver, a falar, a comentar porque como eu sou comerciante, eu fazia assim, eu mandava comprar no começo, depois eu passei a ir longe buscar ai aquilo foi ficando desgastante, ai as pessoas mais próximas, então meu comercio é no centro que os meninos que vendem ali que eles eram cliente do meu marido, ai eu passei a comprar deles mesmo, então você ta vendo como foi aproximando? (uhum) aí todo mundo já falava né que eu tava usando, tal, e assim, pra imagem de gente é ruim você ser apontada como usuária, usuária de qualquer droga, né? Mas existe por ai a falsa idéia de que ainda é mais social a cocaína (gesticulou aspas) então quando evolui pro craque foi como se tivesse descido, e desci né, todos os degraus mesmo..

3- Como você percebeu que estava sendo dependente da droga?

Quando eu estreitei, primeiro, eu fisicamente fiquei assim, desfigurada, fisicamente..depois é.. eu já não cumpria mais meus compromissos, eu deixava, eu marcava com o fornecedor e ele ficava esperando, é... atrasava o pagamento, eu chegava.. eu não levantava mais cedo pra ir trabalhar, só chegava pra trabalhar meio dia, ai eu dava a desculpa de que a minha filha entra 15 pra uma na escola, então eu subia meio dia, dava almoço, comprava o marmitex e dava pra ela, porque ai eu já nem queria fazer comida mais, e ela ia pra escola. E ai eu falava “que não, é..eutava chegando mais tarde porque eu ficava em casa com ela, pra não tirar ela cedo da cama” mas tudo isso eu fazia antes, mas ai eu comecei a falar que era porque eu tava cuidando dela. E ai, por exemplo, eu tava usando né, comecei usando pouco, 1 pedra por dia, ai depois eu fui aumentando 2,3.. ai eu fui percebendo, ela é tão assim, ela pega a gente pelo vicio, que assim, eu tava passando a noite toda consumindo e eu saia, saia devagarzinho, deixava a minha filha dormindo e ia buscar, eu andava de madrugada, eu ia em lugares assim, que... se olhar, quem olha assim sóbrio, quem nunca foi fala que não é possível, como que consegue, como que conseguia ? porque a minha cidade é uma cidade pequena, então quando tem uma blitz muito grande assim ,muito intensa da policia, fica mais difícil você conseguir, né? Então assim, eles se escondem no mato, você tem que entrar nuns lugares muito perigosos... eu não me sentia que tava correndo risco porque todos que tavam ali, tavam ali com o mesmo objetivo pra usar a droga, mas é um olhar que um pessoa normal olha e fala que não é possível, sabe? Enquanto eu deixava a filha em casa eu fazia esse tipo de trajeto sem me preocupar com a minha própria vida, com nada, sabe?

3.1- Foi ai que você percebeu que estava sendo dependente da droga?

Antes eu negava, enquanto era a cocaína eu firmava que eu tava no controle, negava pra todo mundo... eu não precisava nem negar, porque assim, não transpareceu, tanto que nem transpareceu isso, ai quando foi o craque eu negava, neguei negueineguei, enquanto eu conseguia sustentar que eu tava com depressão, mas ai a hora que eu estreitei a forma de pegar, eu cansei de ir tão longe, ai pronto, ficou evidente que eu tava comprando craque, ai a noticia chegou lá no meu marido. Quando eu pegava distante o pessoal... é porque assim, ele ta preso e o pessoal vai preso e encontra com ele lá dentro “sua mulher ta comprando craque” e ele começa a falar pra família,e né “Ela ta consumindo craque” e eu ainda continuava negando “maginaa” e eu me desconfigurando fisicamente, desfigurando, mas ai eu comecei a

comprar perto e fui vendo, ai eu entrei em contato com o meu irmão e falei “olha eu não to bem, to precisando de ajuda”

4- Como sua família reagiu quando soube que você estava usando droga?

Então, dessa vez, é... minha mãe já ta bem de idade, falei com meu irmão e falei pra ele, pedi pra ele sabe “eu quero falar sobre isso só com você, sabe, não queria que você espalhasse” mas é lógico que ela sabe, mas ele deve ter contato assim e pedido pra ela se controlar, né... E assim, é... ai meu irmão foi bem. Me apoiou. (Seu irmão te apoiou) (choro) (e sua mãe não se posicionou?) não, é que assim, ela... Porque antes ela criticava muito, sabe, a gente teve uma relação muito difícil, dialogo não tinha dialogo, tudo..é aquela coisa mesmo, a mãe acha que o filho ta andando errado e querer falar e não saber a forma certa de falar. E assim, a minha natureza também era de não aceitar a critica, não que ela tivesse errada, era a forma que nós duas que ela falava e eu recebia o que ela falava é que não tinha uma boa, né..não era bom nem pra mim nem pra ela. Cheia de conflito e assim, dessa vez meu irmão falou que ia me ajudar, então não veio com, com aquela, como é que fala... aquele monte de acusação “você, você, você” sabe? Ele viu já com outro ponto de vista “não, vamos ajudar” e foi importante

5- Como foi o seu convívio com as pessoas ao seu redor quando souberam que você era dependente química?

Ahhhh, afasta na hora, afasta, e assim, o pior de tudo é a gente perceber que assim, isso respinga nos filhos porque uma mãe usuária, automaticamente, as outras mães ficam sabendo afasta até as filhas, a gente sente é sutil, mas que a criança não é mais convidada pra ir num aniversário, ou pra ta indo nas casas, nas casas dos amiguinhos é.... afasta aquelas pessoas que assim, tem uma vida normal... as vezes ta cheio de problema em casa até pior que a gente, só que como a droga é uma..é discriminada né, e fica muito desfigurada a pessoa que é apontada como usuária, aquilo nossa... destrói, ai pronto, ai destrói mais ainda a auto estima, aí que a gente não vai mais em lugar nenhum, eu não ia mais... no shopping, almoçar fora. A própria química na cabeça do usuário ela já te julga, da a impressão que tá todo mundo te olhando e comentando porque desenvolve uma umauma... sensação de perseguição... isso já é um fator. E assim, eu já me sentia estranha, e ai no..eu passei a me esconder muito, mas é assim, a minha filha ela não tinha a minha presença, o que eu fazia, a avó ia e levava, sabe? Levava ou num aniversario, mas eu nunca tavapresente , ou as vezes assim “ ah, as amigas vão no burger king” e os pais, sabe, elas vão e os pais vão buscar e entra um pouquinho, ai eu falava ou pro meu filho ou pro meu cunhado ir buscar, quer dizer a minha nunca ia né... porque eu fui me excluindo, eu fui me escondendo sabe? Uma: eu tinha muito mais prazer com a droga, eu tava muito melhor acompanhada ali, eu queria ta ali me drogando. E depois também eu já não conseguia mais me arrumar pra disfarçar né, igual eu fazia antes, igual eu te falei..eu tinha contato com todo mundo drogada e a pessoa não percebia, eu me arrumava e a pessoa não percebia que eu tava diferente, mas ai com o crack eu me desconfigurei tanto que bani todo mundo no meu convívio por vergonha

5.1- Então você acha que você sentiu mais em relação ao convívio, mas por causa da sua filha do que por causa de você mesma?

Uhum (o seu convívio você já nem tinha tanto) não, porque eu sempre mantive o controle da situação... mas o crack me tirou esse controle... eu sempre fui assim,

amigos, o que acontecia, eu não estabelecia um relacionamento de amizade, mas eu conseguia manter um diálogo, sabe? Era constante, igual eu te falei, eu tinha é..eu conseguia treinar expressões, sorrisos, pra ta no padrão assim, e não deixar transparecer, por exemplo: eu tava num, num.. shopping, eu ia no banheiro e cheirava e voltava e sentava normalmente. Não exala cheiro, não mudava o comportamento, entendeu? E a cocaína te mantém no meio de pessoas né, diferente do crack que não, as pessoas se escondem completamente, fica estranha

5.2- O crack você começou a usar há um ano que você disse?

Há um ano, isso, um ano foi o suficiente pra assim, foi suficiente não, eu tive a opção de me entregar né, continuar do jeito que eu tava decaindo e continuar me decaindo mais, ou pedir ajuda. Assim, quando eu pedi ajuda sabe o que eu imaginei..eu vou pra uma clinica, tanto é que assim eu já tava num.. tava tão ruim... que meu irmão mora em Florianópolis, eu falei com ele em janeiro e ele falou “esperaaa” que ele assim, ele pensou que eu tava fumando maconha, eles não imaginavam que era sério, ai ele falou “espera até Março que eu entro de férias e vou ai e a gente conversa” então eu fiquei mais né, mais três meses. Aí a hora que ele chegou que ele viu o estado que eu tava, ai eu dei uns surtos naqueles dias sabe, porque olha só o que aconteceu, ele chegou ele sentou e conversou, a hora que viu assim ele falou “ah ta, eu vou te levar pra Fazenda da Esperança, tal..” conversou comigo, ai eu ah ta bom, ta tudo bem. Ai ele falou “faz uma carta né, entra em contato, faz uma carta, a gente tem que entrar em contato, fazer os exames, entrar em contato lá com eles” ai eu falei ta bom. Isso era um feriado prolongado, ai ele pegou a minha filha, levou pra casa da minha mãe e eu fiquei sozinha, ai eu falei “bom, como agora eu não vou mais usar, vou me despedir” quando eu pedi ajuda, depois eu volto nessa história “como eu não vou mais usar, então eu vou dar um....vou usar bastante agora até...” Aí eu peguei e fui no banco e saquei R\$2.000,00 reais, eu só saia e buscava mais e fiquei consumindo, só que eu fiquei consumindo, só que foi tanto de uma vez só que eu dei uma surtada, ai a hora que ele voltou pra pegar a carta que ele olhou assim e viu que eu tava muito pior, imagina, dias sem comer, sem dormir.. ai ele chamou uma ambulância, eles me deram sedativo e me levou pra uma clinica psiquiátrica, ai eu fiquei lá 40 dias (Psiquiátrica?) é, porque ele tinha que me conter porque ele queria... ai ele viu a urgência né, porque ele ia me deixar pra fazer os exames tranquilamente, marcar a data e enfim.. ai a hora que ele viu aquilo ele viu a necessidade de agir mais rápido, ai ele tomou essa atitude. Mas ai então, antes da Fazenda da Esperança que foi esse período de Janeiro a Março, o que eu pensei “eu vou pra uma clinica e peço pra ir pra uma clinica e fico dois meses, ai eu como né, ganho peso de novo” porque na verdade o que eu queria era me reestruturar fisicamente, não era nem me tratar realmente. Só que ai quando ele chegou e chegou com a proposta da Fazenda da Esperança eu nem imaginava, nem pensava mais em vir pra cá..assim, isso já tinha acontecido a tantos anos atrás que eu nem pensava mais em vir aqui na Fazenda, ai entra mesmo assim o trabalho de Deus na vida da gente. Então, eu fiquei lá nessa clinica... ai enfim, eles me tiravam só pra fazer o exame e eu voltava. Quando eu vim pra cá pra Fazenda... eu tava de alta o dia inteiro, mas eles só foram me buscar as 10 horas da noite que era o horário que meu filho já tinha saído do trabalho, e assim, eu só entrei no carro, minha mãe que fez uma mala pra mim e eu já vim direto porque eles tinham medo até que eu mudasse de idéia né.... E aqui hoje eu to podendo contar essa historia, né..

6- O fato de você ser mulher há diferença de tratamento (no sentido de relacionamento, NÃO é no sentido do tratamento da doença) quando você fazia uso de drogas?

É, eu sei que existe muito mais mulheres com histórias mais sofridas, mas olha o que aconteceu na minha vida, eu sempre vinculei trabalho e uso, então eu não precisei, graças a Deus, me vender, ou pegar tudo que eu tinha em casa e vender, não que isso não fosse acontecer no estado que eu tava indo, então assim, eu sempre tive uma auto afirmação até pra consumir droga. Eu sei que tem mulheres sim, ou as vezes trocar o corpo em droga, ou as vezes chega em algum lugar e implorar, são é..como que fala... discriminadas, maltratada até pelo próprio traficante. E assim, eu sempre me mantive muito no controle da situação

6.1- Mas até mesmo com o seu marido?

Na relação de usar drogas, então, aí com ele é um assunto delicado porque ele sempre me proibiu de me aproximar do crack, até porque eu não tinha o interesse em usar crack, e meu marido também consumia cocaína, e aí como eu tinha um comportamento muito reto, eu não causava assim, sabe um... é, um transtorno de convivência. Eu não encontrei com ele ainda depois que eu tive essa caída feia com o crack, sabe? Então na verdade eu não sei, mas agora graças a Deus eu to de pé, né.. eu tenho como enfrentar essa situação de cabeça erguida (falei da questão dela ser mãe e do preconceito que a filha dela passou por ser dependente química, por mais que ela não tenha passado por tantos) lógico, aí é o ponto mais frágil, realmente, em relação a maternidade é muito delicado, a gente é apontado como alguém que.. (muito mais que o homem) muito mais, nossa.. muito mais, eu não tenho dúvida (e chamada de n nomes ainda, né, pelo fato de ser mulher) sim, com certeza..

7- Quais preconceitos você considera que sofreu ou sofre por ter sido mulher edependente química?

Preconceito, ai..deixa eu ver se eu consigo perceber algum... (silencio)... Ah tinha preconceito assim, no trabalho né, as pessoas percebiam que.. assim, eu não via no meu meio de trabalho alguém chegar e se preocupar em me ajudar, a verdade é que as pessoas criticam muito, falam muito pelas costas mas num.. num vem oferecer ajuda, porque hoje em dia quem consome... só existe quem o não consome e quem consome, eu consumo, então se você é consumidor você não presta, você que escolheu, a opção foi sua, ninguém se preocupa, pela correria acho que nunca se preocupa. As pessoas de modo geral não param mais pra se preocupar onde que ta essa dor, o que é que ta causando, então assim, o preconceito ele é geral mesmo..é social mesmo

7.1- Com as falas, com os julgamentos que você diz?

As pessoas nunca chegaram pra mim e falaram diretamente, e eu assim, eu tenho uma certa confusão entra a alucinação da droga, se era eu que tava interpretando ou um preconceito, ou se ele tava acontecendo, isso não sei discernir..

8- O que mudou em sua vida depois que você começou com o uso de drogas?

O crack no caso né? Não, bom, no todo né.. A cocaína nesse tempo que eu consumia eu não, eu num... a minha parte espiritual eu não conseguia trabalhar de jeito nenhum. As vezes eu ia até numa missa num dia de Domingo, mas aii... parece que assim, a droga ela torna as palavras do Padre uma coisa tão bagunçada na

cabeça, não entra nada daquilo, então eu não conseguia ter um relacionamento espiritual, nossa senhora, fiquei assim... e aí a gente já tá naquele vazio que a gente já tenta preencher com a droga e só aumenta, e não consegue fazer um encaixe espiritual ali, porque eu fiquei relutando sabe, eu não conseguia.. Qual a pergunta mesmo? (O que mudou em sua vida depois que você começou com o uso de drogas?) Ah tá, assim, o que que mudou... depois com o crack foi devastador né, porque pelo menos o pouco que eu tinha que era manter aquele nível de socialismo, caiu totalmente (perguntei novamente sobre a família e a família dela se mudou algo) Eu tenho 4 filhos, não, acho que agora eles tem olhado até com mais, com mais cuidado sabe, o que acontece..quando eu tava usando a cocaína eu também criei um comportamento padrão, então não havia nem preocupação da parte deles pra comigo, eu tava fazendo tudo mecanicamente então tava tudo certo (a sua história é diferente das outras mulheres mas chama muito atenção também porque parece que você vivia uma fantasia, uma jeito programado para viver. Tudo certo de viver. Hoje você ainda acha que tinha controle sobre a cocaína ou não mais?) Se eu tinha ou não tinha controle... então (silêncio) eu tinha um controle sim, eu conseguia sobreviver, mas por exemplo, eu não conseguia nem ter uma vida, uma realidade espiritual e nem passar pra minha filha. Eu falo dela porque ela é mais novinha, meu filho mais velho tem 25 anos, já é formado, já foi casado e separou, mas tem uma vida assim, reta. Aí eu tenho uma outra de 22, é casada, minha mãe levou ela pra igreja evangélica, ela é evangélica, namorou um rapaz só, casou com ele, tem uma estabilidade. Eu tenho uma outra que tem 18 anos, vi fazer 19, essa nesse meio aí..então, tem uma história paralela que é meu convívio com meu marido, que ele.. eu sofria muito preconceito mais por ele ser um traficante, é... por isso que eu falo assim, o discernimento entre o que era a droga e o que era o preconceito, porque como ele era traficante também acontecia um afastamento das pessoas, aí numa dessas vezes que ele foi preso eu fui presa também, aí... eu precisei deixar minha filha morar na Itália, essa de 18 anos, mas assim, ela também eu criei, tem uma estabilidade emocional é... estuda, de certa forma foi do controle que eu administrei dessa cocaína porque eu fazia um círculo de trabalhar, de ir na reunião escolar, de fazer a lição de casa, então eu mantive esse controle, eu não prejudiquei o emocional dela nem o psicológico dela, ela não essa, eu já ouvi de outras pessoas a discricção dela ao meu respeito, então não ficou essa seqüela nela, então assim, agora a que pode ver ou pode vir a sentir alguma coisa é a de 12 anos, porque nesse período eu fui presa e eu autorizei minha filha ir pra Itália, ela tava com 14 aninhos, morar com o pai, ele veio buscar, porque ela tinha curiosidade de ir, estudar lá, ficar perto da família.. eu não queria deixar, eu não queria deixar né, a minha filha ir morar pra longe.. então devido a situação, eu vi naquele momento que era o melhor pra ela e deixei ela ir. Só que a mais novinha, ela tava com 7 anos, então ela já sofreu esse impacto de eu ter ido presa, aí eu fiquei esse período presa, sai, e eu precisava dar uma reestruturada, aí esse período todo passou 3 anos, aí ela ficou morando com a minha mãe, aí ela veio de novo morar comigo e foi justamente no período que eu comecei a usar o crack, aí de novo eu tô aqui fazendo tratamento e ela retornou pra casa da minha mãe, então ela vai sofrer um abalo aí, sabe... Então foi com ela que eu fiquei mais preocupada.

8.1- Você foi presa por tráfico?

Por tráfico (junto com o seu marido?)é... (entendi)

9- Como você se sente nessa instituição de tratamento da dependência química?

Muito bem, muito bem, aqui eu consegui me reorganizar espiritualmente, mentalmente, fisicamente, pessoalmente... (você gosta daqui?) gosto, é um lugar que eu gosto...

Entrevistada: CORAGEM

1- O que fez com que você usasse droga pela primeira vez?

Foi a dificuldade de encarar os problemas, né.. A gente sempre tem curiosidade, né, mas a curiosidade você vai conseguindo levar porque o medo de, sei lá, de acontecer o que aconteceu te leva a não experimentar, mas daí a dificuldade de encarar os problemas de frente me fez ir pras drogas.

1.1- Você tinha essas dificuldades?

Ah eu creio que sim né, porque daí você vai achando que tá tudo resolvido e aí sei lá, você não encara seus problemas de frente e a falta de Deus também na vida da gente faz... leva a gente pras drogas, que é o principal motivo que as pessoas vão pras drogas é o vazio que você.. que você tem que não é preenchido, que só Deus preenche e ai muitas pessoas vão para as drogas porque acho que, que trabalha e procura sei lá, a ter uma vida estável, mas a vida sem Deus ela é muito difícil, e aí esse vazio que eu tinha que me levou as drogas, no meu caso foi isso...

2- Como você se sentiu depois de ter usado drogas?

Fraca, deprimida, angustiada... sempre depois do uso da droga sempre vem o arrependimento né, a tristeza tipo..mas porque que eu usei de novo se eu falei que não ia usar?... e só que o vício é maior do que a tua vontade de parar né, e aí sempre era isso a gente você... eu nunca queria usar outra vez só que daí eu sempre usava e quando eu terminava de usar aí vem aquela sensação de fraqueza sabe que eu era fraca e o mesmo me perguntava o porquê, e aí vinha aquela angustia, me sentia deprimida e ai sem força pra sair daquele buraco que eu tinha me enfiado

2.1- Você tem algum motivo específico pelo qual você entrou na droga? Ou não, você acha que foi mais um vazio de tempos?

Aconteceram muitas coisas na minha vida sabe, aconteceu vários fatos na minha vida por motivos de escolhas erradas que eu fiz mas que poderiam ter sido evitados se eu tivesse Deus, né, mas só que eu me afastei muito de Deus porque eu fiz escolhas erradas, enfim a gente acha que Deus que é o responsável pelas escolhas que a gente fez e aí no fim eu pensei que eu era a pessoa que tinha mais problema no mundo e foi isso que aconteceu comigo. Meu ex marido matou uma pessoa e eu fiquei assim sem chão, mas se eu tivesse Deus naquele momento eu teria tido força né, pra lutar contra isso, sei lá..

2.2- Seu ex marido também era dependente químico?

Não, ele não, na verdade ele não era dependente de drogas, mas ele bebia e ele é... matou esse cara alcoolizado, então... mas naquela época eu no usava só que daí falta de Deus na minha vida, isso que aconteceu, me levou a começar a usar, pra preencher sei lá, aquele vazio que eu me encontrava, ai olha onde eu vim parar..

3- Como você percebeu que estava sendo dependente da droga?

Quando tudo era motivo para mim usar, se eu tava feliz usava para comemorar, se eu tava triste usava para ficar alegre, se acontecia alguma coisa bom “ah que legal deu certo, vamos usar drogas”, nossa eu tô tão chateada porque isso não deu certo, vamos a droga. O vício você só percebe quando você tá assim totalmente fora de

controle quando tudo é motivo para você se drogar, você vai comemorar você usa drogas, se você tá muito triste você usa droga, se alguém te falou alguma coisa que você não gosta você usa droga, então eu vi que eu estava totalmente fora de controle, quando tudo e qualquer coisa é motivo para mim usar droga.

3.1- Aí você percebeu que estava sendo dependente?

Sim, porque daí, aí porque daí sempre que alguém me falava “ah, você precisa se tratar” eu falava não, eu controlo (risos irônicos) só que daí quando eu vi que por qualquer motivo eu tava usando eu vi que era a droga que estava me controlando

4- Como sua família reagiu quando soube que você estava usando droga?

Minha mãe ficou muito decepcionada e meu pai também... que sempre... eu vim de uma família humilde, mas se esforçaram pra mim estudar, e tipo eles achavam que eu tinha casa, que eu tinha carro, que eu tinha emprego, então eles achavam que tava tudo bem, e quando eles me viram tão no fundo do poço eles ficaram muito decepcionado e todo mundo queria saber o que eles tinham feito dar errado, entendeu? Minha mãe “ah onde que eu errei” meu pai “onde que eu errei que eu poderia ter feito diferente” eu também tenho filhos e os meus filhos ficaram... que são adultos já sabe, 21 anos 19... eles ficavam perguntando o que que me levou a ficar assim tão, sabe, no fundo do poço e o que que eles tinham feito para colaborar com isso, eles ficaram muito decepcionado, chateado...

4.1- Você começou a usar droga com quantos anos?

Eu na verdade eu já comecei... eu bebia, mas eu sempre achei que fosse socialmente, sabe, daí eu bebia só no final de semana e comecei assim tipo com 20 anos a beber, mas até uma altura da minha vida eu tinha controle que eu bebia mais aos finais de semanas, aí depois que aconteceu o que eu te falei aí eu já perdi o controle, aí eu já tava com 28 anos aí eu perdi o controle total

5- Como foi o seu convívio com as pessoas ao seu redor quando souberam que você era dependente química?

Todo mundo se afastou de mim na realidade por que muitas pessoas acharam que... a maioria das pessoas acha que é sem vergonha, e a gente assim, que a mulher mais julgada ainda, sabe... Porque “aí que sem vergonha” porque é uma péssima mãe, porque aí sabe aí você era ruim tudo. Que eu era uma ótima funcionária aí do nada quando souber que usava droga, aí pronto, acabou todas as minhas qualidades e eu só era drogada, sabe, só que não afastou de mim foi meu pai, minha mãe e meus filhos, porque meus amigos todos se afastaram de mim.

5.1- E te julgaram?

Com certeza, uns “aí porque ela tem tudo mas não dá valor” e outros falava “isso aí não é doença não, é sem vergonha. Ela não para porque não quer” e aí sempre tem os que falam “em vez de cuidar dos filhos fica usando droga”. Então julgamento vem de tudo quanto é lado né, e sempre você passa as pessoas falam, porque é horrível né, porque você passar aí você escutar as pessoas falando coisas que você sabe que é de você, mas no intimo do teu coração você sabe como é isso que você quer, e me incomodava muito porque era ruim pros meus filhos também né, porque eles eram adolescentes e aí tipo, pessoas comentam na escola e tudo lugar vira motivo de comentário né, porque eu ainda era funcionária pública aí virou, sabe, aquele preconceito que às vezes eu nem tinha usado droga se acontecesse qualquer outra

coisa que eu não fosse trabalhar já era porque eu era um drogado sem vergonha, então era muitos comentários pejorativos sabe, todas as minhas qualidades daquele de boa funcionária, de boa mãe, de mulher inteligente, esforçada que eu era porque o meu primeiro marido morreu e aí eu criei meus filhos, então todas aquelas minhas qualidades acabaram no momento que eu virei dependente química, aí era só aquilo que eu era, eu não era mais nada... sabe, aí machuca muita gente sem saber que um erro que você fez apagou todos os seus acerto, entendeu, porque daí tudo que eu fazia era ruim e tudo que eu era fazia era por causa da droga ou em prol da droga as pessoas achavam, se eu fosse fazer um favor para alguém já era porque eu queria alguma coisa em troca de droga, então toda minha vida viu me função daquilo, sabe, todas as atitudes que eu tomava todo mundo achava que era baseado no fato de eu ser uma usuária de droga entendeu, aí virou, ihh até era vizinho, era amigo, era colega de trabalho, então ficou muito difícil a minha convivência ali, que às vezes eu não ia para o trabalho, não era porque eu tava drogada, era porque me incomodava o jeito que as pessoas me olharam sabe, os comentários que eles faziam porque eu sabia que era de mim, graças a Deus, Deus me deu inteligência, e daí eles ficaram lá cochichando, conversando e falando sabe, dando indireta sabe, e eu sabia, a gente sabia que era de mim, então não era... incomodava muito.

5.2- Você chegou a perder o seu trabalho nessa época?

Meu primeiro trabalho eu perdi, porque eu perdi meu primeiro trabalho e eu não não era funcionária pública não, aí eu parei de usar a droga cinco anos, e aí eu fiz o concurso e passei, daí eu recai de novo e agora eu tô aqui pelo meu trabalho, que foi o pessoal do meu trabalho que me ajudou a vir pra cá, sabe, pra mim não perder o trabalho de novo, então o vício ele é muito complicado é muito difícil você falar porque você entrou e como você se deixou descer sabe, tão baixo a ponto de perder teu emprego, tua dignidade, tua vontade de lutar, sabe.. É muito difícil você explicar como que você conseguiu se deixar ficar tão assim, tão baixo sei lá, a ponto de perder a autoestima e perder tudo... que é o que a droga faz com a gente.

6- O fato de você ser mulher há diferença de tratamento (no sentido de relacionamento, NÃO é no sentido do tratamento da doença) quando você fazia uso de drogas?

Com certeza, homem usa drogas pra desaparecer, mulher usa droga porque não presta, sempre é assim, porque sabe, porque não presta, não foi uma boa esposa, porque não foi uma boa mãe. Tudo é mais fácil de justificar pro homem, pra eles, eles estavam lá porque a mulher dele era ruim, a gente é porque não presta mesmo. Eu vi vários comentários sabe tipo, “aí foi por isso que aconteceu isso é por isso que aconteceu aquilo” fato que não tinha nada a ver eles comentam, fazem comentários da gente. Pra mulher é muito mais difícil porque ela é muito mais julgada do que... ela é muito mais assim, ela é mais sei lá... elas se sente mais humilhada pelos comentários porque muitas pessoas fazem comentários muitos e muito pesados.

6.2- Quais os comentários você já ouviu que te marcou?

Tipo sabe, prostituta, sabe essas coisas que é muito difícil de ouvir, você ser dependente químico e ser tratada pejorativamente sabe, que às vezes não era o que você estava fazendo e as pessoas já te falaram isso, aí agora “tava chegando lá e agora está se prostituindo” e “não presta mesmo” e por isso que meus filhos foram embora casar, e “é por isso que o filho foi embora mesmo tá vendo não presta” aí

“por isso que o marido dela matou e largo mesmo” sabe esse tipo de coisa que nem tinha nada a ver com o momento sabe, que quando ele fez eu nem usava droga, mas aí tudo eles acham que tem relação sabe, e tem gente que faz muita questão de falar para você ouvir, sabe, esses comentários marcaram muito minha vida, fala de.. tipo “ai, essa ai não presta mesmo, sabia que não prestava” e esses tipos de comentário incomoda muita gente.

6.3- Você acha que contribuiu muito para o seu mais consumo da droga? Tipo, os comentários...

Com certeza, com certeza. Eu acho que se a pessoa chegasse e falasse “eu sei que não é isso que você quer”, porque ninguém quer uma vida dessas, ninguém, mesmo que a pessoa fala “eu não quero tratamento” ela só fala tipo da boca para fora porque ninguém quer viver nesse mundo das drogas e eu tenho certeza disso, só que essas pessoas chegassem e falassem “eu sei que não é isso que você quer para tua vida” “se você tentar você vai conseguir” seria muito mais fácil para pessoa conseguir do que várias pessoas te julgando falando que sabe que não presta mesmo, que sabia que era isso que dá mesmo, com certeza as palavras, como minha mãe sempre me ensinou, a palavra tem muito poder, e as pessoas te julgar e você ficar ouvindo que você não consegue mesmo que era isso, que era só isso que eles esperavam de você mesmo, aí você fica muito abaixo sabe... baixa auto-estima você se sente se sente muito incapaz, esses comentários fazem você se sentir mais incapaz ainda porque a droga em si ela já... ela já deixa a auto-estima da gente baixa né... os comentários só colabora para isso piorar, pra você se sentir pior, e muitas vezes os comentários que as pessoas faziam quando eu passava, que eu nem tava indo usar droga, me fizeram usar sabe, às vezes eu tava tentando de verdade parar, que muitas vezes eu tentei sozinho, mas, os comentários das pessoas sabe, tipo “ai no máximo dois dias” essa daí não presta mesmo já deu no que tinha que dar” me fizeram pensar.. é isso todo que mundo pensa que é, é isso que ele fez com você mesmo

6.4- Então você acha que o apoio foi algo que faltou também? Não só o apoio, mas um incentivo, um amigo com você?

É, eu acho que quando a pessoa tá no mundo das drogas o que ela menos precisa é de pessoas pra abaixar mais a auto-estima dela, pra julgar, pra condenar... eu acho que se a pessoa chegar e falar “olha, eu sei o que você tá passando, eu sei que é difícil você conseguir parar, mas se você precisar de alguém, precisar de um amigo eu vou estar aqui e eu sei que você consegue se você quiser, você tem meu apoio” eu acho que isso ajudaria muito mais a pessoa se sentir, sei lá... apoiado saber que ela não tá sozinha, que ela pode ter uma proteção. Tipo, eu sei que as meninas chega aqui se eu chegar falar “aí eu tenho certeza que você vai ficar bem, se eu conseguir você também vai conseguir” que “a situação de todo mundo é difícil, mas tudo tem uma maneira que a gente encara os problemas que muda a situação dele” então, um apoio é tudo para pessoa nesse momento que ela tá passando e que julgamento só piora a situação

7- Quais preconceitos você considera que sofreu ou sofre por ter sido mulher e dependente química?

Ah, era o que eu já te falei né, sempre eles acham que um homem mesmo se ele é usuário de drogas ele é o cara, quando ele consegue parar ele é o cara, o cara forte. Agora mulher não, eles esperam que você cair de novo, então é esse preconceito

porque daí tipo, meu filho falou que eu tava internada aí todo mundo vai “agora que ela sai quero ver quanto tempo ela vai ficar” então, que quer dizer que algumas pessoas sempre esperam que eu caio, que se fala com o cara saiu “ele vai ficar bem” “ele é forte” “ele é o cara” e a mulher “ah, mas ela não presta mesmo” e “é mãe solteira” e “eu quero ver quanto tempo que ela vai ficar de pé” essas coisas sabe, mulher sofre muito preconceito a respeito disso, ai você não vai ser mais uma boa mãe, você não vai ser mais uma mulher pra casal, para namorar, você não vai mais ser uma boa esposa, também não vai mais ser uma boa mãe, então tudo eles baseiam nisso sabe, eles só ficam esperando você fazer uma coisinha para eles falar “ah, eu sabia”. Então mulher tem muitos preconceitos e o que fez recair foi exatamente isso foi que as pessoas esperar tanto que eu caia, que o recaísse e falar “nossa até que faz tempo que você tá de pé hein, pensei que você..” sabe “pensei que ia demorar, que você ia cair mais rápido” então, sei lá, é isso a mulher quando fica bem, o homem fica bem é porque ele é muito forte, a mulher ela vai ficar só por um tempo...

7.1- E pelo fato de você ser mãe você acha que isso agravou mais então, esse preconceito?

Ah, com certeza, com certeza. Nossa é muito comentário tipo “ao invés de tá olhando os filhos dela tá usando droga” a um mau exemplo “se os filhos for desse jeito a culpa dela” o pai não tem nada a ver se ele é o pai, pai é sempre bom... ainda mais que eu tenho filhas né, aí se elas usaram droga porque teve o exemplo da mãe, é porque é igual a mãe, é porque se a mãe fez ela também vai fazer... então esses comentários era sempre que eu escutava “isso é o que você quer para seus filhos?” é claro que não, não é isso que eu quero nem para mim, mas é isso que eles falavam, isso que eles me perguntavam, tipo, quantas pessoas me paravam para rua falar “você não tem vergonha na cara, isso que você quer para tuas filhas?” falei não, claro que não é isso que eu quero para minhas filhas nem para ninguém, muito menos para mim, porque não é isso que eu quero para mim, mas é sempre assim se você é mulher você já é sabe... já tem muito preconceito de você, se você é mãe então... nossa...proque pensa na dor que você sente, na vergonha que você sente, sabe, no como você se sente fraca, é só que quer tirar teus filhos, quer te julgar, querem te condenar sabe, então eu sofri muito preconceito, sabe... Eu tenho um filho agora aqui, ele tem 4 anos ele tá aqui comigo aí ele ta, graças a Deus, Deus é maravilhoso que tem a Fazenda aqui que aceita criança sabe, se vê que tem muitas meninas aqui que tem crianças, o [meu filho] tá aqui comigo porque até as pessoas da minha família sabe, que queria tirar ele de mim sabe, não era muito mais fácil chegar falar “você precisa de ajuda? eu te ajudo” não “que eu vou tirar seus filhos” “vou falar pro seu patrão te mandar embora” ai eu nossa... muito obrigado... você vai me ajudar muito, aí que eu vou fundar mais ainda, porque tipo, filho é tudo que mamãe pode querer, nenhuma mãe pode perder, sabe.. e você não ser um mau exemplo para os meus filhos é só uma doença, uma coisa que você não consegue parar porque ninguém quer ser assim eu falei “não ninguém vai tirar meu filho não é tudo que eu tenho. Se Deus deu para mim porque Ele achou que eu tinha capacidade de cuidar e eu vou cuidar, vou dar a volta por cima e vou ser uma boa mãe porque que eu tô aqui pra isso” eu falei “eu faço tudo por ele, eu vou parar de usar droga por ele mas, ninguém vai tirar ele porque eu amo ele” ele é muito lindo sabe, maior belezinha, muito inteligente muito inteligente, muito dócil. Aí eu falei “não vem” que você pergunta pra uma pessoa “é isso que você quer pro seu filho?” claro que não é... Aí mas eu, graças a Deus, hoje eu to aqui há oito meses..

7.2- E seu filho está na onde agora?

Meu filho na creche aqui na creche da Fazenda que é aqui do lado...

(Falamos a localização da creche)

ele é muito lindo... mas, é isso as pessoas acha que você quer fazer, mas que você que é o exemplo. Eu falei “não, obrigada... não quero ser um mau exemplo, só quero parar de usar, mas se fosse tão simples assim, né... Se fosse tão fácil assim não seria uma doença, você usava e na hora que você não queria mais você falava “não..obrigada, não quero não” ninguém quer ficar um ano num lugar longe da família, e eu tenho cinco filhos, quatro tá lá no exterior e o [mais novo] tá aqui comigo graças a Deus porque ele é o único que é pequeno os outros são todos adultos, e a minha neta nasceu tá com um mês eu não conheço ela, a minha outra filha também é casada ela tá grávida de 8 meses ela vai ter neném e eu também não conheço. Então ninguém quer isso, mas isso é um esforço que a gente tem que fazer independente se as pessoas acreditam ou não que você vai ser melhor, por você ser mulher e achar que mulher mais fraca, independente se as pessoas acreditam não eu tenho que acreditar em mim porque eu sei que Deus me ama e Ele acredita que eu posso ser melhor do que eu tava sendo momento, então se Deus acredita em mim se eu sei que ele me ama e quer que eu seja melhor, então eu vou ser melhor, é isso que eu acredito sabe, é isso que me faz ser melhor a cada dia, que me faz lutar para ficar aqui longe das pessoas que eu amo, longe da minha família, minha mãe, meu pai sabe, vai fazer oito meses que eu não vi a minha mãe aí na última visita ela veio.. que a gente fica longe só sabe, é difícil porque... é difícil financeiramente também porque daí a minha família é de longe e não pode vir todos daí as vezes vem um..

7.3- Mas eles te dão apoio?

Com certeza, todas as visitas sempre alguém vem sabe, três ou quatro, para mim saber que eles estão comigo e é isso que me dá força, sabe, saber que meus filhos me amam e que dependente de tudo que eu fiz que eles não foram por esse caminho, graças a Deus, justamente para eles vêem o sofrimento que eu passava eu sempre chorava e sempre falava para eles que não era isso que eu queria sempre falava dos preconceitos que eu sofri, então eles sabem da luta que é para sair desse vício, aí eles eles vem aqui me ver para falar que eles estão comigo e ver a diferença que tá fazendo né, na minha vida e o tanto que eu tô mudand.... é bom saber que eles acreditam que eu vou mudar é só do que eu preciso porque o preconceito é muito grande, é muito grande... as pessoas não acreditam que você vai mudar e só ficam esperando você voltar só pra eles falarem que tinham razão, sabe, mas meus filhos, minha mãe, meu pai e meus irmãos acreditam que eu vou fazer diferente dessa vez, então por mim em primeiro lugar, por Deus me colocou no mundo não pra isso, mas pra ser uma pessoa melhor, pela minha família que acredita que eu possa ser diferente, to aqui e já vão fazer 9 meses, e é isso...

8- O que mudou em sua vida depois que você começou com o uso de drogas?

Ai na verdade tudo diferente, sabe, tudo ficou diferente, ou eu tava economizando para sobrar dinheiro para mim usar drogas, ou eu tava fazendo alguma besteira para arrumar dinheiro para mim usar drogas, sabe... Tudo ficou diferente.

8.1- Essa besteira seria tipo o quê?

Tipo enganar as pessoas para conseguir dinheiro e sei lá, vender coisas minha, da minha casa sabe, eu cheguei até a roubar para falar a verdade sabe, que a gente tem que ser verdade para levar o coração da gente né, então eu fiz muita coisa errada aí o pessoal fala “que quer é meter o louco” sabe, aí falava pras pessoas, fala alguma coisa faz outra... então era bem... tudo mudou porque eu vivia chapada, ia trabalhar tava usando droga e depois vai trabalhar muito cansada e tudo ficou diferente, nada mais seria a mesma coisa porque eu não participava, tinha assim coisas na família e eu não participava porque eu ou eu tava chapada ou eu tava constrangida de ir e saber que todo mundo, a família inteira já tava sabendo das situações que eu tinha causado né, então tudo mudou, convívio familiar, convívio no trabalho, de colega de trabalho convívio de amigo, de vizinho tudo fica diferente. Ai as pessoas ficavam comentando eu me afastava delas, elas se afastaram de mim, o preconceito fez muita se afastarem de mim então se ela se afastavam de mim eu não me aproximava mais, então eu fui me isolando sabe, quando eu vi eu tava sozinha sozinho só eu e o [meu filho] daí [meu filho] ficava mais na casa do meu filho mais velhos do que mesmo comigo, pelo... pelo uso da droga e eu sempre deixava ele lá e falava que eu ia fazer uma coisa e fazer a outra, ficava três dias sabe, então tudo mudou na minha vida, as pessoas começaram a desacreditar de mim e tratar diferente, perdi muitos amigos, o convívio da família já não tinha mais porque eu não ia na casa da minha mãe porque ela ficava falando, falava a verdade ficava brava comigo, que não era aquele que ela queria para mim, o que que ela tinha feito de errado e aquilo me incomodava, aí eu ia na casa do meu pai e era a mesma coisa, que meus pais são separados, aí eu se eu ia na minha mãe eu ela falava, se eu ia no meu pai ele falava, e meus irmãos sempre falando. Então eu me afastei de todo mundo, então tudo ficou tão diferente e quando eu me dei conta eu tava sozinha no mundo, sozinha, só eu lá na minha casa.

8.2- Você morava sozinha? Morava com seu marido?

Não, eu tive... faz tempo que ele ficou preso e aí eu tive [meu filho] que era de um namorado meu, mas eu morava só eu e eles, mas eu ficava mais sozinha porque meus filhos maiores sempre pegavam o [meu filho] sabe, que eu falava que eu deixava lá um pouco para mim fazer alguma coisa e aí eu ia me drogar sabe, daí eles, claro, não me devolviam ele, porque daí eles viam que eu tava chapada, eu também cheirando droga e eles não me devolviam, principalmente meu filho mais velho, que ele falou ué o meu filho mais velho, falou para mim que ia pegar ele, aí que eu vim para cá, que ele falou “olha mãe, você foi uma ótima mãe pra mim, mas pro [seu filho] você não está sendo uma boa mãe, que ele fica mais aqui mesmo, então eu vou pegar ele de você e não vou te devolver, ai falei “ah não” ai foi por isso que eu vim pra cá, porque eu já não tinha mais convívio com ninguém, minha vida era só isso, só a droga, perdi o contato com todo mundo...

Você chegou a se submeter a algumas coisas por causa do uso de drogas?

Ah.. com certeza. Quantas vezes eu fui humilhada não só pelas pessoas que vendiam, mas pelas pessoas da rua né, que as vezes pede alguma coisa pra alguém e pessoa fala “porque você foi usar o seu dinheiro com droga?”. Já me submeti a várias humilhações, muitas coisas que não eram.. que eram totalmente diferente que a minha mãe e meu pai tinham me ensinado sabe, que eu aprendi a minha vida inteira. A me respeitar, a não mentir, a não roubar, não induzir as pessoas ao erro. Tudo que eu aprendi na fase de drogadição minha no começo eu

conseguia manter, mas depois, sabe... ficou tudo... tufo pra mim tava certo, diz muitas coisas que eu me arrependo, e cometi muitos erros, sabe? Fiz muitas coisas, tipo mentir para as pessoas, enganar, roubar, fui humilhada. Tudo por causa da drogas.

9- Como você se sente nessa instituição de tratamento da dependência química?

Ai, eu me sinto outra pessoa... Estou conseguindo, assim, encontrar meu caminho de paz de verdade, que eu já fui internada e na outra eu não sei o que eu fiz que eu não consegui encontrar o que eu encontrei aqui, aqui eu encontrei Deus, lugar abençoado por Deus aqui. O que me faltava eu conseguia encontrar aqui, que foi a palavra, porque aqui a gente não lê a palavra, a gente vive a palavra, então a gente vive o evangelho e era isso que eu não tinha lá, porque eu lia a bíblia, lia e colocava lá e pronto, mas aqui eu to aprendendo a seguir a Jesus e me fez... se eu fizer a minha vida vai ser diferente. Se eu realmente amar as pessoas a minha vida vai ser diferente. Fazer para as pessoas o que eu gostaria que fizesse por mim, sabe.. aqui tá mudando totalmente a maneira de eu ver a minha vida, sabe... que saber que problemas todo mundo tem, que eu não sou a pessoa mais sofredora do mundo, que tudo aconteceu na minha vida devido as escolhas. Que se eu tivesse tido Deus eu não teria tomado essas escolhas errada. Eu acho aqui um lugar maravilhoso, eu realmente acho que aqui é de Deus.

ANEXOS

ANEXO A

Termo de Compromisso do Pesquisador Responsável

Eu, **Mônica Maria Nunes da Trindade Siqueira**, pesquisador responsável pelo projeto de pesquisa intitulado: “**Preconceitos vividos pela mulher dependentequímica**”, comprometo-me dar início a este projeto somente após a aprovação do Sistema CEP/CONEP (em atendimento ao Artigo 28 parágrafo I da Resolução 510/16 e XI.2 item A ou da Resolução 466/12).

Em relação à coleta de dados, eu pesquisador responsável, asseguro que o caráter de anonimato dos participantes desta pesquisa será mantido e que as suas identidades serão protegidas.

As fichas clínicas e/ou outros documentos não serão identificados pelo nome.

Manterei um registro de inclusão dos participantes de maneira sigilosa, contendo códigos, nomes e endereços para uso próprio.

Os Termos assinados pelos participantes serão mantidos em confiabilidade estrita, juntos em um único arquivo, físico ou digital, sob minha guarda e responsabilidade por um período mínimo de 05 anos.

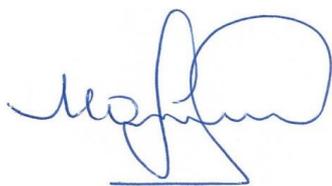
Asseguro que os participantes desta pesquisa receberão uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; Termo de Assentimento (TA, quando couber), Termo de Uso de Imagem (TUI, quando couber) e TI (Termo Institucional, quando couber).

Comprometo-me apresentar o relatório final da pesquisa, e os resultados obtidos, quando do seu término ao Comitê de Ética - CEP/UNITAU, via Plataforma Brasil como notificação.

O sistema CEP-CONEP poderá solicitar documentos adicionais referentes ao desenvolvimento do projeto a qualquer momento.

Estou ciente que de acordo com a Norma Operacional 001/2013 MS/CNS 2.2 item E, se o Parecer for de pendência, terei o prazo de 30 (trinta) dias, contados a partir da emissão na Plataforma Brasil, para atendê-la. Decorrido este prazo, o CEP terá 30 (trinta) dias para emitir o parecer final, aprovando ou reprovando o protocolo.

Taubaté, 29 de maio de 2019.



Mônica Maria Nunes da Trindade Siqueira

ANEXO B**Termo de Consentimento para realização de pesquisa na Instituição
(Declaração de Infra Estrutura)****DECLARAÇÃO DE INFRAESTRUTURA**

Eu, Daniela Santos Lima, na qualidade de responsável pela Fazenda da Esperança Mãe da Esperança, autorizo a realização da pesquisa intitulada **“Preconceitos vividos pela mulher dependente química”** a ser conduzida sob a responsabilidade do pesquisador Prof^a Ma. Mônica Maria Nunes da Trindade Siqueira; e DECLARO que esta instituição apresenta infra estruturada necessária para a realização da referida pesquisa.

Esta declaração é válida apenas no caso de haver parecer favorável do Comitê de Ética da Universidade de Taubaté – CEP/UNITAU para a referida pesquisa.

Guaratinguetá, 28 de Maio de 2019

Centro Feminino
Fazenda da Esperança
CNPJ: 48.555.775/0068-67

Daniela Santos Lima

Daniela Santos Lima

ANEXO C

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do participante

O Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa “PRECONCEITOS VIVIDOS PELA MULHER DEPENDENTEQUÍMICA”, sob a responsabilidade do pesquisador “PROF^a MA.MÔNICA MARIA NUNES DA TRINDADE SIQUEIRA”. Nesta pesquisa pretendemos “Conhecer a percepção da dependência de medicamentos que apresentam benzodiazepínicos em sua composição pelos usuários.” por meio de

- **Local onde será realizada a pesquisa:** Fazenda da Esperança –Guaratinguetá - SP
- **População alvo da pesquisa:** 3 mulheres dependentes químicas
- **Instrumento /técnica da pesquisa:** entrevista semiestruturada
- **Período de realização da pesquisa** (julho/2019)".

Há **benefícios e riscos** decorrentes de sua participação na pesquisa. Os **benefícios** consistem em “*Pretende-se com este estudo contribuir com a sociedade para que a população participe mais em conselhos e cobrem do governo melhorias nas políticas de saúde existentes, no sentido de prevenção ao uso irracional de medicamentos que apresentam benzodiazepínicos em sua composição*” e os **riscos** “*são mínimos para os participantes envolvidos. Na realização da **Entrevista Semiestruturada com as mulheres dependentes químicas**, os riscos que poderão ocorrer seriam desconfortos emocionais ao lembrarem de situações traumáticas vivenciadas por eles.*”. Entretanto para evitar que ocorram danos “*serão explicitados aos participantes antes do início da entrevista, os procedimentos éticos previstos para pesquisa com seres humanos - sigilo, anonimato, desistência em responder as questões ou participar da pesquisa a qualquer momento sem retaliação ou constrangimento além de criar um clima acolhedor, sem pressão para responder as questões ou a entrevista poderá ser interrompida a qualquer momento*”. Caso haja algum **dano** ao participante será garantido ao mesmo procedimentos que visem à reparação e o direito à indenização.

Para participar deste estudo o Sr.(a) não terá nenhum custo “*se necessário haverá um encaminhamento à rede sócio assistencial para o acompanhamento psicológico*” nem receberá qualquer vantagem financeira. O Sr.(a) receberá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para recusar-se a participar e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O(A) Sr.(a) não será identificado em nenhuma fase da pesquisa e nem em publicação que possa resultar. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa

ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Este termo de consentimento encontra-se **impresso em duas vias**, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Para qualquer outra informação o(a) Sr.(a) poderá entrar em contato com o pesquisador por telefone (12-99704-5954 inclusive ligações à cobrar ou e-mail (monica.mnts@uol.com.br).

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, o(a) Sr.(a) poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNITAU na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – centro – Taubaté, telefone (12) 3635-1233, e-mail: cep@unitau.br

O pesquisador responsável declara que a pesquisa segue a Resolução CNS 466/12.



Rubricas: pesquisador responsável _____ participante _____

NOME DO PESQUISADOR: Mônica Maria Nunes da Trindade Siqueira

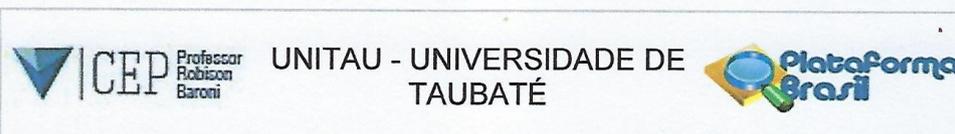
CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu, _____, portador do documento de identidade _____ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa “PRECONCEITOS VIVIDOS PELA MULHER DEPENDENTE QUÍMICA”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações sobre a pesquisa e me retirar da mesma sem prejuízo ou penalidade.

Declaro que concordo em participar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

_____, _____ de _____ de 20__.

_____ Assinatura do(a) participante

ANEXO D**Parecer de aprovação do Projeto de Pesquisa pelo Comitê de Ética****PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Preconceitos vividos pela mulher dependente química.

Pesquisador: Mônica Maria Nunes da Trindade Siqueira

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 15034319.8.0000.5501

Instituição Proponente: Universidade de Taubaté

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.406.962

Apresentação do Projeto:

A pesquisa será realizada junto a três(03) mulheres em processo de tratamento da dependência química em uma comunidade terapêutica, mulheres em situação de vulnerabilidade social, que trabalham na Fazenda da Esperança Mãe Esperança. Por se tratar de uma pesquisa de natureza qualitativa, buscar-se-á através das experiências dos entrevistados compreender como se dá o preconceito com a mulher dependente química

envolvida com drogas. Os dados serão coletados através de entrevista semiestruturada e posteriormente serão analisados e agrupados conforme os objetivos da pesquisa.

Objetivo da Pesquisa:

Compreender como se dá o preconceito com a mulher dependente química envolvida com drogas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Adequada avaliação de riscos e benefícios.

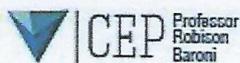
Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto atende os preceitos éticos da Resolução 510/16

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresentados adequadamente.

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210
Bairro: Centro **CEP:** 12.020-040
UF: SP **Município:** TAUBATE
Telefone: (12)3635-1233 **Fax:** (12)3635-1233 **E-mail:** cep@unitau.br



UNITAU - UNIVERSIDADE DE
TAUBATÉ



Continuação do Parecer: 3.406.962

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté, em reunião realizada no dia 14/06/2019, e no uso das competências definidas na Resolução CNS/MS 510/16, considerou o Projeto de Pesquisa: APROVADO.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1369864.pdf	03/06/2019 19:44:43		Aceito
Folha de Rosto	Ana_Laura.pdf	03/06/2019 19:43:49	Mônica Maria Nunes da Trindade Siqueira	Aceito
Outros	PERGUNTAS.pdf	03/06/2019 13:11:29	Mônica Maria Nunes da Trindade Siqueira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	03/06/2019 13:09:48	Mônica Maria Nunes da Trindade Siqueira	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.pdf	03/06/2019 13:05:26	Mônica Maria Nunes da Trindade Siqueira	Aceito
Orçamento	ORcAMENTO.pdf	03/06/2019 13:02:49	Mônica Maria Nunes da Trindade Siqueira	Aceito
Declaração de Pesquisadores	PESQUISADOR.pdf	03/06/2019 13:01:46	Mônica Maria Nunes da Trindade Siqueira	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	INFRAESTRUTURA.pdf	03/06/2019 13:00:25	Mônica Maria Nunes da Trindade Siqueira	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	03/06/2019 12:57:44	Mônica Maria Nunes da Trindade Siqueira	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210
 Bairro: Centro CEP: 12.020-040
 UF: SP Município: TAUBATE
 Telefone: (12)3635-1233 Fax: (12)3635-1233 E-mail: cep@unitau.br



UNITAU - UNIVERSIDADE DE
TAUBATÉ



Continuação do Parecer: 3.406.962

Não

TAUBATE, 24 de Junho de 2019

Assinado por:
José Roberto Cortelli
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210
Bairro: Centro **CEP:** 12.020-040
UF: SP **Município:** TAUBATE
Telefone: (12)3635-1233 **Fax:** (12)3635-1233 **E-mail:** cep@unitau.br



Departamento de Serviço Social
 Rua Visconde do Rio Branco nº22
 Taubaté – SP CEP: 12020-040
 Telefone: (12) 3621.8958 FAX: (12) 3621-8958
 Email: ssocial.unitau@gmail.com

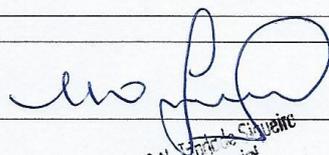
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL - 2019
TRABALHO DE GRADUAÇÃO

PARECER AVALIATIVO

Título: PRECONCEITOS VIVIDOS PELA MULHER DEPENDENTE QUÍMICA	
Estudante: ANA LAURA GONÇALVES FRANCISCO	
Membro da Banca/CRESS: MÔNICA MARIA NUNES DA TRINDADE SIQUEIRA CRESS Nº 15.853	Categoria: PROFESSOR ORIENTADOR

O tema dependência química sempre é atual, o tráfico de drogas é um dos elementos que alimentam o sistema capitalista na lógica do ter, consumir e o ser individual, mas primordialmente alimentam a roda financeira onde circulam o dinheiro ilegal. Foi possível perceber o processo de mediação que a aluna fez quando transita da singularidade e universalidade para a particularidade. Isto fica evidente quando discute e analisa: de um lado como os entrevistados se envolveram com a droga e de outro os reflexos do sistema capitalista na sociedade – as drogas - para apontar ao final, duas questões que culminam com a particularidade: a dependência química da mulher e a questão de gênero. A reflexão articulada entre dependência química e gênero com foco na mulher traz para a reflexão alguns pontos que merecem destaques. A primeira delas é a reprodução do machismo no meio onde circulam as drogas. Se o machismo permeia a sociedade que vivemos, não seria diferente encontrar no mundo das drogas, a submissão e humilhação da mulher diante de um contexto de hierarquia bem demarcada onde a violência contra a mulher se faz presente e de forma contundente. Se no campo familiar é presente a desigualdade de gênero onde a mulher ainda é a responsável pelo cuidado dos filhos, quando ela se envolve com o uso de drogas há uma culpabilização maior pela responsabilidade nestes cuidados. O sentimento daqueles que estão no convívio social com a mulher dependente química é de decepção e cobrança dos papéis esperados que a mulher assuma. Outro destaque do trabalho foi a forma objetiva e clara de como a aluna abordou a criminalização da mulher em relação as drogas. Ressalta-se que o apoio familiar continua sendo um dos fatores preponderantes no tratamento da DQ. O aprofundamento

do tema é percebido claramente na introdução e considerações finais da pesquisa bem como em todo o trabalho. A aluna apresenta rapidez de raciocínio principalmente na elaboração dos procedimentos metodológicos de acordo com os objetivos desta investigação. A aluna realizou o tratamento dos dados com objetividade uma vez que possuía clareza quanto ao objeto de pesquisa. A relação entre as categorias de análise, os objetivos específicos e o objeto de estudo ficaram evidentes durante a análise dos dados. Percebeu-se facilidade na escrita para exposição das ideias. O trabalho apresenta reflexão crítica sobre o tema. A bibliografia é atual e pertinente ao objeto de estudo. Durante a leitura do TG percebe-se coerência nas ideias e organização do trabalho como um todo.



Taubaté, 17 de dezembro de 2019

Mônica M. M. de Souza
Assistente Social
CRP 515 15.053



Departamento de Serviço Social
 Rua Visconde do Rio Branco nº22
 Taubaté – SP CEP.: 12020-040
 Fone: (12) 3625-4240; Fone/fax: (12) 3621-8958
ssocial@unitau.br

TRABALHO DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL - 2019

PARECER AVALIATIVO

Título: Preconceitos vividos pela mulher dependente química	
Estudante: Ana Laura Gonçalves Francisco	
Membro da Banca: Andréa Miranda CRESS: 3654	Categoria: Assistente Social ou Profissional convidado

PARECER

Primeiramente quero agradecer à Aluna Ana Laura pelo convite e parabenizá-la pela escolha do tema.

A temática da mulher dependente química, trabalhada na pesquisa, muito vem a contribuir para uma análise reflexiva de forma dialética, para atuação profissional do assistente social, frente ao contexto de marginalização do ser humano e das idéias pré-estabelecidas perante as demandas apresentadas pela mulher dependente química e seus familiares.

Os objetivos e a metodologia da pesquisa foram eficientes, aja visto que o relato das sujeitas vem em conformidade com as estatísticas apresentadas no decorrer da pesquisa.

Na página 45 é evidenciado o sexismo racial que ainda é uma questão pouco abordada no nosso fazer profissional, no que tange o aporte teórico apresentado. É contundente e nos leva a perceber uma inconstância do Estado na defesa e efetivação dos direitos da pessoa usuária de drogas.

Parabéns a você Ana Laura e à professora Monica Maria Nunes da Trindade Siqueira por nos trazerem conteúdos ousados e pertinentes.

Local/Data: Taubaté 17 de Dezembro de 2019



Andréa Miranda